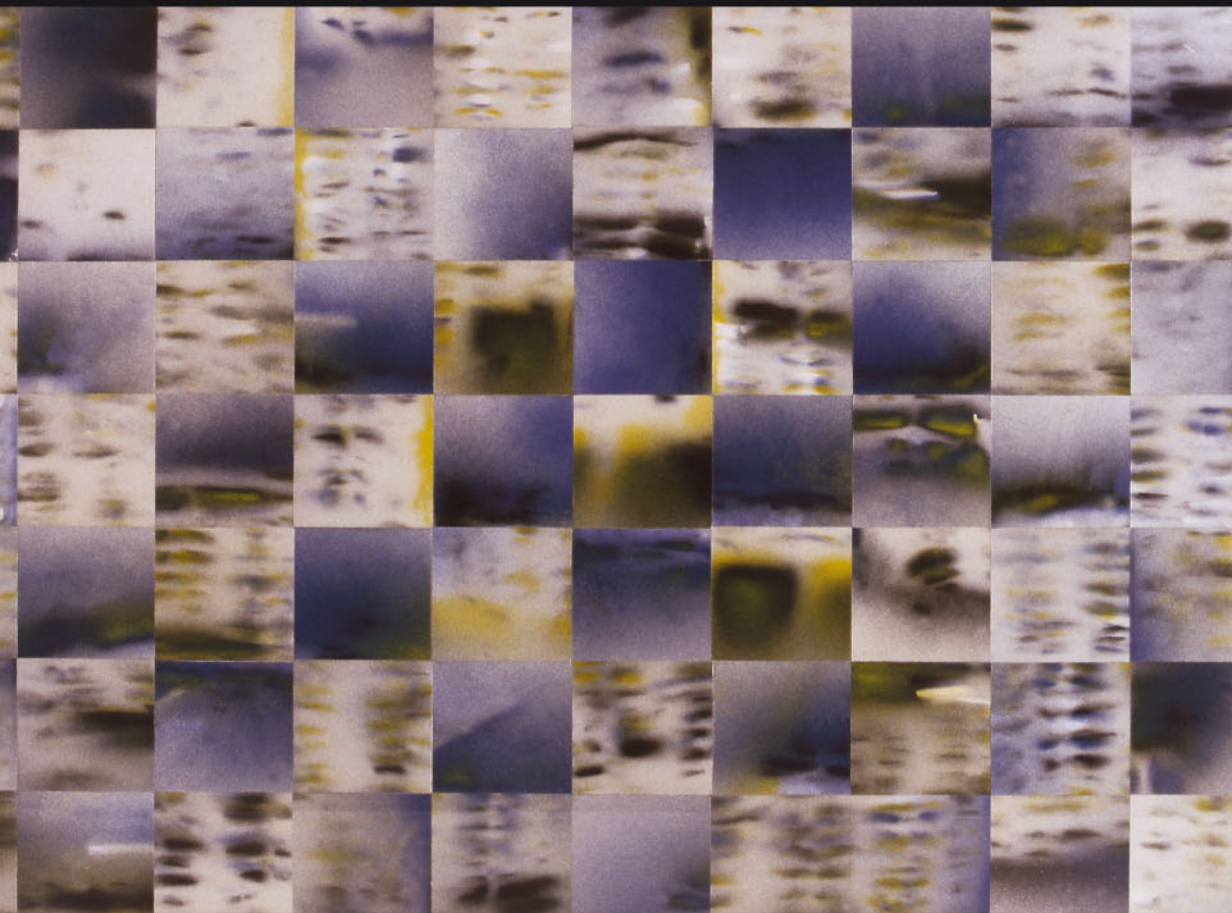


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



CONTOS II

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

© 2003 Carlos Reis, Marie-Hélène Piwnik e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Contos II

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Capa: a partir de um excerto de uma pintura
a *spray* sobre cartolina de Eduardo Nery,
Modulação Luminosa VI, 1984, 63 cm × 90 cm

Tiragem: 1300 exemplares

Data de impressão: Junho de 2003

ISBN: 972-27-1251-9

Depósito legal: 195 655/03

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis
Apoio: Ministério da Cultura

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

O Mistério da Estrada de Sintra

O Crime do Padre Amaro (1.^a versão)

* O Crime do Padre Amaro (2.^a e 3.^a versões)

O Primo Basílio

* O Mandarim

A Relíquia

Os Maias

Contos I

Semi-póstumos e Póstumos

A Correspondência de Fradique Mendes

* A Ilustre Casa de Ramires

A Cidade e as Serras

* Contos II

Lendas de Santos

* A Capital

O Conde de Abranhos

* Alves & C.^a

A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»

Textos de Imprensa I

Textos de Imprensa II

Textos de Imprensa III

* Textos de Imprensa IV

Textos de Imprensa V

* Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

Cartas públicas

Cartas privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

O Egipto e outros relatos

VÁRIA

Almanaques e outros dispersos

TRADUÇÕES

Philidor

As Minas de Salomão

* Volumes publicados

CONTOS II

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS
Ficção, Semi-póstumos e Póstumos

Contos II

Edição de
Marie-Hélène Piwnik

Imprensa Nacional-Casa da Moeda
2003

Nota prefacial

A presente edição de quatro contos de Eça de Queirós, nas circunstâncias em que ocorre e tendo em conta os motivos que a explicam, carece de uma explicação preambular desdobrada em, pelo menos, dois níveis distintos.

Em primeiro lugar, este volume, intitulado *Contos II*, integra aquela secção da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós que compreende textos de ficção póstumos e semi-póstumos. De acordo com o critério organizativo que nesta edição crítica tem sido seguido, estes relatos partilham de uma condição que os aproxima de títulos bem conhecidos e já editados nesta série como *A Capital!* ou *Alves & Cia*. Trata-se, como é sabido e a crítica queirosiana nos últimos anos frequentemente tem realçado, de textos deixados na oficina do escritor em estádios muito distintos de elaboração e provindos também de épocas muito diferentes, textos às vezes susceptíveis de datação apenas conjecturada. Em todo o caso, a história destes contos, apesar da sua condição póstuma, é bem menos acidentada do que, por exemplo, a d'*A Capital!* ou a d'*A Tragédia da Rua das Flores*; e contudo, ela não pode ignorar que as suas primitivas edições foram afectadas por decisões editoriais mais do que discutíveis. Referimo-nos aqui às leituras levadas a cabo pelos filhos do escritor, desembocando nas edições de 1925 («A Catástrofe»), de 1929 («Um Dia de Chuva» e «Engelberto») e de 1966 («Sir Galahad»), em volumes referidos na secção de Notas Biobibliográficas que adiante se insere. Por muito louváveis que tenham sido as intenções que presidiram a essas publicações, a verdade é que o rigor que preside a uma edição como a presente obriga à nova leitura que agora se fez, corrigindo e esclarecendo o que nessas edições primitivas

(e mesmo noutras mais recentes) se apresentava duvidoso, discutível ou mesmo equivocado.

Em segundo lugar, a publicação de *Contos II* corresponde, de facto, a uma reorganização do cânone dos textos queirosianos, reorganização de base genológica que está já a ser seguida por edições que se seguiram a esta edição crítica: é o caso, por exemplo, da *Obra Completa* da Nova Aguilar, coordenada por Beatriz Berrini. Isso não impede, como é óbvio, que noutras iniciativas editoriais, com o propósito de ampla divulgação que não é o de uma edição crítica, eventualmente se recuperem designações e respectivas recolhas de títulos póstumos (desejavelmente tendo em conta os textos criticamente fixados), que a tradição editorial queirosiana, bem ou mal, acabou por consagrar junto do grande público.

Esta edição beneficia, naturalmente, do cuidado e do rigor colocado na leitura dos manuscritos queirosianos e na sua apresentação crítica por Marie-Hélène Piwnik. Trata-se, como é sabido, de uma estudiosa com amplas provas dadas não apenas no campo dos estudos queirosianos, mas também noutros domínios dos estudos hispânicos e portugueses. Daí que o seu contributo, mesmo com as dificuldades e com as cautelas a que os póstumos de Eça obrigam, deva ser considerado um passo decisivo na clarificação do cânone queirosiano.

Os trabalhos que conduziram à presente edição crítica tiveram o apoio do Ministério da Cultura, que aqui agradeço, do mesmo modo que desejo realçar a continuidade editorial que pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda tem sido assegurada a este projecto.

CARLOS REIS

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	15
1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS	15
2. «A CATÁSTROFE»	17
2.1. AS EDIÇÕES	17
2.2. O MANUSCRITO	18
2.3. DATAÇÃO DO TEXTO	19
2.4. AS ALTERAÇÕES DA PRIMEIRA EDIÇÃO	31
3. «UM DIA DE CHUVA»	34
3.1. AS EDIÇÕES	34
3.2. O MANUSCRITO	35
3.3. DATAÇÃO DO TEXTO	35
3.4. AS ALTERAÇÕES DA PRIMEIRA EDIÇÃO	42
4. «ENGHELBERTO»	43
4.1. AS EDIÇÕES	43
4.2. O MANUSCRITO	43
4.3. DATAÇÃO DO TEXTO	44
4.4. AS ALTERAÇÕES DA PRIMEIRA EDIÇÃO	47
5. «SIR GALAHAD»	50
5.1. AS EDIÇÕES	50
5.2. O MANUSCRITO	51
5.3. DATAÇÃO DO MANUSCRITO	52
5.4. A PRIMEIRA EDIÇÃO	55
6. CRITÉRIOS DA PRESENTE EDIÇÃO	57

7. CRITÉRIOS PARA A FIXAÇÃO DO TEXTO <i>NE VARIETUR</i>	58
7.1. ORTOGRAFIA	58
7.2. <i>USUS SCRIBENDI</i>	58
7.3. APARATO CRÍTICO	60
 TEXTO CRÍTICO	 61
«A CATÁSTROFE»	63
«UM DIA DE CHUVA»	77
«ENGHELBERTO»	101
«SIR GALAHAD»	119
 <i>Notas biobibliográficas</i>	 135

INTRODUÇÃO

1. CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Os quatro contos manuscritos cuja edição nos foi confiada têm em comum o facto de pertencerem aos chamados escritos póstumos de Eça de Queirós. Dois destes textos podem ser classificados como realistas ou contemporâneos, *grosso modo*, do autor: «A Catástrofe» e «Um Dia de Chuva». Os outros dois têm a ver com as preocupações neo-medievalizantes de Eça. Trata-se de «Enghelberto» e de «Sir Galahad». Para além disso, estes quatro manuscritos faziam parte, segundo Guerra da Cal ¹, dos documentos encontrados no escritório do roman-

¹ Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz, Apéndice, Bibliografía queirociana sistemática y anotada*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1975, t. 1. Item n.º 1327, p. 385: «‘A Catástrofe’, segunda narración incluída en este volumen [do *Conde de Abranhos*] era también inédita, y fue asimismo hallada entre los papeles contenidos en el tal cofre de hierro». Item n.º 1392 (*Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*), p. 405: «En la sección «Contos» — pp. 91-171 — aparecen dos escritos narrativos incompletos, el primero ‘Um dia de Chuva’, es un trabajo cuyo original apareció en las tantas veces mencionada maleta de hierro donde se guardaron los papeles de Eça a sua muerte. [...] ‘Enghelberto’, el segundo relato inédito de esta sección, que tiene la misma procedencia del anterior». O item n.º 1263 (*Últimas Páginas*), p. 357, depois de evocar os trabalhos incluídos neste volume, indica: «Los manuscritos de todos ellos fueron hallados en un cofre de hierro en que se pusieron todos los papeles literarios que el novelista tenía en su sala de trabajo de Neuilly, quando

cista, quando da sua morte, em Neuilly, e guardados numa pequena mala de ferro que ficou célebre depois que o filho do romancista descobriu o seu conteúdo, em 1924. O cofre, levado para Tormes, integrou os arquivos queirosianos, organizados inicialmente pelo filho mais velho do escritor, José Maria, depois pela sua filha, D. Maria. Um último elemento liga estes textos uns aos outros: as alterações a que foram sujeitos — de maior ou menor importância se se tratar dos três primeiros, totalmente revistos e/ou até reescritos pelo filho mais velho de Eça, ou de «Sir Galahad», revisto e transcrito meticolosamente por D. Maria.

Notemos ainda que, dos quatro contos, dois devem ser entendidos como narrativas acabadas, «A Catástrofe» (ao contrário do que tradicionalmente se afirma, mesmo se entendido somente como o episódio de uma ficção mais desenvolvida) e «Um Dia de Chuva». Os outros dois, «Engelberto» e «Sir Galahad», apresentam-se como rascunhos lacunares e inacabados.

O nosso trabalho de edição consiste portanto em restabelecer a exactidão do texto, na medida do possível e do nosso possível, sem esquecer porém as leituras que precederam, a dos herdeiros do escritor e a da Prof.^a Beatriz Berrini, que organizou a mais recente publicação da *Obra Completa*, adaptada às normas da ortografia brasileira (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997, vol. II) ².

murió, en 1900. De ese cofre habrían de salir años más tarde otra serie de autógrafos inéditos olvidados, que los hijos de Eça dieron a conocer». E, destes textos, cita o item n.º 1410, p. 412, dedicado a *Folhas Soltas. Palestina. — Alta Síria. — Sir Galahad. — Os Santos*. Notemos que G. da Cal considera inútil repetir esta afirmação no item n.º 1410, qualificando *Folhas Soltas* como «nuevos originales inéditos existentes entre los papeles póstumos de su padre» (ou seja do pai de D. Maria de Eça de Queiroz).

² Não considerámos aqui a edição de Helena Cidade Moura para o volume II da *Obra Completa* publicada por Aguilar no Rio de Janeiro em 1970, sob a responsabilidade de João Gaspar Simões, e adaptada às normas da ortografia brasileira, na medida em que não assenta numa releitura dos manuscritos em questão, isto é, «Engelberto» e «Um Dia de Chuva»,

2. «A CATÁSTROFE»

2.1. *As edições*

«A Catástrofe» é publicada em 1925, pela Livraria Chardron de Lello & Irmão, num conjunto de textos intitulado *O Conde d'Abranhos. Notas biográficas por Z. Zagalo e A Catástrofe*. O conto preenche as páginas 265 a 290. Trata-se, como nos informa Guerra da Cal³, do segundo volume da série das obras póstumas organizada por José Maria Eça de Queirós. Existem várias reedições desta versão. Encontramo-la também, com ligeiras correcções ortográficas⁴, no volume XIII das *Obras de Eça de Queiroz* publicadas por Lello & Irmão em 1948 e conhecidas como *Edição do Centenário*. Beatriz Berrini, na sua recente edição da *Obra Completa*, propõe a sua leitura pessoal do manuscrito (vol. II)⁵.

ao contrário do que pensava Guerra da Cal: «Los [textos] de [...] 'Engelberto' y 'Um Dia de Chuva' fueron especialmente preparados para esta edición por la misma investigadora [H. Cidade Moura], a base de nuevas lecturas de los manuscritos existentes en Tormes» (*op. cit.*, t. 1, p. 575). Na realidade, Helena Cidade Moura declara, na sua «Anotação liminar»: «Os textos desta edição tentam reproduzir fielmente aqueles que Luís de Magalhães escolheu» (*Obra Completa, op. cit.*, vol. 1, p. 1086). Mas é evidente que, para «Engelberto» e «Um Dia de Chuva», tinha acesso apenas à edição de José Maria ou aos manuscritos. E tudo indica que optou pela edição de José Maria, que é reproduzida sem qualquer modificação a não ser ortográfica. Por conseguinte, os comentários feitos sobre as alterações existentes na edição de José Maria são válidas para a de Helena Cidade Moura.

³ *Op. cit.*, p. 384.

⁴ Sobre as manipulações ortográficas e outras «rectificações», v. Guerra da Cal, *op. cit.*, item n.º 1911, p. 562.

⁵ Guerra da Cal, *op. cit.*, item n.º 1918, p. 575, indica, evocando a edição brasileira de 1970: «En el caso de 'A Catástrofe' cuya versión impresa presenta algunas divergencias con el texto del manuscrito, infelizmente los editores resolvieron usar la versión viciada de la edición de 1925 en vez de la nueva lección corregida de la Sra. Moura, fiel al original autógrafa». Tentámos contactar Helena Cidade Moura para nos facultar o texto que estabelecera nessa época, mas não obtivemos resposta, e supomos que se extraviou. O curioso, para não dizer contraditório, é que, no item n.º 1327

2.2. O *manuscrito*

O manuscrito de «A Catástrofe» (Esp. E1/292) é composto por 17 folhas autógrafas, de 24 cm × 19,3 cm, um pequeno formato, escritas a lápis, frente e verso, e praticamente sem margem nem parágrafos. Não apresenta nenhum título, nenhuma assinatura, a caligrafia é regular e as páginas foram numeradas por um dos filhos do romancista ⁶. Com o tempo, ficou bastante danificado. As rasuras e as correcções foram feitas pelo autor. Tudo indica que se trata de um primeiro esboço.

Curiosamente, o verso da décima sétima e última página não foi transcrito nas edições de referência, a de José Maria e a de Beatriz Berrini. Na primeira edição, foi acrescentado um ponto exclamativo um pouco antes do final da página 17, acabando o texto com a seguinte frase:

E há uma consolação, uma alegria íntima, em pensar que à mesma hora, por quase todos os prédios da cidade, a geração que se prepara está celebrando, no mistério das suas salas, dum modo quase religioso, as antigas festas da Pátria! («A Catástrofe», ed. de 1925, p. 90.)

Na edição de Beatriz Berrini, a página 17 aparece transcrita na totalidade, o texto termina com um membro de frase inacabado e uma nota que precisa «Termina aqui o manuscrito»:

E há uma consolação, uma alegria íntima, em pensar que à mesma hora, por quase todos os prédios da cidade, a geração que se prepara, está celebrando, no mistério das suas salas, dum modo quase religioso, as antigas festas da Pátria... E depois, à noite, em roda (*Obra Completa*, Ed. Nova Aguilar, 1997, vol. 2, p. 1833).

(*O Conde de Abranhos*. [...] e *A Catástrofe*), referindo-se a «A Catástrofe» precisamente, Guerra da Cal escreve: «Según Helena Cidade Moura, el texto aquí publicado de esta narración difiere del manuscrito en una frase del principio». Veremos que, na realidade, o conto é alterado em grande parte na edição de 1925.

⁶ Guerra da Cal, *op. cit.*, p. 385: «Hojas [...] numeradas por uno de los hijos, José Maria o Alberto.».

Mas a leitura a que obriga o manuscrito, e que deve ter em conta o verso da página 17, é a seguinte (o fragmento restituído encontra-se em itálico):

E há uma consolação, uma alegria íntima, em pensar que à mesma hora, por quase todos os prédios da cidade, a geração que se prepara, está celebrando, no interior de uma sala, dum modo quase religioso, as antigas festas da pátria... E depois, à noite, em roda / *do candeeiro, como um curso de história nacional, conto aos meus rapazes, esta história, dum patriota.* (Ms. de «A Catástrofe», p. 17 frente e verso, ortografia actualizada.)

Não temos explicação para a supressão destas duas linhas, cuja restituição nos permite portanto considerar «A Catástrofe» como uma narrativa acabada, uma «história», a de um patriota, e não como um fragmento incompleto.

2.3. *Datação do texto*

Costuma-se considerar que «A Catástrofe» está relacionada com o projecto queirosiano de um romance ambicioso, *A Batalha do Caia*, do qual são conhecidas apenas duas folhas manuscritas⁷: um início de narrativa e uma estrutura geral da obra, cuja ideia condutora é a invasão de Portugal pela Espanha durante uma guerra europeia e as consequências que daí resultam.

⁷ Esp. E1/232. A descrição de Guerra da Cal, *op. cit.*, item n.º 1422, não corresponde exactamente ao aspecto actual do manuscrito. Hoje, temos apenas a frente de uma primeira folha, de pequeno formato; apesar de não numerada, é seguida por uma segunda folha cuja frente indica 2, e o verso 3. Esta primeira folha é composta por catorze linhas das quais a última não está concluída, e constitui o início de uma narração autodiegética. A segunda folha, frente e verso, de grande formato, apresenta o título «Origem da Conflagração Europeia». Será que as folhas não estavam na mesma ordem quando o biógrafo as descreveu, ou terá havido alguma confusão? (Ver transcrição diplomática em C. Reis e M. do Rosário Milheiro, *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, p. 207).

A 10 de Novembro de 1878, Eça informa Ramalho que tem em mente *A Batalha do Caia*, um livro sobre o qual ele afirma: «Que escândalo no país!»⁸. No mesmo dia, escreve a Chardron, com quem já discutiu o projecto, evocando o que seria, para ele, «uma grandiosa especulação»⁹, e em Dezembro desse mesmo ano, diz ainda ao seu editor que aguarda «uma resposta de Lisboa sobre *A Batalha do Caia*», tencionando afastar-se um pouco dos seus outros trabalhos para se dedicar a esse romance: «isso é que é negócio — e isso é que é livro»¹⁰.

Ramalho não acolhera o projecto com entusiasmo e tentou dissuadir o amigo de o pôr em prática¹¹. Esta sua atitude e sem dúvida outras razões levaram Eça a desistir¹². Todavia o paradoxo de um ataque espanhol regenerador surgirá, de novo, na obra romanesca: recordamos o famoso excerto d'*Os Maias* (1888) em que Eça imagina uma invasão revigoradora para a «choldra»¹³. O que não impedirá Eça, passa-

⁸ Eça de Queirós, *Correspondência*, org. Guilherme de Castilho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983, vol. 1, pp. 163 e segs.: «O que eu quero fazer, é dar um grande choque eléctrico ao enorme porco adormecido (refiro-me à Pátria)». Após esta brutal introdução, declara que se «'O Primo Basílio' se vendeu — porque se não há-de vender a 'Batalha do Caia'?»; supõe porém que o romance não será bem recebido pelas autoridades diplomáticas. Na verdade, importaria reler a carta toda.

⁹ Eça de Queiroz, *Obra Completa*, org. Beatriz Berrini, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2000, vol. IV, p. 838.

¹⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 838-839.

¹¹ Beatriz Berrini, «Nota» aos *Textos Póstumos*, *op. cit.*, vol. III, p. 1629.

¹² V. sobre este ponto uma carta a Ramalho de 28 de Novembro de 1878, *Correspondência*, *op. cit.*, pp. 168 e segs.

¹³ «Ega, porém, incorrigível nesse dia, soltou outra enormidade: — Portugal não necessita reformas, Cohen, Portugal o que precisa é a invasão espanhola. [...] Invasão não significa perda absoluta de independência. [...] Depois ninguém consentiria em deixar cair nas mãos de Espanha, nação militar e marítima, esta bela linha de costa de Portugal [...] Não havia perigo: o que aconteceria, dada uma invasão, num momento de guerra europeia, seria levarmos uma sova tremenda [...] Sovados, humilhados, arrasados, escalavrados, tínhamos de fazer um esforço desesperado para viver. [...] E começava-se uma história nova, um outro Portugal, um Por-

dos três anos, numa carta ao conde d'Arnos de 10 de Agosto de 1891, de deixar transparecer uma verdadeira preocupação, no momento em que receia assistir ao triunfo de uma revolução em Portugal, apoiada pelos militares, sendo a Marinha republicana e prevendo-se então uma intervenção espanhola. E acrescenta:

Penso que os Republicanos espanhóis (que antes de republicanos são espanhóis e patriotas) estão animando os nossos a fazer a revolução — com este fim supremo de que se realize a conquista ¹⁴.

Nota-se que a preocupação queirosiana, de carácter lúdico ou grave, é uma constante, e é nessa perspectiva cronológica que se devem comparar os textos d'*A Batalha* e d'«A Catástrofe». As semelhanças existem, sem sombra de dúvidas. Na introdução ao projecto d'*A Batalha*, rebenta um conflito europeu após um tratado secreto entre a França e a Alemanha na perspectiva de uma reorganização do mapa da Europa através de anexações em prejuízo dos pequenos estados. A Alemanha ficaria então com a Dinamarca e a Holanda, a França com a Bélgica e as províncias perdidas em 1870, a Áustria com a Sérvia, etc. A Inglaterra declara a guerra e a Espanha invade Portugal.

Em «A Catástrofe», a guerra na Europa, que precede a ocupação de Portugal, é «violentamente provocada pela Alemanha invadindo a Holanda», e o narrador acrescenta que «parecia ter chegado o dia terrível em que desapareceriam na Europa as pequenas nacionalidades...».

O manuscrito d'*A Batalha* (E1, 232) evoca as razões pelas quais Portugal é antecipadamente um país derrotado:

Vê-se que Portugal perdera há muito todas as condições duma nacionalidade. O sistema de educação, e a corrupção política

tugal sério e inteligente, forte e decente, estudando, pensando, fazendo civilização como outrora... Meninos, nada regenera uma nação como uma medonha tarefa...» (*Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 167-168).

¹⁴ *Correspondência*, op. cit., vol. 2, p. 170 e segs.

produziram duas terríveis circunstâncias — 1.º uma grande debilidade física, e inaptidão às fadigas duma campanha — 2.º uma absoluta falta de patriotismo. Consequência — ao apelo feito pelo governo, poucos voluntários se alistam, e os que aparecem trazem no seu aspecto débil, escrita já a derrota. As classes burguesas mostram um egoísmo, um terror que é a melhor condenação do constitucionalismo; a aristocracia, essa, foge. Os voluntários que se conseguem reunir nem têm armas nem munições, nem comissariado nem oficiais. O exército de linha está na maior indisciplina: o serviço de transporte, ambulâncias, comunicações telegráficas, comissariado, nada disso existe (p. 2, frente, ortografia actualizada).

Esses elementos estão, com algumas diferenças, presentes em «A Catástrofe». É assim que o narrador, ao observar a sentinela estrangeira sob as suas janelas, não pode deixar de compará-la à sentinela portuguesa que, em tempos, estava no mesmo lugar. A força e a debilidade físicas entram em confronto: o primeiro é um «rapagão sólido, bem plantado sobre as pernas, de cara decidida, e olho reluzente». O outro era «sujo, encolhido, enfarado, enfezado do mau ar dos quartéis e da insalubridade dos ranchos». E chega à conclusão que é na superioridade de «tipo e de raça» do inimigo que se encontra toda a explicação para a catástrofe. Mas se é realçada a falta de meios para explicar a derrota, o mais grave continua a ser a fraqueza moral, a falta de patriotismo, para os quais o narrador prefere chamar a atenção:

Às vezes, soam-me ao ouvido as acusações tantas vezes repetidas do tempo da luta: não tínhamos nem exército, nem quadros, nem artilharia, nem defesa, nem armas... Qual! O que não tínhamos eram almas... Era isso que estava morto, apagado, adormecido, desnacionalizado, inerte...

No entanto, durante a batalha, é-lhe impossível esconder a deficiente preparação da tropa:

Eu ia então com os meus companheiros da milícia nacional. E que milícia: tudo o que tínhamos de uniforme era um capotão improvisado!, que armas, de caça!

E reconhece que reina ali a maior das confusões: já nem sabe onde está, nem o que estará a defender...

De regresso a Lisboa, evoca as medidas que deveriam ter sido tomadas:

E pensar que durante anos nos podíamos ter preparado. E pensar que à maneira da Inglaterra, podíamos ter criado os corpos voluntários, fazendo de cada cidadão um soldado, e preparando assim de antemão um grande exército nacional de defesa, armado, equipado, disciplinado, e tendo recebido no hábito da disciplina, o orgulho da farda...

Reconhecemos também a crítica à burguesia; assim, no dia em que a guerra é declarada, o narrador encontra-se numa festa de aniversário, em casa de um amigo da burguesia lisboeta, e fica estupefacto com a reacção dos presentes:

Nas senhoras, nos homens, havia como um abatimento, uma aceitação muda da derrota futura, uma passividade inerte, de almas fracas...

Aquela sociedade, prisioneira de uma «fraqueza egoísta», mergulhada no «pavor ambiente», só pensa nos seus pequenos interesses, «perder o emprego, perder o juro das inscrições»¹⁵.

Coincidência de termos e coincidência temática apontam para a existência de uma relação entre *A Batalha do Caia* e «A Catástrofe». Mas será que podemos considerar que existe sobreposição temporal, pelo menos parcial, e que o conto funciona como matriz do romance abortado?¹⁶

¹⁵ Lembremos uma das definições de Ega para Portugal em *Os Maias* (trata-se do mesmo episódio): «Um país que vive da ‘inscrição’» (*Os Maias*, *op. cit.*, p. 167).

¹⁶ No seu prefácio a *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, José Maria declara: «Eu posso afirmar, por exemplo, que a *Catástrofe* foi escrita em 78, anteriormente aos *Maias*» (Porto, Lello & Irmão, 1946, p. XLII). Na sua introdução a *O Conde de Abranhos*, seguido d'«A Catástrofe», precisa: «Ambos escritos a lápis, a primeira [novela] num momento de bom humor, o outro, numa hora de inspiração profética, ambos presumivelmente

Não podemos de facto esquecer que o verso da p. 2 do manuscrito d'*A Batalha* evoca, na sua totalidade, uma série de acontecimentos que não surgem em «A Catástrofe»: bancarrota em Lisboa, pedido de ajuda financeira feito pelo governo ao Brasil, fracasso da tentativa brasileira porque o barco que transporta o dinheiro é acometido por um couraçado espanhol, revolução e anarquia em Lisboa, fuga do rei, ataque marítimo dos espanhóis, que dismantelam os portos portugueses, tendo Alfonso XII decidido invadir o país vizinho, e finalmente assinatura de um tratado de paz que concede uma boa parte do território nacional à Espanha. Quanto a D. Carlos, entronizado, é assistido por um Conselho de Regência espanhol que, na realidade, governa Portugal... Estas indicações permitem avançar, a meu ver, com uma hipótese de datação para *A Batalha do Caia*: sabemos que Alfonso XII reinou em Espanha de 1875 a 1885, e que D. Carlos I, nascido em 1863, subiu ao trono só em 1889, quando seu pai D. Luís I morreu. É bem possível então que o texto se situe durante a vida de Alfonso XII. A partir daí, ficamos admirados com as coincidências que existem entre a segunda folha do manuscrito e a carta dirigida a Ramalho, de 10 de Novembro de 1878. As «improvisações de batalhões voluntários, os bancos quebrando [...] o tratado entre as potências, pelo qual a Alemanha anexa a Holanda, a França a Bélgica, [...] a Áustria a Bósnia»¹⁷, referidos por Eça

da mesma época». Acrescenta mais adiante: «Quanto à *Catástrofe*, é esse pequeno conto [...] primeiro pensamento dum romance estranho que devia ter por título *A Batalha do Caia*, e do qual, infelizmente, não existem outros vestígios além do plano inicial do livro. O conto é pouco mais do que esse plano amplificado: é a preparação do romance — como aquele outro conto, *A Civilização*, era já uma primeira forma da *Cidade e as Serras*». (*Obras de Eça de Queiroz*, Ed. do Centenário, *op. cit.*, vol. XIII, pp. 9 e 20).

¹⁷ *Correspondência*, *op. cit.*, p. 166. Notaremos que no manuscrito d'*A Batalha*, «Bósnia» tornou-se «Sérbia». Temos aqui uma indicação cronológica ligada à questão dos Balcãs. Conhecemos o interesse de Eça pela guerra russo-turca de 1877-1878 e que aparece nas *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres* (Lisboa, Livros do Brasil, s. d.). Comenta em particular (Londres, 5 de Março de 1878) o tratado de San Stefano, pelo qual a

ao seu mestre e amigo, parecem retirados daquela página, da mesma forma que, um pouco antes, a «fuga do rei» e a «anarquia em Lisboa» — ausentes por completo d'«A Catástrofe» — parecem retomar o verso dessa mesma folha¹⁸. Finalmente, uma redacção datada de 1878 explicaria sem dúvida que o «príncipe D. Carlos», como é mencionado no texto, fosse assistido por um Conselho de Regência na possível ficção: teria apenas 15 anos.

Se, a partir destes elementos, pensarmos que *A Batalha* e «A Catástrofe» provêm de composições distintas, deveremos então examinar, nesta mesma perspectiva, a primeira página do manuscrito do romance em projecto. A página corresponde à abertura de uma narração, da qual só temos o início, que reproduzimos na íntegra:

Pode parecer estranho que eu, também queira escrever as minhas reminiscências do ano doloroso de 1881 — eu, pobre ve-

Turquia perdia, entre outros territórios, a Bósnia e a Sérvia. Na realidade, após o congresso de Berlim (de 13 de Junho a 13 de Julho de 1878), decidido pelas potências ocidentais para não permitir que a Rússia se apoderasse dos Estados controlados anteriormente pela Turquia, a Áustria ganha o direito de administrar de forma provisória a Bósnia, enquanto que a Sérvia se torna independente. A carta a Ramalho é posterior ao tratado e ao congresso; no entanto, coloco a possibilidade de Eça não saber ainda muito bem quais os pormenores das decisões tomadas durante o congresso (logo após o tratado de San Stefano, afirma que «as condições da paz não são conhecidas senão nas linhas gerais», *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*, op. cit., p. 322). Por essa razão, considera ainda possível a anexação da Bósnia. E se, em *A Batalha*, Eça prevê a anexação da Sérvia, é porque a situação dos Estados anteriormente controlados pelos Turcos se tornou muito clara para ele: a Bósnia, administrada pela Áustria, já não tem de ser anexada, enquanto que a Sérvia, agora independente, ainda pode ser cobichada. Se a minha hipótese for válida, poderemos afirmar que o manuscrito d'*A Batalha* é posterior à carta a Ramalho. Lembraremos também o tratado leonino imposto pela Áustria à Sérvia em 1881, e que lhe retira efectivamente a sua autonomia. *A Batalha* poderia ter sido escrito entre 1878 e 1881? Nesse caso, aquela «guerra de 1881» que o narrador evoca, faria todo o sentido.

¹⁸ *Ibid.*, p. 164.

lho, que não tenho autoridade, para criticar a política de então, nem ciência, para estudar militarmente a campanha, nem qualidades literárias, para dar com relevo e movimento o lado, dramático, desse episódio comovente. Mas relendo, o que se tem publicado, sobre a guerra de 1881 — vejo nos melhores livros, a *Historia da Invasão* do Dr. Carneiro, o *Fim dum reino* de Marco Brião, uma falta, um receio oficial, uma (ms. d'*A Batalha do Caia*, p. 1; a folha termina com este artigo).

Podemos então supor que esta primeira página foi escrita respeitando a ideia condutora do plano geral da obra e sensivelmente na mesma altura, pois a caligrafia das duas folhas é perfeitamente uniforme. E sendo assim, é de salientar a técnica narrativa retrospectiva no que diz respeito à narração — o que é tradicional — mas prospectiva relativamente ao autor, que em 1878 estaria a redigir um texto sobre uma guerra datada de 1881 (fictícia, por sinal) e escrito por um narrador largos anos após os acontecimentos.

Todavia, será possível imaginar, a partir desse rascunho, um capítulo da obra planeada que seria «A Catástrofe»? O início d'*A Batalha* anuncia uma narração feita no passado, que não poderia desenvolver-se de forma diferente e, assim sendo, o texto de «A Catástrofe» deveria começar por «Eu [morava] à esquina», etc. ...

Com muita prudência, Guerra da Cal nunca afirma que «A Catástrofe» constitui um fragmento d'*A Batalha do Caia*, pelo contrário, sublinha a sua autonomia, ainda mais clara hoje, pois o verso da página 17, finalmente revelado, permitiu-nos concluir que aquele texto é uma narrativa acabada.

Não será então mais uma espécie de novela, escrita por Eça para compensar o facto de ter sido obrigado a renunciar ao seu ambicioso projecto? O que chama a atenção é que, ao contrário do que acontece na página 2 do manuscrito d'*A Batalha*, a Espanha nunca é nomeada em «A Catástrofe», como se o autor, temendo o escândalo, tivesse evitado alguns pormenores prejudiciais. Trata-se de uma «guerra [...] provocada pela Alemanha invadindo a Hollanda» — não se coloca mais a questão da França —, de um «exército inimigo» que «ocupou Lisboa», da «presença dum exército estrangeiro em Lisboa», de

uma «bandeira estrangeira» que «flutua» sobre Lisboa», «dum uniforme inimigo», de uma «sentinela estrangeira», no seu «capotão azul»¹⁹, que pisa «a terra da pátria», de uma «invasão» de Portugal «pelo sul, pelo norte».

Seja como for, a discrição impôs-se ao cônsul português que era Eça de Queirós e a sua carta a Ramalho, de 28 de Novembro de 1878, era já grande prova disso²⁰.

Para ir mais além na datação d'«A Catástrofe», devemos realçar um elemento do manuscrito que coloca problemas. Com efeito, observamos, no verso da página 5, uma correcção significativa: o nome «Beaconsfield», que inicialmente substituiu «a Inglaterra», está rasurado, e alterado para «Salisbury». É o seguinte excerto (sublinho as palavras rasuradas e realço a frase que interessa):

nunca, em Lisboa, [...] houvera o receio de que a coisa *chegasse cá ao nosso canto*, como se dizia então. Nem mesmo quando [*a Inglaterra*, rasurado] o velho Lord [*Beaconsfield*, rasurado] Salisbury, quase no seu leito de morte, lançou o seu grande manifesto, e declarou a guerra a Alemanha.

Antes de apresentar argumentos, vou relembrar um excerto da primeira carta a Ramalho, de 10 de Novembro de 1878, na qual Eça de Queirós, apresentando o projecto d'*A Batalha* tal como gostaria de o ter escrito, mistura elementos quer do esboço manuscrito que temos do romance, quer do conto (sublinho a frase que interessa):

Oh menino! Pois não poderei eu dar à publicidade uma descrição de Lisboa em anarquia: as igrejas cheias de mulheres aflitas, as improvisações dos batalhões voluntários, os Bancos quebran-

¹⁹ Segundo o Professor Laborde, da Universidade Michel de Montaigne-Bordeaux III, o uniforme espanhol, naquela época, era azul. Seria então a única forma de reconhecer a presença da Espanha no texto.

²⁰ *Correspondência*, op. cit., p. 168 e segs. Eça sublinha que é por «motivos de Estado» que o governo não quer ver *A Batalha do Caia* publicada, e que a sua posição de cônsul não lhe permite prosseguir este projecto.

do, a falta de trabalho organizando insurreições diárias, o pânico nas secretarias, o burguês da Baixa em presença da catástrofe? Não poderei publicar a descrição da Sexta-Feira da Paixão — em que se sabe em Lisboa que o *Morning Post* publicou o tratado entre as potências pelo qual a Alemanha anexa a Holanda, a França a Bélgica [...] — e que a Inglaterra, — isto é, Lord Beaconsfield, já no seu leito de morte, em presença da medonha demonstração de Londres, declara a guerra a Europa? ²¹

Chamo especial atenção para o fragmento seguinte, idêntico ao d'«A Catástrofe», à excepção do patronímico: «a Inglaterra, — isto é, Lord Beaconsfield, já no seu leito de morte». No conto, podemos ler, antes de «quase no seu leito de morte», «a Inglaterra» rasurado e substituído por «Lord Beaconsfield», rasurado e substituído finalmente por «Lord Salisbury»: trata-se sempre da autoridade que incarna a Inglaterra. Sabemos que Lord Beaconsfield é o título concedido a Benjamin Disraeli em 1876, que morre a 18 de Maio de 1881, e a quem Eça presta homenagem na *Gazeta de Notícias* ²². Primeiro-Ministro e dirigente do partido conservador, não restam dúvidas de que Disraeli-Beaconsfield representa a Inglaterra em 1878, apesar de o romancista o imaginar prospectivamente, no seu leito de morte. Quanto a Robert Gascoyne-Cecil, terceiro Conde de Salisbury, torna-se dirigente do Partido Conservador após a morte de Disraeli, e Primeiro-Ministro em 1885. Entre Disraeli e Salisbury, foi o Partido Liberal que triunfou nas eleições, sendo Gladstone o Primeiro-Ministro. Nos artigos que escreve naquela época, anteriores a 1885, e durante os quatro anos de pausa liberal, é com efeito Gladstone que Eça vê como o representante de Inglaterra ²³, e só evoca Salisbury de forma muito discreta, incluindo-o nos «políticos» ingleses «ignorados da grande

²¹ Carta a Ramalho Ortigão, de 10/11/1878, *Correspondência*, vol. 1, p. 166.

²² Cf. Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*; edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante; Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 137-154.

²³ Eça de Queirós, *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*, ed. cit., pp. 83, 138, 149, 168-169, 177-178, 202-203 e 212-213.

massa do público»²⁴, qualificando-o em determinado momento de «quadradamente feudal»²⁵. Não deveremos então considerar que a frase d'«A Catástrofe» acima referida é, muito provavelmente, posterior a 1885, data em que, sem dúvida, Salisbury incarna a Inglaterra? Assim sendo, como interpretar a primeira redacção, rasurada, do manuscrito: «Beaconsfield»? Três possibilidades se apresentam. A primeira, que, a meu ver, não deve ser considerada, seria a de uma correcção, feita a posteriori, de um texto escritos uns anos antes, quando Disraeli governava a Inglaterra. O manuscrito apresenta todas as características de um primeiro esboço, cujas correcções, imediatas, são realizadas pelo autor, como já referimos. A segunda possibilidade seria a de uma redacção que se inspira, ou até copia um texto anterior. «Beaconsfield» proviria então desse texto, mas o escritor, que redige «A Catástrofe» após a morte de Beaconsfield e a sucessão por Gladstone, e já no momento em que Salisbury é quem decide o futuro de Inglaterra, actualiza esta segunda versão e introduz «Salisbury». A terceira e última hipótese, a meu ver a mais consistente, é a de uma redacção espontânea, posterior a 1885, isto é posterior à ascensão de Salisbury, mas que conserva na memória os projectos desenvolvidos nas cartas a Ramalho e a Chardon, provocando então um *lapsus calami* — muito frequente em Eça, como todos sabemos —, «Beaconsfield», logo corrigido para «Salisbury». Salientemos ainda que o escritor mantém uma grande perspectiva do ponto de vista narrativo, ultrapassando a sua própria esperança de vida, tal como acontecia no início d'*A Batalha*, apesar de se basear em elementos totalmente fantasistas, pois era-lhe impossível indicar uma data para a morte de Salisbury, que só desapareceu em 1903. Ora não tinha já, na carta a Ramalho, descrito Disraeli agonizando, quando este estaria à frente do governo inglês ainda três anos?

Para concluir, e com base no exposto, a minha proposta é distinguir «A Catástrofe» d'*A Batalha do Caia*, e admitir,

²⁴ *Id.*, *ibid.*, 24 de Agosto de 1881, p. 147.

²⁵ *Id.*, *ibid.*, 6 de Março de 1882, p. 169.

sem garantia, que o conto foi redigido após 1885, considerando que o manuscrito objecto do nosso estudo é realmente um primeiro esboço, sendo o manuscrito d'*A Batalha* mais ou menos contemporâneo da carta de 10 de Novembro de 1878 ²⁶, que Eça escreveu a Ramalho. Acrescento que não me parece plausível considerar que a data de redacção d'«A Catástrofe» possa coincidir com o Ultimatum de 1890, da autoria de Salisbury, hipótese levantada por Viana Moog (na qual Guerra da Cal via uma falta de «fundamento real» ²⁷). Em «A Catástrofe», a Inglaterra é vista de forma positiva, e o seu Primeiro-Ministro incarna o protector dos pequenos países ameaçados pela ambição europeia, sendo um deles Portugal ²⁸. Ora, apesar da moderação que Eça revelou nos seus comentários sobre o Ultimatum ²⁹, presumo que alimentou

²⁶ Curiosamente e ao contrário do que escreve no Prefácio ao *Conde d'Abranhos* [...] e *A Catástrofe* (1925), José Maria Eça de Queirós, na sua Introdução à edição d'*A Capital* (mesmo ano), coloca a possibilidade de um esquema de redacção semelhante, pois afirma: «Esta *Batalha do Caia* [...] devia ser um extraordinário romance de grande alcance patriótico [...]. Não foi porém de todo inútil a ideia deste grande livro, porque dele nasceu mais tarde um conto estranho, por vezes quase profético, *A Catástrofe*. É-me impossível datar o conto [...]. Pela letra, porém, e pela similitude do papel, inclino-me a pensar que fosse escrito pela mesma época do *Conde d'Abranhos*, que nos aparece agora, à falta da *Batalha do Caia*!» (Porto, Liv. Chardron de Lello & Irmão, 1925, p. xxii). O que aqui me interessa é que José Maria coloca, inicialmente, a redacção d'«A Catástrofe» depois da d'*A Batalha*.

²⁷ Guerra da Cal, *op. cit.*, t. 1, p. 386. Viana Moog, *Eça de Queiroz e o Século XIX*, Porto Alegre, Ed. da Liv. do Globo, 1943, pp. 316-317.

²⁸ O excerto é o seguinte: «Nunca em Lisboa [...] houvera receio de que a coisa *chegasse cá ao nosso canto*, como se dizia então. Nem mesmo quando o velho Lord Salisbury [...] lançou o seu grande manifesto, e declarou a guerra à Alemanha, e quando vimos assim, a nossa única protectora tão ocupada numa luta no Norte, nos considerámos em perigo».

²⁹ V. Eça de Queirós, «Notas do mês» (Fevereiro de 1890), *Textos de Imprensa VI. Da Revista de Portugal*, edição de Maria Helena Santana, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, pp. 69 e segs.

algum ressentimento em relação à Inglaterra, à semelhança dos seus compatriotas. No entanto, a discussão continua em aberto ³⁰.

2.4. *As alterações da primeira edição*

José Maria Eça de Queirós, por razões provavelmente relacionadas com a época, mas também devido à admiração que tem pelo pai, e ainda talvez a uma vocação literária frustrada, reelabora o manuscrito paterno, de uma ponta a outra e de mil e uma maneiras ³¹.

³⁰ Não acabam nunca os problemas colocados por um manuscrito não datado. Por isso, não é impossível considerar uma última hipótese, mesmo como mera. Com efeito, antes de ser nomeado primeiro-ministro, Salisbury tornou-se dirigente do Partido Conservador, quando morreu Disraeli, em 1881. Nada impedia então Eça, que não podia adivinhar a vitória do partido liberal nas eleições britânicas desse mesmo ano — e teríamos que analisar as datas com cuidado —, de imaginar que Salisbury seria primeiro-ministro após a morte de Disraeli. Se situássemos em 1881 a redacção do manuscrito (o que curiosamente iria ao encontro da minha sugestão sobre uma redacção d'*A Batalha do Caia* ir até 1881, o que fundamentei com a passagem de Bósnia para Sérvia), estaríamos novamente perante uma hipótese de partida, isto é, a coincidência dos dois manuscritos, porém, com uma diferença temporal de mais ou menos três anos em relação ao ano de 1878... «Salisbury» está escrito «Salysbury», no manuscrito d'«A Catástrofe», o que não é suficiente para considerar que Eça ignorava a ortografia exacta deste patronímico, devido ao anonimato ainda relativo de Salisbury quando Disraeli morre. Trata-se de um nome inglês bem conhecido, pelo que estaremos então perante uma daquelas contaminações de escrita tão frequentes em Eça, com o último «y» a suscitar o primeiro. Finalmente, o que me levou a não reter esta última possibilidade foi a crónica de 1 de Julho de 1881, para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, onde Eça ainda refere Salisbury como sendo um dos «políticos [...] ignorados».

³¹ No seu prefácio, já aqui citado, às *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, José Maria evoca a noção de «plágio», declarando que poderia escapar-lhe alguma frase inspirada numa carta de Fradique e acrescentando que

Se confrontarmos o original e a edição de José Maria, no que diz respeito ao fim do primeiro parágrafo do texto, entenderemos como procedeu:

Mas quando herdei de minha tia Petronilha, comprei este prédio, defronte do Arsenal: são, por causa das lojas e dos armazéns, nos terrenos, casas de maior renda, que as dos outros bairros; como emprego de capital, um prédio na Baixa é melhor que uma casa bonita para Buenos Aires, ou para o bairro das Janelas Verdes. Foi pelo menos o conselho que me deram proprietários experientes.

(ms. d'«A Catástrofe»)

Mas quando herdei de minha tia Petronilha, comprei **esta casa**, defronte do Arsenal. **Estes prédios** são, por causa das lojas e dos armazéns, [...] casas de maior **rendimento** que as dos outros bairros, **e**, como emprego de capital, um prédio na Baixa é **mais vantajoso** que uma casa bonita **em** Buenos-Aires ou **no** bairro das Janelas-Verdes. Foi pelo menos **o que me disseram** proprietários experientes.

(«A Catástrofe», ed. de 1925)

Verificamos, neste exemplo, uma mudança de construção, bem como uma alteração de nome e de determinante (este prédio / esta casa, referidos como «Estes prédios»), uma palavra omitida, que se deve provavelmente a uma dificuldade de leitura (sendo «terreos» uma proposta minha), duas palavras substituídas (renda / rendimento; melhor / mais vantajoso) e uma alteração significativa de construção (foi o conselho que me deram / foi o que me disseram). Tudo indica que existe uma vontade de melhorar o texto. Assim, na versão original, o plural «são» que anuncia «casas» só se relaciona com «prédio» através dos dois pontos. Digamos que a construção utili-

isso seria apenas uma manifestação de «inocência» e de «honradez de moço largamente influenciado pela prosa paterna» (*Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, Porto, Lello & Irmão, 1946, p. xviii). Este prefácio é bem revelador das posições políticas do filho mais velho de Eça de Queirós, que evoca a latinidade sob a influência de Barrès, de Maurras, da Action Française, etc. ...

zada por José Maria procura ser mais lógica, da mesma forma que ele prefere a palavra abstracta «rendimento» à concreta «renda»³², a adjectivação colorida «mais vantajoso» ao sóbrio «melhor», a adverbialização variada «em» e «nos» ao indefinido «para». Não se percebe muito bem por que razão «o conselho que me deram» é substituído por «o que me disseram», a não ser que o transcritor considerasse a palavra «conselho» demasiado concreta, não existindo antecedente preciso.

Todo o texto sofreu este tipo de alterações mais ou menos significativas, de menor ou maior importância. Seria impossível fazer um levantamento exaustivo dessas alterações. No entanto, é de notar que «massacrar», sentido provavelmente como um galicismo, é substituído por «ceifar»; que a repetição não é tolerada por José Maria que, ao encontrar a palavra «uniforme» duas vezes escrita pelo seu pai, altera a segunda ocorrência para «farda» (existem mais casos deste tipo); e ainda que, permanentemente, surgem novas palavras para «decorar». A pontuação original não é respeitada, aparecem, também, aqui e ali, maiúsculas que correspondem ao gosto da época, ou ainda conjunções de coordenação e outros elementos de ligação, etc.

Finalmente, duas modificações chamaram a minha atenção, pois, a meu ver, decorrem de uma certa censura ideológica.

A primeira situa-se ao nível do religioso (restituo em itálico o excerto que foi eliminado):

O país, a pátria, a massa dos cidadãos tinha o dever de tornar o seu país próspero, vivo, forte, digno da independência... *Mas o país, não perdera o hábito de viver à porta dos conventos: e desde que não havia conventos o país voltava-se para o governo, — esperando do governo tudo o que devia tirar de si mesmo* (ms. d'A Batalha).

³² Aproveito para sublinhar (sobre a datação) que é por volta de 1888 que se concretiza a noção de prédio de rendimento (*Do Passeio à Avenida*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1998, p. 126).

a Pátria, a massa dos portugueses tinha o dever de tornar o seu País próspero, vivo, forte, digno da independência. O Governo! O país esperava dele aquilo que devia tirar de si mesmo («A Catástrofe», ed. de 1925.)

Parece evidente que José Maria não adere ao anticlericalismo do pai.

A segunda alteração não parece ter grande importância, mas é reveladora da prudência com que o filho do romancista actuou no que diz respeito às ousadias do pai. Refiro-me ao seguinte excerto (saliento a palavra substituída): «parecia ter chegado o dia terrível em que **desapareceriam** na Europa as pequenas nacionalidades». José Maria transcreve: «parecia ter chegado o dia terrível em que podiam desaparecer na Europa as pequenas nacionalidades». Na frase de José Maria, a eventualidade é pouco provável («podiam desaparecer»), na frase de Eça, é uma hipótese prestes a acontecer («desapareceriam»). Não devemos, no entanto, dar esta análise como certa: quando «A Catástrofe» é publicada pelo filho de Eça, as pequenas nacionalidades não haviam desaparecido!

Não se deve julgar a concepção desta edição que levou sistematicamente José Maria a retocar, na sua boa fé, os manuscritos do pai com um objectivo que não tem, hoje em dia, qualquer pertinência crítica. Devemos simplesmente enquadrá-la numa época em que não existiam critérios rigorosos.

3. «UM DIA DE CHUVA»

3.1. *As edições*

«Um Dia de Chuva» é publicado em 1929, num volume intitulado *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão, XLVII, 298 [2] p., pp. 93-134). É, como relembra Guerra da Cal, o último volume da série das obras póstumas organizada por José Maria de Eça de Queirós.

Esta versão conhece várias edições. Encontra-se também no volume das *Obras de Eça de Queiroz* de Lello & Irmão

(*Edição do Centenário*, vol. XIV, 1948). Beatriz Berrini, na sua recente edição da *Obra Completa*, também apresenta uma leitura pessoal do manuscrito original.

3.2. O manuscrito

O manuscrito de «Um Dia de Chuva» (Esp. E1/304) é composto por 73 folhas de 31,5 cm × 23 cm, autógrafas, escritas em papel almaço, a tinta, de um só lado e com grandes margens. O manuscrito não está assinado, apresenta rasuras feitas pelo autor, as folhas foram numeradas por mão alheia e existem ainda cinco ou seis anotações a lápis, escritas provavelmente por José Maria. O título «Um Dia de Chuva» não foi atribuído pelo autor. Quando Guerra da Cal o estudou, faltavam as páginas 18 e 19. Hoje, também faltam as folhas 68, 69 e 70. Utilizaremos então o texto da primeira edição para preencher essas lacunas ³³.

3.3. Datação do texto

Só poderemos apresentar uma hipotética datação do texto. Não existe efectivamente nada, formalmente, que nos permita estabelecê-la, pois a análise do papel e da caligrafia não permite mais que uma vaga periodização.

Por outro lado, a datação «interna» do texto é muito fantasista e não possibilita nenhuma sugestão válida. Diversas datas preenchem o texto, mas sem, no entanto, constituírem uma cronologia credível. O padre Ribeiro, «procurador» da propriedade, declara que o «casarão» está «desabitado» desde 1850. Recorda-se de tal conciliábulo político em 1848, ou da-

³³ Guerra da Cal, *op. cit.*, refere a existência «de una copia hecha por Alberto, segundo hijo varón del novelista» (t. 1, p. 405). Não tivemos ocasião de consultar esta cópia.

quele pequeno incidente em 1876. No entanto, todos estes elementos vão de encontro ao facto de ele afirmar que é «procurador» desde há 33 anos, e que assistiu ao casamento do actual proprietário, D. Gaspar, e ao nascimento das suas três filhas. Ora, esse tal D. Gaspar tem quase 56 anos e a sua filha mais velha tem 27. Se admitíssemos que nasceu após um ano de casamento, poderíamos considerar que D. Gaspar casou aos 28 anos. Se tivessem nascido as outras duas filhas nos três ou quatro anos seguintes, teria permanecido na sua propriedade pelo menos até aos 32 anos: tê-la-ia então deixado? Provavelmente não, pois padre Ribeiro teve ocasião, no jardim, de admirar os cabelos louros da mais nova das irmãs.

Deveríamos então estimar que D. Gaspar saiu do casarão nunca antes do décimo aniversário da sua filha mais nova, tendo ele 42 anos, isto é 14 anos antes da suposta data da narração. Sendo assim, se, em 1850, D. Gaspar tem 42 anos, significa que nos encontramos em 1864, o que é impossível tendo em conta que P. Ribeiro faz referências a acontecimentos ocorridos em 1876, apresentando-os como já bastante antigos. Mesmo que acrescentássemos 10 anos a esta eventualidade, e que considerássemos que D. Gaspar tivesse mudado de residência apenas 6 anos antes, chegaríamos ao ano de 1874, também ele impossível.

As diversas alusões a Lisboa, ao teatro de S. Carlos, ao teatro da Trindade, dizem respeito a períodos demasiado longos para podermos tirar conclusões. No entanto, existem duas referências à «Avenida» que nos permitem saber um pouco mais sobre a datação do texto. Os excertos são os seguintes (realço a palavra que interessa):

[José Ernesto teve] uma saudade pungente da sua casa de Lisboa, do barulho das tipóias, dos vizinhos, e das ruas que o levavam, seguras e secas, ao club, aos amigos, à **Avenida**

a volta tão rápida a Lisboa já o enfastiava [José Ernesto], antevendo a **Avenida** cheia de pó

A palavra é utilizada sem qualquer caracterização, o que indica que o local já se tornou familiar. Porém, a Aveni-

da da Liberdade começa a ser construída em 1879 apenas, sendo o primeiro segmento inaugurado em 1882. Parece difícil ter saudades ou mostrar-se enfasiado de uma avenida que não existe.

A data do início das obras será suficiente para que o romancista imagine a Avenida como um local privilegiado de passeios e de encontros ³⁴? Relembro que o projecto de substituição do Passeio Público por uma grande artéria, datando de 1859, evocava, para essa nova via, designações como as de «rua, boulevard ou alameda»; o termo «boulevard» ainda é utilizado por Ramalho nas *Farpas* em 1874, só depois começa a aparecer o termo «avenida» nos textos oficiais, mas sem maiúscula. É num documento de 1882 que se confirma a denominação «Avenida da Liberdade» ³⁵. Podemos ir ainda mais além, baseando-nos nos comentários feitos por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro em *A Construção da Narrativa Queirosiana* ³⁶, relativamente ao ms. 254 do Espólio de Eça de Queirós. Com efeito, este manuscrito, intitulado «Avenida-Chiado» anuncia o final d'*Os Maias*, e corresponde a duas cartas escritas por Eça, quando viajou para Portugal no final do ano de 1885: uma delas dirigida à sua esposa (Janeiro de 1886), a outra ao Conde de Ficalho (Fevereiro de 1886), nas quais evoca a nova «Avenida». Podemos então situar as ocorrências da palavra em «Um Dia de Chuva» por volta de 1885, no momento em que começa a ser possível circular na Avenida, sem no entanto termos a possibilidade de definir a época exacta da redacção.

³⁴ Não quis colocar a questão do pó, pois pode tratar-se tanto do pó provocado pelas obras, como do que fazem as carruagens.

³⁵ V. *Do Passeio à Avenida*, *op. cit.*, pp. 57-68. A inauguração oficial teve lugar em 1894 (p. 133). Ganha-se então o hábito de «fazer a Avenida», ao domingo, (p. 137). Neste bonito livro, não há infelizmente nenhuma reprodução de qualquer acta ou outro documento, nem existem referências no corpo do texto que nos permitam saber quando, exactamente, se decidiu chamar Avenida da Liberdade à nova artéria.

³⁶ *Op. cit.*, p. 139-144.

Na perspectiva de uma datação entre os anos 1882 e 1885, um excerto merece toda a nossa atenção: o momento em que padre Ribeiro, evocando D. Joana, a filha mais nova de D. Gaspar, afirma:

A sra D. Joana tem ideias muito livres. Chega a ser republicana! Para ela todos são iguais! Não há fidalguia, nem povo. (Ms. de «Um Dia de Chuva», a partir de agora DC.)

A palavra «republicana» orienta o leitor para um período já avançado no último quartel do século, mais ainda se considerarmos um texto redigido por Eça de Queirós em Dezembro de 1889 para a *Revista de Portugal* («Novos factores da política portuguesa»), no qual relembra o trajecto histórico do Partido Republicano ³⁷, realçando a recente ascensão após um longo período ignorado e insistindo sobre o facto de ter estado em minoria até às últimas eleições, nas quais obteve «*milhares* de votos», ao contrário do que acontecera quinze anos antes, em 1874, nas quais «não reuniria *cem*» ³⁸. Acrescenta Eça que o partido conseguiu votos em todas as classes, «mesmo a propriedade rural» ³⁹, sendo embora verdade que o seu público, «quando muito, lê o ‘Século’» ⁴⁰. Não podemos então deixar de pensar no excerto d’*A Cidade e as Serras* em que Silvério declara a Zé Fernandes, quando este evoca os projectos paternalistas de Jacinto:

— Ora! até ficam mal ao sr. Fernandes essas ideias, neste século de liberdade... Pois estamos lá em tempos de se falar em fidalguias, agora que por toda a parte anda tudo em República? Leia o «Século», sr. Fernandes!, leia o «Século», e verá! ⁴¹

Optarei, por conseguinte, baseando-me nesta ocorrência da palavra «republicana», por sugerir 1885, ou uma data ainda posterior, como data de redacção de «Um Dia de Chuva».

³⁷ Eça de Queirós, *Textos de Imprensa VI*, ed. cit., pp. 84 e segs.

³⁸ *Ibid.*, p. 85.

³⁹ *Ibid.*, p. 88.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 89.

⁴¹ *A Cidade e as Serras*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d., p. 176.

E é, de facto, a partir de elementos comuns a «Civilização» (1892), *A Cidade e as Serras* (1901) e ao nosso conto, que podemos finalmente pensar numa datação plausível de DC ⁴² que, a meu ver, precede aquelas duas ficções.

Não é difícil ver as semelhanças entre os três textos: todos apresentam uma história quase idêntica, a de um cidadão que

⁴² Guerra da Cal, *op. cit.*, t. 1, p. 405, também relaciona o conto com «No Moinho». No entanto, parece-me que o único paralelo que se pode estabelecer é entre o episódio onde Adrião, regressando de um passeio com Maria da Piedade, já no seu quarto da estalagem, evoca a artificialidade das mulheres de Lisboa por oposição à naturalidade de sua prima, e o diálogo entre José Ernesto e o padre Ribeiro sobre o mesmo assunto. «No Moinho»: «Adrião voltou para o quarto [...] interessado por aquela criatura tão triste e tão doce. Ela destacava sobre o mundo de mulheres que até ali conhecera [...] pensava no delicioso prazer de fazer bater aquele coração que não estava deformado pelo espartilho, e de pôr enfim os seus lábios numa face onde não houvesse pós-de-arroz...» (Êça de Queiroz, *Contos*, org. Luiz Fagundes Duarte, Lisboa, D. Quixote, 1989, pp. 77-78). «Um Dia de Chuva»: «José Ernesto exclamou [...] Aquelas mulheres em Lisboa, parece que se desfazem, que se andam a dessorar. [...] O Procurador sorria satisfeito, remexendo a salada. Sim, as senhoras de Lisboa eram enfezadinhas...». Existe, para além disso, um impalpável paralelismo de situações, parecendo que Adrião está tentado em ficar na aldeia da prima, mas há uma grande diferença, pois José Ernesto comprará a propriedade do seu futuro sogro antes de casar com a filha. Em contrapartida, semelhanças entre «Um Dia de Chuva» e *A Ilustre Casa de Ramires* parecem-me mais pertinentes. Citarei apenas duas — mas haveria muitas mais. Assim, quando padre Ribeiro relembra a genealogia de D. Gaspar: «Ela era ilustre. Mergulhava as raízes nas invasões godas, lançava ramos por todos os Reinos das Espanhas, havia nela Santos com auréolas. O Sr. D. Gaspar era o décimo-sexto morgado das Quelhas. Um outro D. Gaspar antigo, trazia o estandarte real na batalha das Navas de Tolosa». Pensamos evidentemente na genealogia de Gonçalo enumerada pelo narrador (*A Ilustre Casa de Ramires*, edição por Elena Losada Soler, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, pp. 74-77). Uma outra coincidência: José Ernesto fica a saber por padre Ribeiro, que D. Maria Joana (com quem casará) disfarçou-se de «lavradeira» durante o São João. Evocaremos o episódio d'*A Ilustre Casa de Ramires* onde Gonçalo relembra a D. Ana que, num baile, ela se disfarçou de Catarina da Rússia. Sanches Lucena diz então: «Pois também eu me lembro de sua mana, e minha senhora, a sra. D. Graça, trazia um traje de lavradeira de Viana» (ed. cit., p. 150). Nada mais natural que ver os nobres vestirem-se de camponeses e os plebeus de czares de todas as Rússias!

aos poucos se apaixona pelo campo onde decide instalar-se. Em DC, voltamos a encontrar a viagem até à propriedade, que tem como ponto de partida uma pequena estação de comboios do campo, e é feita com animais que, neste texto, são «cavalicoques» e que nos outros dois são uma égua e um burro. Também não nos surpreende quando o protagonista de DC se delicia com o prato que lhe é servido («um frango guisado»). Ele até diz ao caseiro que o jantar pode ser servido às seis por já estar com apetite, o que leva à resposta seguinte: «Efeito dos bons ares», que relembra o episódio d'*A Cidade e as Serras* no qual Melchior fica satisfeito ao ver Jacinto comer com tanto gosto o arroz de favas que prepararam para ele. Podemos ainda notar a passagem que se verifica entre uma Joana «republicana» em DC, e um Jacinto «socialista» n'*A Cidade e as Serras*, o que implica um afastamento no tempo.

Todavia, sublinharei outro aspecto do conto que, a meu ver, faz dele uma narrativa acabada: a intriga paralela, por assim dizer, que se insinua na acção, preparando um encontro amoroso que irá acabar em casamento. Interessante é ver que a mesma brevidade caracteriza o desenlace da história de DC e o final do capítulo XIV d'*A Cidade e as Serras* que podemos entender como uma primeira conclusão para o romance. Em ambos os casos, basta aos protagonistas, José Ernesto em DC e Jacinto n'*A Cidade e as Serras*, ver a amada, Joana — Joaninha, para que o casamento esteja decidido. Transcrevo as citações em paralelo:

José Ernesto reconheceu a sra. D. Joana pelos magníficos cabelos louros [...]. Tinham ambos ao peito, rosas da mesma roseira. Seis meses depois casavam — por uma manhã também de grande chuva.

apareceu a minha prima Joaninha, com um vestido claro [...], que fundia mais docemente, numa larga claridade, o esplendor branco da sua pele, e o louro ondeado dos seu cabelos. [...]

E foi assim que Jacinto nessa tarde de Setembro, na Flor da Malva, viu aquela com quem casou em Maio, na capelinha de azulejos, quando o grande pé de roseira se cobrira já de rosas ⁴³.

⁴³ *A Cidade e as Serras*, ed. cit., p. 228.

Saliento que, em «Civilização», a perspectiva do casamento não é mais do que um esboço:

Ouçõ que vai casar com uma forte, sã e bela rapariga de Goães.
Decerto crescerá ali uma tribo, que será grata ao Senhor! ⁴⁴

No entanto, não creio que se deva inserir cronologicamente DC entre «Civilização» e *A Cidade e as Serras*. Através da comparação, estaremos mais inclinados a considerar o conto póstumo como um esboço, mesmo que pouco definido, das outras duas ficções. A evocação da cidade (definida como Lisboa e enunciada através de topónimos precisos, o que se torna sem dúvida redutor, ao contrário do que se verifica em «Civilização») é, em DC, muito parca e dispersa, apesar de o espaço aparecer também como um local de rotina e de ócio. Por outro lado, a descrição que é feita do campo, apesar de preencher o essencial da narração ⁴⁵, é menos agradável, na medida em que chove sem interrupção de uma ponta à outra da história, provocando a irritação e a raiva do protagonista. Mas o que se impõe como uma das diferenças fundamentais é evidentemente a ausência de uma estrutura bipartida, tão óbvia em «Civilização» e n' *A Cidade e as Serras*, onde é seguida de um desenlace estrutural, emblemático do confronto entre a cidade e as serras, uma construção notável que, a meu ver, é prova da posterioridade dos textos publicados em vida, ou amplamente corrigidos pelo autor.

Não me parece possível ir mais além nestas sugestões, que situam a redacção de «Um Dia de Chuva» alguns anos antes de «Civilização», publicado, como já referimos, em 1892.

⁴⁴ *Contos*, ed. cit., p. 118.

⁴⁵ Sabemos que n' *A Cidade e as Serras* a divisão entre os dois espaços é perfeitamente equilibrada. Em «Civilização», a preferência vai para o campo (que ocupa quase dois terços do conto). Em DC, Lisboa preenche a décima parte da ficção e de forma espalhada.

3.4. *As alterações da primeira edição*

Tal como no caso d'«A Catástrofe», o texto foi profundamente modificado, de uma ponta à outra, por José Maria Eça de Queirós: omissão de palavras, sem percebermos bem se por dificuldade de leitura ou se por supressão voluntária, inúmeras adições de tipo explicativo ou com intuito melhorativo, reestruturações completas de frases, inversão na ordem das construções, mudanças de pontuação, incessantes modificações. Insistirei aqui nos cortes, dois dos quais, bastante importantes, não têm grande explicação: por exemplo, estas linhas (realçadas) que foram retiradas e onde José Ernesto, o protagonista, faz a descrição da esposa do seu senhorio em Lisboa, com quem tem uma ligação:

Era uma bela rapariga, de raça italiana, loura ou pintada de louro, que tinha graça, sobretudo nas cartas que lhe mandava por uma preta, e uma natureza amorosa, de rola em suave Maio.

Ou ainda este membro de frase que se refere ao momento em que José Ernesto e padre Ribeiro vão sentar-se à mesa (realcei o excerto que falta):

E foi [José Ernesto] muito amável, quando ele [padre Ribeiro] apareceu, já com a sua enorme casaca, e chapéu, na sala grande, onde se ia servir o almoço, — **porque a de comer tinha todas as vidraças partidas, e o soalho precisava conserto.** Falaram logo [...]

Pelo contrário, podemos supor que uma última supressão se justifica, na perspectiva estética de José Maria. É uma frase curta, na qual se repete o motivo da chuva que, se por um lado irrita o protagonista, também pode causar tédio ao leitor, o que provoca o seu desaparecimento:

E José Ernesto pensou que havia muita beleza, na antiga sede dum solar português. **No entanto a chuva descia mais grossa, mais pesada, sobre os telhados da capela —.** Depois [...]

Não vamos pronunciar-nos sobre estas alterações, simplesmente as constatamos e propomos um texto fiel ao manuscrito, com as imperfeições que implica o primeiro esboço de um texto não publicado durante a vida do seu autor.

4. «ENGHELBERTO»

4.1. *As edições*

«Enghelberto» é publicado, tal como «Um Dia de Chuva», nas *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas*, Porto, Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1929, XLVII, 298 [2] p., pp. 140-171. Esta versão é várias vezes reeditada, de forma idêntica. Encontra-se também no volume das *Obras de Eça de Queiroz* de Lello & Irmão (*Edição do Centenário*, vol. XIV, 1948). Beatriz Berrini estudou o manuscrito para a sua edição de 1997.

4.2. *O manuscrito*

O manuscrito de «Enghelberto» (Esp. E1/303) é composto por 63 páginas autógrafas de 31,5 cm × 23 cm, escritas de um só lado, em papel almaço e a tinta, com margens que permitiram ao autor fazer algumas adições. O título, escrito a tinta, uma tinta antiga bem como a caligrafia, encontra-se em folha separada, de papel diferente, onde se lê em filigrana a marca PRADO THOMAR. As folhas foram numeradas, provavelmente por José Maria. O texto está por acabar, parando a meio de uma frase com as palavras «fazendo grandes», sem seguimento, o que leva a pensar que se perdeu o resto do manuscrito. Para além das correcções feitas pelo próprio autor, a tinta, existem rectificações ou adições a lápis que devem ser atribuídas a José Maria (filho). Há também outras correcções a lápis, na margem, de uma caligrafia desconhecida e mais moderna, e que visam essencialmente a ortografia da onomástica do conto. Tudo indica que se trata de um primeiro esboço.

4.3. *Datação do manuscrito*

Baseando-se no formato do papel e na caligrafia, «ampla y pausada», Guerra da Cal considera que se trata de uma obra fragmentária, do último período de Eça de Queirós. Diz ainda:

El tema neo-medievalista, y el ambiente de la reconstrucción histórica apoyan la validez de esa hipótesis, que ligaría este relato a las «Lendas de Santos» y a *ICR*. Esta suposición se refuerza por el hecho adicional de que este fragmento no es propiamente un cuento, sino un capítulo del manuscrito interrumpido de una obra de ficción más larga, posiblemente hagiológica ⁴⁶.

«Enghelberto» conta a história de um jovem príncipe dinamarquês, órfão, criado de forma severa pelo avô Ulfan, e cujas características são a crueldade e a felonía. O texto termina sobre uma última exposição dos seus crimes, cada vez mais abomináveis. Podemos assim pensar que a continuação do texto ocupar-se-ia a transformar, talvez após uma conversão, esta horrível personagem num modelo de bondade e de rectidão, ou até num santo. Se nos basearmos nos raros indícios que contradizem uma visão unilateral do herói, podemos aceitar essa hipótese.

É verdade que Enghelberto comete, por prazer, os piores delitos desde tenra idade, deixando cair escabelos sobre os criados e quebrando as pernas de uma belíssima galga italiana; é verdade também que, na adolescência, vergasta os seus cavaleiros, quebra os dentes dos seus pajens, dedica-se à caça ao urso e ao javali para «mergulhar e remergulhar o cutelo nas carnes arquejantes», e castiga cruelmente uma «aia» que o iniciou no amor, pois não admitiu, apesar de a ter abandonado, que ela se apaixonasse por outro; é verdade ainda que, mais tarde, depois de ter refreado uma revolta nas suas terras, manda cortar o

⁴⁶ E. Guerra da Cal, *op. cit.*, tomo 1º, pp. 405-406.

nariz e as orelhas de todos os prisioneiros, e transforma-se num chefe de guerra temido que devastava terras pacíficas. No entanto, primeiro que tudo, é bonito:

Quando, ao Domingo, na Igreja [...] com os seus lindos cabelos de ouro todos em anéis, sobre o gibão de brocado [...] ele erguia os olhos docemente, para o coreto onde os noviços cantavam, as mulheres pela nave sorriam de admiração enlevadas como diante dum Anjo.

É de realçar, sem dúvida, a conotação angélica, aliás contida no próprio nome. Para além disso, Enghelberto possui qualidades que, um dia, vão querer revelar-se. Tem o mais profundo dos respeitos pelo avô Ulfan, uma devoção filial sem falhas, que terá a sua manifestação máxima quando da sua morte. Por outro lado, despreza os bens deste mundo, como o demonstra ao deixar para os seus companheiros de armas a sua parte do que conseguiram, depois de assaltarem três mercados judeus carregados de riquezas. Finalmente, sentimos que ele não irá suportar o estado em que se encontra o seu país, onde um rei fraco, dominado pela nobreza, apoiando-se numa Igreja totalmente «relaxada», transformou o seu país numa «terra bravia, sem Lei humana, sem lei divina, e tão talada, tão esfaimada, tão revolta, que era nela melhor ser lobo que ser homem». Assim se justifica o comportamento desumano de Enghelberto, mas, ao mesmo tempo, acreditamos que será designado para uma missão de salvação pública nos anos seguintes. No entanto, a última página do manuscrito, que descreve a revolta das populações oprimidas e dos senhores contra Enghelberto, não permite ser categórico. Esta narrativa não terá sido apenas um episódio retirado de uma crónica dinamarquesa?

O que não deixa dúvidas é que «Enghelberto» mergulha o leitor num universo escandinavo, que interessa da mesma forma que comove a sociedade de fim de século, como se verifica em numerosas pinturas simbolistas sobre temas da mitologia nórdica e como também o demonstra a música de Wagner. A palavra «*walhalla*», duas vezes no texto, a lamentação de

Gudrun ⁴⁷ remetem para todo esse universo, ligado aos Eddas, e que opõe este paraíso dos heróis ao *ragnarök* ou crepúsculo dos deuses, isto é, à vitória apocalíptica dos vilões ⁴⁸. É então impossível não pensar no episódio d'*A Cidade e as Serras*, no qual Jacinto encontra Maurice de Mayolle e onde se evocam as correntes em voga no Paris de 1884-1885. Ao recordar «a casa dos Lamotte-Orcel, a Parola do 37 e a Cerveja Ideal», Jacinto precisa:

Reinava Wagner e a Mitologia Édica, e o Raganarock, e as Nornas ⁴⁹... Muito Pre-Rafaelismo também, e Montagna, e Fra Angelico... Em moral, o Renanismo ⁵⁰.

Notemos como Jacinto relaciona esta admiração pelo Norte com o pré-rafaelismo, que, com profusão, o ilustrará na sua pintura.

Todos estes elementos levam-me a considerar, como os outros comentadores, uma datação tardia de «Enghelberto» dentro da produção queirosiana. Evidencia-se, uma vez mais, a fidelidade queirosiana ao realismo, patente neste conto, cujos elementos históricos poderiam ser desvendados à custa de longas pesquisas.

⁴⁷ Esta Gudrun é provavelmente uma das Valquírias, que se apaixona por um mortal, Helgi, e que, quando este morre, chora de tal forma que Helgi, do seu túmulo, a chama para que pare de chorar.

⁴⁸ Sobre o Ragnarök (palavra que significa «crepúsculo dos deuses», título da ópera de Wagner, à qual, portanto, Jacinto alude), e sobre a pintura que acompanha a descoberta das mitologias nórdicas, v. a magnífica obra *Encyclopédie de la mythologie (nordique, classique, celtique)*, Paris, Celiv, 1996, nomeadamente pp. 244 e segs.

⁴⁹ Sugerimos a leitura «Nornas» e não «Normas» adoptada até aqui. Com efeito, aquele plural de Norma é, no mínimo, estranho, enquanto que as Nornas são as Parcas germânicas, deusas do destino (*Encyclopédie, op. cit.*, p. 211).

⁵⁰ *A Cidade e as Serras*, ed. cit., p. 94.

4.4. *As alterações da primeira edição*

Ficamos logo surpreendidos ao ler a primeira anotação, que acompanha o título «Enghelberto», e segundo a qual o texto caracterizar-se-ia pela «completa ausência de emendas» (ed. citada, p. 140). Como acima referimos, as adições à margem são da mão do autor, a não ser as observações ortográficas já modernas. Quanto às alterações feitas no corpo do texto, umas a tinta, outras a lápis, de quem são? Eliminámos a possibilidade de uma correcção dupla por ambos os filhos José Maria e Alberto; considerámos então que as alterações a lápis eram da autoria de José Maria — são quase sempre rectificações «melhorativas», tais como as que verificámos nos outros manuscritos —; quanto às adições ou correcções a tinta, são (julgamos) do próprio Eça. Trata-se de uma escolha pessoal, que permite uma leitura coerente. Mas uma análise comparativa entre a tinta do texto e a das modificações permitiria certamente tomar uma decisão definitiva.

Não vamos insistir na habitual lista das alterações para «enfeitar»: adição de advérbios e de adjectivos, supressão de repetições, plurais transformados em singulares e singulares transformados em plurais, inversão ou desvio de construções (ex.: ms. «por se ter o neto tornado o neto mais manso»; edição de 1929 «por ver o neto mais manso»), mudança de pontuação, etc. Salientaremos apenas uma pequena adição, aparentemente insignificante, mas que comprova a manipulação de que o texto foi objecto, por muito boa que fosse a intenção. O manuscrito diz: «E Enghelberto, orphão, ficou» (p. 6). O texto da primeira edição é o seguinte (as palavras que foram acrescentadas encontram-se em itálico): «E Enghelberto, orfão *de pai e mãe*, ficou» (p. 143). Esta tão pequena modificação permite, porém, juntar Enghelberto à maior parte dos heróis queirosianos, geralmente caracterizados pela perda dos seus progenitores, como se o seu criador exprimisse simbolicamente, dessa forma, o não reconhecimento e a ausência parental de que foi vítima. Todavia, foi José Maria que assim o desejou... Interrogamo-nos sobre uma supressão que não é seguida por modificações lógicas. Referimo-nos ao episódio em que Enghelberto e a sua escolta se cruzam com três mercadores

judeus e os assaltam. O manuscrito propõe (realço as palavras que foram alteradas): «já Enghelberto gritava ao seu bando que amarrassem os três judeus a três árvores» (p. 25); e a edição de 1929: «já Enghelberto gritava ao seu bando que o amarrassem, e aos dois outros, a três árvores» (p. 152). Poderíamos pensar que a palavra «judeus» foi eliminada por razões políticas, no entanto, um pouco mais adiante no texto, uma resposta do vilico realça essa caracterização, no momento em que se castigam os três mercadores. Diz: «— Lume, meu doce Senhor! Lume, que a frecha é uma arma nobre para o judeu maldito!...» (p. 155), tal como no manuscrito, à excepção do ponto de exclamação. A seguir, Enghelberto dá ordem para queimar o mercador, porque o fogo «é devido aos carrascos do Senhor Jesus Cristo» (*ibid.*). Por que razão, então, ter retirado a palavra «judeus» no excerto anterior? É provável que tenha sido a falta de coerência gramatical; efectivamente, «três judeus» surge apesar de o texto ter referido somente «três mercadores», o que certamente levou o corrector a preferir «o amarrassem, e aos dois outros», a «amarrassem os três judeus». Ainda assim, a resposta do «vilico» parece ser mais descabida ainda: situa-se no final do episódio e a definição do mercador como judeu, ou carrasco do Senhor Jesus Cristo, surge bastante tarde.

Uma outra omissão não tem grande explicação. O excerto é o seguinte (sublinhámos a frase retirada por José Maria na sua edição):

Como é grande em ramagens um abeto entre tojos rasteiros, assim entre os maus barões era grande em maldade o duque de Jarna [Enghelberto]. E a todos, mesmo ao Rei, e ao Bispo-Conde de Roskilde excedia em poder. Não havia em toda a Jutlândia [...]

Será que devemos considerar que esta supremacia afirmada de Enghelberto sobre o monarca e a mais alta figura da Igreja é um sacrilégio demasiado grande, aos olhos de José Maria que, em consequência, elimina aquelas três linhas? Não está fora de questão.

Finalmente, existe uma supressão de peso, que corresponde a nada menos do que a parte final do manuscrito, isto é, a

segunda metade da p. 61, bem como as páginas 62 e 63. O final proposto por José Maria, e que retoma o início do texto, é o seguinte:

Assim se tornou um chefe irresistível Enghelberto, Senescal da ilhas, Príncipe da Scania e Senhor d'Elfingor, a quem também chamavam o Cavaleiro d'Estanho. (ed. de 1929).

Esta frase, que retoma elementos presentes no início do texto, está acompanhada por uma nota, que diz: «Aqui termina o manuscrito»

No entanto, o manuscrito apresenta-se da seguinte forma (versão abreviada, v. o texto completo, p. 113 da presente edição):

Assim ele se tornou um chefe irresistível. Ao princípio ele amava a guerra, como amara a caça pelo prazer do tumulto, do sangue, do perigo; e não era por cobiça de terra, ou ódios de linhagem que Enghelberto reunia a sua [hoste], e numa brusca cavalgada assaltava algum castelo mal defendido, alguma vila mal murada, e matava, queimava, devastava rapidamente numa pressa furiosa, para recolher logo a Jarna, e rir da façanha, com os seus rudes homens, bebendo cerveja nova. [...] Mas bem depressa estas violências, outras piores, levantaram contra Enghelberto a cólera dos senhores, e das vilas. [...] Depois foi o Abade de Sorna, que para vingar Fiord sua velha Feudatária, invadiu o castelo e as terras de Elfingor, fazendo grandes [o manuscrito termina com a palavra «grandes»].

Como explicar esta tão grande supressão? ⁵¹ Avançarei com duas sugestões. A primeira reside no facto de estas duas últi-

⁵¹ Escusado será dizer que na edição brasileira de 1970 está ausente todo este final de Enghelberto, visto que foi utilizada a edição de José Maria. O texto termina com a frase recriada pelo filho do romancista, acompanhada da nota consabida: «Aqui termina o manuscrito» (*Obra Completa, op. cit.*, Rio de Janeiro, 1970, p. 1171). Devemos então prestar homenagem a Beatriz Berrini, que pela primeira vez, reproduziu a integralidade do manuscrito conservado de «Enghelberto», e que, modestamente, não faz caso disso.

mas páginas e meia oferecem um retrato de Enghelberto que eleva o horror ao extremo dos seus limites: ele assalta, mata, pilha sem razão, por prazer, indo até ao sacrilégio, mandando por exemplo atirar para um fosso, fechado num saco de couro, o velho Conde Olaus, ou incendiando toda a população de Randolf, depois de trancá-la numa Igreja. A segunda é que a última página do texto anuncia a revolta dos senhores e das aldeias oprimidas, de tal forma que um destacamento de soldados de Enghelberto é desfeito pelo senhor de Pintzen, e que o Abade de Sorna decide invadir o castelo e as terras de Elfingor. Assim sendo, a acção está preste a sofrer uma grande reviravolta, ou pelo menos, fica em aberto, e José Maria não deseja certamente dar ao leitor um texto que, de certa forma, não está concluído. Manipula-o então no sentido de lhe dar uma espécie de desfecho e consequentemente de coerência momentânea. Os critérios científicos actuais autorizam-nos a esquecer estes escrúpulos, que sem dúvida são compreensíveis, mas que ocultam a verdade da escrita.

No caso da presente edição, a ortografia dos nomes próprios em «Enghelberto» é respeitada, não tendo a maior parte deles versão portuguesa. Contudo, «Tiphania» foi transcrito «Tifânia», devendo-se o dígrafo «ph» provavelmente a um grafia antiga. Por outro lado, unificou-se a ortografia de «Santo Ansker», escrito numa primeira ocorrência «Enscher» e na segunda precisamente «Ansker». Enfim modernizámos grafias obsoletas («Juthlândia»)

5. «SIR GALAHAD»

5.1. *As edições*

«Sir Galahad» é publicado em 1966, num conjunto intitulado *Folhas Soltas. Palestina. Alta Síria. Sir Galahad. Os Santos*. (Porto, Lello & Irmão, Editores, 1966, 202 p., p. 131-156). Devemos a leitura deste conto à filha mais velha de Eça de Queirós, D. Maria, que apresenta o texto (pp. 127-129). Beatriz Berrini faz uma nova leitura do manuscrito para a sua edição da *Obra Completa* de Eça de Queirós (vol. II).

5.2. O *manuscrito*

O manuscrito (Esp. E1/284) é, nesta série, o mais difícil de descrever. É composto por 15 páginas, frente e verso, de 27 cm × 21,5 cm, autógrafas, escritas a tinta em papel Whatman; a largura das margens varia, o título é da mão do autor, enquanto que as páginas foram numeradas a lápis por mão alheia. As três primeiras páginas, frente e verso, constituem um primeiro conjunto, no qual a caligrafia é bastante legível, apesar de numerosas rasuras, e representa o início do texto. O título, «Sir Galahad», encontra-se no topo da página, no centro. Segue-se uma dúzia de linhas que introduzem um pano de fundo sobre o qual se destacam Sir Galahad e o seu cavalo Haltborne, como se de didascálias se tratasse. Por baixo, estão repetidas, no centro, as palavras «Sir Galahad» seguidas de dois pontos («Sir Galahad:»); na linha seguinte começa o discurso, poderíamos quase falar em deixa, de Galahad, do qual transcrevo o início:

Às vezes na noite deserta, por um céu de muita geada, atravesso uma cidade: é regelada a lucilação das estrelas: os telhados agudos estão carregados de neve: de neve estão cobertas as lajes: e as ferraduras d'Haltborne pousam sobre ramos de algodão: e o meu pensamento vai para os jardins de Camelot, e para o Solar de Artur.

Da página 4 até ao final, temos um segundo conjunto, no qual a caligrafia é caótica e apressada, com algumas rasuras, adições e alguns fragmentos riscados, o que torna alguns excertos muito obscuros. Essa p. 4 começa assim:

Às vezes na noite fria, à claridade fria do céu geado, atravesso uma cidade: as ferraduras do meu bom Altabil, não fazem ruído sobre a camada de neve: e o meu pensamento vai para os jardins de Camelot, e para os paços do meu rei Artur.

Na margem dessa p. 4, estão escritas por mão alheia as palavras «1.^a forma»; é de facto o que pensamos quando comparamos as três primeiras páginas do manuscrito com as seguintes. Parece evidente que o início constitui uma segunda

versão, mais elaborada e dominada, que o autor estava pronto a considerar como definitiva. Assim sendo, a nossa edição, tal como as precedentes, baseia-se nas três primeiras páginas, retomando a primeira forma a seguir, no momento em que, *grosso modo*, os dois textos coincidem. Apresentamos de seguida o fim do texto inicial, que na realidade é o segundo cronologicamente:

Mas à alvorada, como bom rei e bom amigo, acompanhou-nos até à porta de ferro que fica ao Norte, e onde Merlin esculpiu os seus feitos de armas: e desceu as ruas estreitas da rica Camelot, e das galerias, que dorsos de dragão de pedra sustentam, arre-messavam-nos rosas, e lilases.

Na primeira forma, o excerto correspondente propõe:

Mas à alvorada do outro dia como bom rei e bom amigo quis-nos acompanhar este à porta de Camelot [riscado] por que (?) Merlin esculpira os seus feitos de Armas, e desceu as ruas estreitas (?) de Camelot. E havia em todos os olhos como o obscurecimento dum exílio.

Demos então seguimento ao texto inicial utilizando a primeira forma a partir de «E havia em todos os olhos».

Por outro lado, não transcrevemos dois fragmentos rasurados, entre outros, que D. Maria por vezes introduz, sem nunca alertar o leitor, o que também faz Beatriz Berrini, umas vezes assinalando o facto em nota de rodapé, outras vezes não dizendo nada. Esses dois excertos encontram-se nas notas da nossa edição.

5.3. *Datação do manuscrito*

Na sua apresentação introdutória, D. Maria Eça de Queiroz formula apenas vagas hipóteses. Sublinha porém:

Entre os manuscritos dos Santos e este do Cavaleiro de Artur existe apreciável diferença.

Nas primeiras páginas, em grandes folhas brancas, a letra destaca-se larga, elegante, limpa, tranquila como se assim gostas-

se de apresentar a vida dos seus santos «em estilo muito puro». Segue-se em fácil e amena leitura.

Pelo contrário, nas páginas que nos dão a conhecer Sir Galahad, mais pequenas, amareladas, a letra mostra-se miúda, nervosa, e faz-nos tropeçar nas palavras como ao cavaleiro nos seixos do caminho ⁵².

É certo que a escrita de «Sir Galahad», fogosa, desenfreada, é mais parecida com a de um jovem...

Por outro lado, Guerra da Cal afirma:

En las hojas 11 y 13, en el sello al agua de la marca de fábrica del papel, aparece la fecha «1876», lo qual sirve de base para situar esta narración en este año o poco después — esto es en la primera época del escritor ⁵³.

Poderíamos discutir o uso imediato de um papel, parece-me no entanto difícil retardar durante muito tempo a sua utilização. Eça de Queirós encontra-se em Newcastle desde Dezembro de 1874 e mudar-se-á para Bristol no fim da Primavera de 1878. É evidente que podia transportar o papel de uma cidade para a outra. No entanto, temos tendência para pensar que a redacção de «Sir Galahad» se situa entre 1876 e 1878.

Outro elemento leva-me a considerar uma datação precoce para «Sir Galahad». Como demonstrou exhaustivamente Mário Martins, o conto queirosiano inspira-se largamente em Tennyson, nomeadamente nos *Idylls of the King* ⁵⁴. A versão original foi publicada por etapas, e os textos que influenciaram Eça, como «A Passagem de Artur» e «A Morte de Artur» foram

⁵² *Folhas Soltas*, ed. cit., p. 128.

⁵³ E. Guerra da Cal, *op. cit.*, tomo I, p. 414.

⁵⁴ Mário Martins, «Sir Galahad», *Brotéria* (V), 1988, vol. 127, n.º 2, pp. 151-162. Segundo este autor, «para além (e para aquém) dos *Idylls of the King*, surge-nos, por exemplo, *The Holy Grail*, ou então *The Passing of Arthur*, onde ecoa ainda a Morte de Arthur. E não muito longe daqui, eis-nos face a face com Sir Galahad, precisamente o título adoptado por Eça de Queirós» (p. 152). Mário Martins assinala também semelhanças com *Guinevere*, ainda de Tennyson.

publicados em 1869⁵⁵. Houve uma edição francesa, *Les Idylles du Roi* (Hachette, Paris, de 1867 a 1869). É verdade que não sabemos em que língua leu Eça o texto, mas notamos a coincidência entre as datas das edições, e poderemos acreditar que a sua leitura surge passados alguns anos, talvez quando chega a Inglaterra⁵⁶.

Recordemos também que Eça elogia Tennyson numa das suas *Cartas de Londres*, datada de 21 de Dezembro de 1877. E lembremos ainda que «Um Poeta Lírico», no qual o narrador, bem como Korriscoço, o criado e poeta grego, lêem Tennyson, é de Março de 1880.

Mais interessante, sem dúvida, é a seguinte alusão a Sir Galahad, que surge nas mesmas *Cartas*, a 10 de Janeiro de 1878. Eça refere-se a Vítor Manuel II falecido pouco antes:

Fala-se, com um certo ar repreensivo, dos seus muitos amores; para mim, tornam-no simplesmente mais simpático [...]. A fidelidade a uma só é sentimento belo, mas pertence aos tempos líricos do rei Artur e da Távola Redonda. Sir Galahad, que tinha um lírio no escudo, dizia, percorrendo o mundo à busca do San Graal: «Eu sou forte, porque sou virgem». É uma santa palavra; mas Sir Galahad, a não ser em verso e interpretado por Tennyson, faz ligeiramente sorrir⁵⁷.

Poderá isto significar que o romancista, após uma tentativa de escrever em prosa os poemas de Tennyson, já terá renunciado? Sou dessa opinião, baseando-me também no romantismo exaltado do conto queirosiano, que rompe com outras produções desse mesmo período, e que lembram mais facil-

⁵⁵ A «Morte de Artur» não tinha sido reeditado desde 1842.

⁵⁶ Mário Martins nota que a versão inglesa fala de um «Sir Bedivere», que Eça teria transformado em «Sir Belvedere». Nos *Idylles* e em «Sir Galahad», esta personagem acompanha os últimos instantes de Artur, apesar de não acontecer o mesmo nas antigas versões do Graal, nas quais é Giflet que assiste à morte de Artur. Quanto a Belvedere, Bedwer, Beduier, ele é um dos cavaleiros de Artur. E também podemos supor que a forma «Belvedere» fora adoptada pelo tradutor francês.

⁵⁷ *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*, ed. cit., p. 307.

mente algumas das *Prosas Bárbaras*. Suponho então, tal como os outros comentadores, que «Sir Galahad» seja de 1876 ou cerca disso.

5.4. *A primeira edição*

D. Maria Eça de Queiroz procedeu a uma leitura minuciosa e honesta. Por conseguinte, iremos apenas referir pequenos erros, nos quais se lê uma devoção filial que merece grande estima.

Assim, prefere omitir palavras ou frases, muitas vezes porque a sua leitura é difícil ou impossível, com o intuito de deixar ao texto toda a sua coerência. Indicarei apenas um exemplo:

Ao pé dele a água corria com um murmúrio doce e um pássaro cantava num ramo de salgueiro. (ed. de 1966, p. 141)

Na verdade, o texto é o seguinte (realcei a frase omissa no texto acima indicado):

Ao pé dele a água corria com um murmúrio doce: **havia a relva, florinhas delicadas;** e um pássaro cantava, num ramo de salgueiro.

No seguinte exemplo, assistimos à supressão de um excerto transcrito na margem:

Artur [...] fez no ar um aceno triste — e cada um tomou o seu caminho. E lembro-me que Isolda (*ibid.*, p. 136).

O manuscrito propõe, na realidade (a frase omissa encontra-se assinalada):

Artur [...] fez no ar um aceno triste — e cada um tornou pelo seu caminho. **E como eu era o último, senti Artur dizer: ó meu Sir Galahad, tu vais, porque o teu coração é puro, e a tua face é nobre.** E lembro-me que Isolte ⁵⁸

⁵⁸ Beatriz Berrini retoma a versão de D. Maria (*op. cit.*, p. 1866).

Outras vezes, porém, D. Maria introduz reticências. Neste caso, por exemplo:

La devagar entre os renques de álamos pálidos... E de um lado edificavam uma abadia, e de outro um castelo (p. 140)

O texto do manuscrito é o seguinte (realçamos a frase anteriormente omissa):

La devagar entre os renques de álamos pálidos; **e ao pé havia uma vila muito branca:** e dum lado edificavam uma abadia, e do outro um castelo

Outro exemplo poderá ser o seguinte:

Dava-me consolação ver que Lancelot, flor de cavalaria, ganhava um por um para Ginevra... (*ibid.*, p. 137)

A leitura completa é a seguinte (a frase anteriormente omissa encontra-se realçada):

Dava-me consolação ver que Lancelot, flor de cavalaria, ganhava um por um para Ginevra, **alma dos seus cuidados** ⁵⁹.

Existem ainda ligeiras modificações, que demonstram o afecto e a admiração que D. Maria tem pelo pai. Uma delas incide sobre o seguinte fragmento do texto original:

E na décima terceira [janela] que fica ao Norte aprende-se como Artur recebeu a Santa Espada Excalibur

Realmente, a grafia é pouco legível, e D. Maria prefere ler (a modificação encontra-se em itálico):

E na décima terceira [janela] que fica ao Norte, *aprendemos* como Artur recebeu a Santa Espada Excalibur (*ibid.*, p. 132)

⁵⁹ Desta vez também, B. Berrini retoma a versão de D. Maria (*op. cit.*, p. 1867).

Procede, assim, como se estivesse a ouvir o contador que, com as suas histórias, a embalava quando era criança.

Assim também se explicam alguns excessos de zelo louváveis, como os parágrafos acima referidos, rasurados pelo romancista, e que ela restituiu, sem dar conhecimento ao leitor.

Seja como for, devemos prestar homenagem a D. Maria Eça de Queiroz por ter aberto caminho, ao decifrar um texto particularmente obscuro.

Note-se, por fim, que em «Sir Galahad» Eça de Queirós não se decidiu claramente quanto à ortografia dos nomes próprios. Há neles formas provavelmente inglesas, outras claramente francesas e formas portuguesas. Nestas condições pareceu-nos preferível respeitar as opções do autor. As edições precedentes misturam o antigo e o moderno, escrevendo «Gawain» (forma inglesa de «Galvão», que Eça, aliás, não adopta, já que escreve «Gevain», mais próximo da forma francesa usual, «Gauvain»), mas adoptam «Tristão» et «Artur» (D. Maria), ou escolhem «Tristam» mas preferem «Isolda» (Beatriz Berrini), etc.

6. CRITÉRIOS DA PRESENTE EDIÇÃO

A nossa tarefa foi facilitada por estar inscrita na *Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós*, cujas normas seguimos, tendo aplicado o respectivo aparato crítico. Assim, a concepção desta edição baseia-se na transcrição fiel dos manuscritos queirosianos, tendo-se optado pela legibilidade e pela coerência. Por essa razão, eliminámos as rasuras de palavras, de frases, de excertos, de modo a conservar a linha principal do texto tal como a quis o seu autor, mesmo que só esboçada. Isso não impediu, porém, que a compreensão literal fosse por vezes dificultada, ou impossibilitada, devido à complexidade da grafia do romancista e/ou ao estado dos manuscritos.

A ordem de apresentação dos quatro textos corresponde à data das suas publicações: «A Catástrofe», 1925, «Um Dia de Chuva» e «Engelberto», 1929, «Sir Galahad», 1966.

7. CRITÉRIOS PARA A FIXAÇÃO DO TEXTO *NE VARIETUR*7.1. *Ortografia*

Actualizámos a ortografia e por conseguinte a acentuação. Unimos as formas que traduzem encontros vocálicos, de acordo com as normas actuais (*d'um* e *d'uma* em *dum* e *duma*, *d'ahi* em *dai*). Anulámos a elisão, quando a norma actual o exige («*d'Artur*» em «*de Artur*»). Conservámos a variante fonológica *ou* em relação a *oi*, quando essa variante ainda tem pertinência, na actualidade.

7.2. *Usus scribendi*

Respeitámos as opções tomadas pelo autor no que diz respeito aos itálicos (palavras sublinhadas no texto, nomes próprios ou nomes comuns) e aos parágrafos, apesar de se criar uma apresentação gráfica muito densa. As poucas palavras estrangeiras que não se encontram sublinhadas no manuscrito não foram transcritas em itálico.

Eliminámos as maiúsculas de ênfase à excepção daquelas que faziam certo sentido, seja epocal, seja tendo em conta a natureza do texto. Julgámos pertinente uniformizar quando uma palavra aparecia ora com maiúscula ora sem ela. Por outro lado, decidimos não restabelecer as maiúsculas que o autor não quis colocar, sempre que nos pareceu não se tratar de um *lapsus calami*: é o caso de «távola redonda», que aparece duas vezes sem maiúsculas em «Sir Galahad», presentes porém nas outras ocorrências do texto. No entanto, pareceu-nos que a ausência da maiúscula em «grémio», n'«A Catástrofe», seria prejudicial à compreensão do texto, e escolhemos então «Grémio».

Modificámos o menos possível a pontuação. Suprimimos, no entanto, a vírgula colocada depois do sujeito, pois sabemos que Eça de Queirós é o primeiro a retirá-la quando das correcções das provas. Por outro lado, as séries de dois pontos (:) consecutivos não nos pareceram ser muito coerentes para um leitor dos nossos dias, preferimos assim introduzir pontos e

vírgulas (;). É uma constante em «Sir Galahad», o que nos levou a não escolher simples vírgulas ou pontos finais. Com efeito, um ritmo particular evidencia-se nesses cortes sucessivos, breves, repetidos, que estão sem dúvida relacionados com o estilo do romance medieval de referência e com o sopro dos poemas de Tennyson.

Esta atitude conservadora foi no entanto suavizada no que diz respeito aos diálogos, às réplicas, que raramente são introduzidos por um travessão ou aspas nos originais.

Relativamente aos pontos de exclamação e de interrogação, respeitámos o manuscrito. Quanto à interjeição, sendo «oh» e «ó» diferenciados pelo próprio autor, também fizemos a distinção entre as duas grafias.

A onomástica foi objecto de um tratamento especial. Para os textos contemporâneos do autor, foi modernizada, ou restabelecida («Brás» para «Braz», por exemplo, em «Um Dia de Chuva», «Buenos Aires» para «Buenos-Ayres», «Rossio» para «Rocio», «Salisbury» para «Salysbury», em «A Catástrofe»). Para os textos cuja acção decorre na Idade Média, mantivemos os nomes próprios como se encontram no manuscrito. No que diz respeito a «Enghelberto», explica-se isso pelo facto de muitos deles não aparecerem nos dicionários e enciclopédias de língua portuguesa, e pensámos que seria arriscado apontuguesá-los. No entanto, modernizámos a ortografia de certos nomes, que considerámos obsoleta. É o caso de «Aarhuz», escrito «Aarhús», de «Frizia», substituído por «Frísia», de «Gothia» e «Juthlândia», alterados para «Gótia» e «Jutlândia». Hesitámos no caso de «Tiphania», que finalmente grafámos «Tifânia». Mas, se o texto foi inspirado na tradução francesa de uma história dinamarquesa, é evidente que teríamos [Tiphaine] em Francês. Quando um desse nomes próprios foi traduzido por Eça de Queirós como «Canuto IV» ou «Godruna» («Gudrun» em língua de tipo germânico), deixámo-lo em Português, pois essa é uma indicação do apontuguesamento da onomástica nórdica (será que a sua penetração se fez através das óperas de Wagner, no caso de Gudrun?). Em relação a «Sir Galahad», a fidelidade foi total, por duas razões. A primeira é que, sendo este fragmento inspirado na obra de Tennyson, a ortografia adoptada por Eça

de Queirós para os nomes próprios pôde hesitar entre três possibilidades, a francesa, a inglesa e a portuguesa, e talvez mais ainda (por exemplo, «Tristam» mas «Isolte»). A segunda é que o sabor medievalizante do texto fica assim conservado, e é a razão pela qual mantivemos a ortografia «José de Arymatheia», em vez de «José de [Arimateia]» que é, por sinal, a ortografia da primeira forma, corrigida nas páginas iniciais do manuscrito.

7.3. *Aparato crítico*

Para além desta introdução, surgem algumas notas ao longo do texto, reduzidas ao indispensável. Uma vez que, pela natureza dos materiais utilizados nessa edição, as notas não traduzem o resultado de uma confrontação de diferentes edições ou versões, elas serão sempre entendidas como notas da editora.

Por outro lado, os sinais tipográficos seguintes acompanham a transcrição:

(?): leitura duvidosa.

(...): ilegível.

[]: riscado.

[0]: lacuna.

Quando a lacuna corresponde a expressão necessária no discurso, ou demasiado óbvia, sugerimo-la em negrito. Ex.: «uma paixão pela mulher do seu senhorio na **rua** de S. Bento» («A Catástrofe»). Quando apenas podemos conjecturar uma expressão ausente, mas não óbvia, ela está indicada em nota de rodapé, como nota da editora, reportada à linha do texto.

TEXTO CRÍTICO

A Catástrofe

Eu moro à esquina do largo do Pelourinho justamente defronte do Arsenal. Já antes da guerra, e dos nossos desastres, eu ali vivia no segundo andar à direita; nunca gostei do sítio: sem ser bucólico, a minha ambição foi sempre viver longe destes arruamentos tristes da Baixa, num bairro de mais ar e de mais horizonte, com um quintal, árvores, uma frescura de folhagem e alguns metros de terra, onde poderia rumorejar em árvores, ter roseiras, e acolher pássaros, nas tardes de verão. Mas quando herdei de minha tia Petronilha, comprei este prédio, defronte do Arsenal: são, por causa das lojas e dos armazéns, nos térreos (?), casas de maior renda, que as dos outros bairros; como emprego de capital, um prédio na Baixa é melhor que uma casa bonita, para Buenos Aires, ou para o bairro das Janelas Verdes. Foi pelo menos o conselho que me deram proprietários experientes.

De resto eu tinha tenção de alugar o prédio, e ir habitar com a Maria (?), e com meu irmão uma casinha pequena, alegre e fresca, que eu tinha apetecido para os lados do Vale de Pereiro. Mas quando vieram as nossas desgraças, e o exército inimigo ocupou Lisboa, as necessidades de economia em tempos tão difíceis forçaram a abandonar esse plano de ir viver para o campo — e aqui estou neste triste segundo andar do largo do Pelourinho defronte do Arsenal. Em má hora vim eu

1: Título acrescentado.

8: «Rumorejar em árvores»: conforme o manuscrito.

25 parar aqui. Porque creio que esta vizinhança do Arsenal tem
feito sentir, com uma intensidade maior, todas as amarguras
da invasão: os que vivem por exemplo para Buenos Aires, para
as Janelas Verdes, para Vale de Pereiro, sofrem decerto dolo-
30 rosamente da presença dum exército estrangeiro em Lisboa:
ainda que o primeiro terror passou, que a cidade vai retoman-
do pouco a pouco a sua fisionomia ordinária, que circulam as
tipóias e os tramways, pesa todavia o **que** quer que seja sobre
a cidade, o ar está carregado de alguma coisa de subtil e opres-
35 sivo como uma atmosfera intolerável, que circula nas praças,
penetra nas casas, muda o gosto à água, e faz parecer o gás
escuro, e deposita na alma como uma tristeza contínua e secante
(?): quando às vezes, mesmo, uma pessoa sai e, ocupada nal-
gum negócio, distraída por ele, se esquece do grande desastre
40 que nos envolve, basta a uma esquina, a presença dum unifor-
me inimigo para fazer, imediatamente, recair na alma, com
um peso de penedo, a ideia da derrota, e do fim da pátria. Não
sei o que é: mas por exemplo, desde que no alto de algum
edifício flutua a bandeira estrangeira, parece que este azul, já
não é do nosso clima, é alguma coisa duma bruma londrina.
45 Mas enfim noutras casas, noutros bairros, pode a gente isolar-
se em casa, para se subtrair a esta desolação ambiente. Já que
não há pátria, há família; fecham-se as portas, reúnem-se todos
na sala, em volta do candeeiro doméstico, conversa-se; a recor-
dação das desgraças, oferece como um alívio pungente; a pers-
50 pectiva das esperanças ilude como uma felicidade passageira;
lembram-se os amigos, os conhecidos que morreram bravamente
em batalhas; às vezes a recordação dum feito heróico dá como
a sensação da honra conservada; depois, faz-se em redor do
candeeiro, baixo, numa palpitação de todo o nosso ser, uma
55 pequena conspiraçãozinha em família... E o sonho da desforra
faz suportar a realidade da catástrofe. Mas a mim nem me é
dado este isolamento; porque a não ser que feche as janelas,
que me enterre numa treva constante, que viva à luz do gás,
quando o sol de Julho fásca lá fora — não posso deixar de ver
60 diante **de** mim, como um memento odioso, à porta do Arse-
nal, a sentinela estrangeira, pisando a terra da pátria... E é
justamente esta sentinela que me indigna: decerto outros uni-

65 formas estrangeiros, todos esses oficiais dos couraçados, que
estão no ancoradouro, passam a toda a hora, na insolência bri-
lhante de seus uniformes espectaculares. Pois bem isso não me
irrita... Há naquele vaivém de oficiais, alguma coisa de apres-
sado, de inquieto, que me dá ideia duma ocupação transitória,
de esquadras que vão levantar ferro, de humilhações que vão
partir para sempre. Mas aquela sentinela, eterna, que me pare-
70 ce sempre a mesma, tem um ar de imutabilidade, de perpetui-
dade, que me faz o coração negro: cada passada que ele dá,
com a sua dura sola, cai-me, com um eco lúgubre, na alma: e
no seu monótono passeio, de guarita a guarita, dá-me a sensa-
ção de que nunca cessará de haver, sobre a terra portuguesa,
75 uma sentinela estrangeira. E não me posso arrancar a este es-
pectáculo! Pela manhã, ao fazer a barba, fico, (...) de navalha
(?) no ar, a face coberta de flocos de espuma, espantado, para
o pequeno soldado, que parece entrouxado num capotão azul
com o bonet de couro envernizado e a arma ao ombro — uma
80 daquelas armas que alcançavam o dobro das nossas, e que
massacravam de longe, na linha de defesa, regimentos inteiros!
De modo que agora já conheço quase todas as sentinelas do
Arsenal. Durante alguns dias foram soldados da marinha — mas
agora são sempre do 15 de linha: há sobretudo um tipo de
85 soldado que me indigna, é o rapagão robusto, sólido, bem
plantado sobre as pernas, de cara decidida, e olho reluzente.
Digo sempre: foi este que nos venceu; e não sei por que, lem-
brando-me do nosso próprio soldado, bisonho, sujo, encolhi-
do, enfarado, enfezado do mau ar dos quartéis e da insalubri-
90 dade dos ranchos, — vejo nessa superioridade de tipo e de raça
toda a explicação da catástrofe. Antigamente, antes da invasão,
raras vezes me lembro de ter olhado a sentinela do Arsenal;
mas lembro-me de a ter visto, por acaso, ao chegar à janela; se
chovia era certo vê-la, encolhida na guarita, fixando um olho
95 apagado e triste sob o caudal de água; se fazia calma, era todo
o seu andar, o seu derreado de ombros, a moleza lenta do
passo, era uma expressão contínua e evidente de tédio e de

fadiga; depois, ao fim dumas duas horas de serviço, era todo um derreamento, um embrutecimento, uma maneira torpe de
100 de fixar tudo: os bois, os americanos, a varina apregoando peixe, os vendilhões, da tenda defronte, que tornavam visível a falta de nervos, de vigor, de fixidez disciplinada, de firmeza, de persistência. E desta visão do soldado parece-me então alargar-se, e abranger toda a cidade, todo o país: foi esta sonolência lúgubre,
105 este tédio, esta falta de decisão, de energia, esta indiferença cínica, este relaxamento da energia e da vontade, creio que nos perderam... Às vezes, soam-me ao ouvido as acusações tantas vezes repetidas do tempo da luta: não tínhamos nem exército, nem quadros, nem artilharia, nem defesa, nem armas...
110 Qual! o que não tínhamos eram almas... Era isso que estava morto, apagado, adormecido, desnacionalizado, incerto... Ora quando num Estado as almas estão envelhecidas e gastas, — o que resta pouco vale.

Nunca me há-de esquecer a impressão que tive, no dia em
115 que soube, que a guerra nos tinha sido declarada, e que estava reunido um **exército**, tendo (?) organizado de antemão a invasão, pelo sul, pelo norte. Fazia anos o meu pobre amigo Nunes, que morava então ao Rossio. Desde tarde que um pânico pesava sobre a cidade. Porque a verdade é, que mesmo desde que começara na Europa a guerra, tão violentamente provocada pela
120 Alemanha invadindo a Holanda, nunca, em Lisboa, pelo menos na maioria do público, houvera receio de que a coisa *chegasse cá ao nosso canto*, como se dizia então. Nem mesmo quando o velho Lord Salisbury, quase no seu leito de morte, lançou o seu grande manifesto, e declarou a guerra à Alemanha, e quando vimos
125 assim, a nossa única protectora tão ocupada numa luta no Norte, nos considerámos em perigo: e todavia, parecia ter chegado o dia terrível em que desapareceriam na Europa as pequenas nacionalidades... Por isso, quando nessa tarde fatal se anunciou
130 oficialmente a entrada dum exército inimigo na fronteira, toda a cidade ficou como petrificada num terror. E o primeiro mo-

116: Passagem confusa: a palavra «exército», que acompanha «estava reunido», está riscada, e sobre ela aparecem as palavras «tendo (?) organizado de antemão».

vimento da população foi correr às igrejas! Já se imaginava, ver os regimentos inimigos, espalhando-se pelas ruas... Não creio mesmo que tivesse havido a ideia duma resistência séria: disse-se
135 primeiro que tentaríamos dar uma batalha, junto a Caminha, ou em Tancos, unicamente para mostrar à Europa, que tínhamos ainda alguma vitalidade; mas era apenas uma demonstração: porque a ideia era recolhermos às linhas de Torres Vedras, e defender Lisboa. Eu de resto, não estava nos segredos do estado-
140 -maior nem do governo: e apenas sei o que se disse, em grupos, que enchiam as ruas apavorados, falando baixo... Nessa noite, fui ao Rossio. O Nunes dava uma *soirée*... Mas na sala pesava a mesma tristeza soturna da rua. Havia nas faces, na voz, como uma expressão desvairada de espanto e de terror, uma singular
145 maneira de perguntar *então?* com uns olhos abertos numa face pálida. Apesar de haver duas salas, a de visitas e uma outra onde se jogava, estavam todos aglomerados em redor do sofá como um rebanho que sente o lobo... A dona da casa, que tinha um filho militar em Tancos, apesar do seu vestido azul decotado,
150 tinha uma face de pêsame, e os olhos vermelhos e inchados. Tinha todo o dia chorado. E nas senhoras, nos homens, havia como um abatimento, uma aceitação muda da derrota futura, uma passividade inerte, de almas fracas... Como não se sabiam notícias, os boatos eram absurdos, a todo o momento se faziam
155 silêncios; silêncios lúgubres que davam como a sensação dum recolhimento cerimonioso de dia de enterro. O Nunes, coitado, muito pálido, ia, ao acaso pela sala, com a orla da casaca a bater, esfregando nervosamente as mãos, querendo distrair daquelas preocupações dolorosas, propondo que se fizesse alguma coisa...
160 Houve o pedir (?) duma quadrilha... Sentou-se um senhor ao piano, mas os primeiros compassos dos lanceiros soaram, perderam-se num murmúrio geral de conversas apavoradas; ninguém tirou par; não se dançou. Alguém lembrou um jogo de prendas, uma charada figurada: faces espantadas sorriam, diziam
165 com esforço:
— Vamos a isso, não era mau...

Mas ficava-se sentado, com as mãos inertes, os pés pesados.

170 Eu vim para a casa de jogo, conversar com alguns sujeitos: havia jornalistas, políticos, e aqui através das frases, sentia-se em todos o abatimento de alma: ninguém acreditava em resistência possível; e diante do perigo, o egoísmo erguia-se, feroz e brutal. O ódio ao inimigo era violento — menos pela perda possível da pátria livre, mais pelos desastres particulares que
175 traria; um tremia pelo seu emprego, outro pelo juro de suas inscrições. Até aí o Estado dera o pão ao país — e na perda do Estado, via-se o fim do pão de cada dia... Mas esta indignação em frases parecia esgotar toda a quantidade de patriotismo que podiam dar aquelas almas: porque a cada pergunta
180 que sugeria a fantasia aterrada — ceder as colónias em troca duma aliança inglesa imediata e fazer concessão de duas províncias — havia no fundo a ideia imutável de capitulação, o horror à luta, a ansiedade de não perder o emprego, e não perder o juro da inscrição. E de resto, cada um sentindo a
185 fraqueza egoísta da sua alma, julgava instintivamente o país tomado do mesmo abatimento. À ideia dum levantamento em massa, da criação de guarda móbil, de milícias, encolhiam-se os ombros. Para quê? Não se pode fazer nada! Somos esmagados.

190 Lembro-me que enquanto falavam assim, ao pé da mesa de jogo, onde jaziam esquecidas as cartas do antigo voltarete pacato, cheguei-me à janela: todo o vasto céu estava toldado de névoa esbranquiçada: mas sob o arco da bandeira, alargava-se um vasto espaço azul, como a entrada circular dum imenso pórtico, e no centro brilhava uma larga lua, lua triste,
195 muda e lívida — e a colina ao lado, com o seu castelo, ficava recortada, em escuro, na sua linha mole, sobre o pálido azul do fundo... Uma tristeza imensa parecia sair daquela decoração, a alma com ela invadia-se como duma piedade vaga pelas
200 desgraças pátrias. E sem saber por que, senti-me tomado duma saudade repentina, a saudade de alguma coisa que desaparecera, que findara para sempre, e que eu não sabia o que era. Em baixo, o Rossio escuro brilhava surdamente entre as linhas alumiadas das montras das lojas: no largo em torno da

205 coluna, que o luar toca dum traço pálido, negrejava de gente;
 mas nem um grito, nem uma voz; era uma massa escura que
 parecia estar ali amodorrada, arrebanhada no terror instintivo
 que congrega os animais, esperando resignadamente a tormenta;
 e das casas brancas, altas, pesadas (?) caía a mesma
 sensação de abstenção (?) aterrada, de concentração egoísta
 210 num medo escuro... De repente, do lado da rua do Almada,
 veio um rumor, era como uma melopeia ritmada, que se sentia
 que vinha no ar, que se aproximava; luzes de archotes,
 fazendo (...) uma cauda de fagulhas, apareceram à esquina do
 Rossio; e um grupo desembocou, marchando vivamente ao
 215 compasso dum hino patriótico, cujo ritmo os impelia a um
 passo largo:

*Guerra, guerra, é guerra santa
 Pela santa independência...*

Eram talvez vinte, e pareciam, de cima, da janela, pelos
 220 chapéus altos, serem talvez rapazes das escolas ou de alguma
 das associações que então abundavam na cidade... Continuaram
 ao longo do Rossio, agitados, erguendo a voz, num apelo
 à multidão escura; mas nenhum grito lhes respondeu; toda a
 massa apinhava-se a ver passar aqueles entusiasmos solitários:
 225 lojas apagaram-se logo, fecharam num susto de *bernarda*; e
 naquele silêncio frio que vinha da indiferença da gente e da
 mudez das fachadas, pareceu que o canto se extinguia de [...],
 si mesmo, que o entusiasmo se abatia como uma bandeira a
 que falta [0], caindo ao longo do mastro; quando chegaram
 230 perto do teatro de D. Maria, o hino quase cessou, e os archotes
 diminuíram... E aquilo sumiu-se, perdeu-se entre a massa escura,
 como um esforço efêmero de heroísmo numa vasta indiferença
 pública. Recolhi-me para dentro, pensando, com a garganta
 cerrada, que estávamos para sempre perdidos... Enfim como a
 235 noite se adiantava, foi necessário fazer alguma coisa para dissipa-

par aquele pavor ambiente. Eu, o Nunes, o Correia, fizemos um voltarete. Na sala, também decerto se sentiram as necessidades de sacudir o torpor apavorado das senhoras; houve uma escala no piano, acordes abafados, e daí a pouco uma voz que eu conheci pela dum oficial de cavalaria ergueu-se branda e plangente, recitando a *Judia*:

Dorme que eu velo sedutora imagem

Então aquela melodia, aquela voz mórbida e saudosa, pareceram-me singularmente estranhas naquela hora; era como um vestígio (?), obsoleto, a voz dum mundo extinto, passando, em sonhos; em roda da mesa, as vozes monótonas continuavam: Passo, dou as cartas; de baixo, do Rossio, vinha o mesmo rumor surdo da multidão que enchia a praça; e na sala, no langor amoroso do acompanhamento, balançando com requebro, a voz do alferes:

Dorme que eu velo sedutora imagem

Já a essa hora, o exército inimigo pisava o solo da pátria. Pobre alferes! Encontrámo-nos depois. Eu ia então com os meus companheiros da milícia nacional. E que milícia: tudo o que tínhamos de uniforme era um capotão improvisado!, que armas, de caça! Mas enfim lá íamos, nessa fria manhã de Abril, sob uma chuva torrencial. Parece que se estava dando uma grande batalha: mas não sabíamos nada; estávamos ali, a meio escanho duma colina que nos escondia a vista da frente, ao pé dum casebre abandonado; ali estávamos há duas horas, com lama pelos joelhos, encharcados de água, depois de ter marchado toda a noite, idiotas de fadiga, esfomeados, encostando-nos uns aos outros para não dormirmos; e em volta de nós, dum céu baixo e lúgubre, caía um dilúvio; e o casebre parecia, entre as suas quatro árvores, todo envolvido do chuveiro, tão encolhido e tão sonolento como nós: à distância, a artilharia troava; outras vezes, eram descargas que pareciam o rasgar repentino duma grande peça de seda de faille; mas nem víamos os fumos naquela treva do ar e da chuva. Nem sei que sítio era, nem o

270 que estávamos defendendo. Quem comandava a companhia, era o alferes — o mesmo que recitara a *Judia*. Amarelo, imóvel, encolhido no seu capote, ia, aí (?) não se parecia com o alferes que torcia o bigode, ao piano, revirando olhos ternos nos versos mais tocantes. De repente na terra molhada, um galope curto e
275 seco: é um oficial com a farda desapertada, a espada em punho, a face acesa duma cólera batalhadora; belo rapaz, um fio de sangue a cair da orelha; estaca o cavalo, berra com uma voz de fúria:

— Quem comanda este destacamento?

— Sou eu, meu capitão, responde o outro, aprumado.

280 — Com um milhão de diabos! Rode, pela esquerda, por trás do casebre, a tomar posição na estrada, ao pé da valeta.

E partiu, a galope. Aí partimos (...) nós (?), a marche-marche, na lama (?), onde os nossos pés se enterravam, fazendo o esforço brutal, para galgar aquele terreno duma resistência mole, a arquejar, sob as torrentes de chuva, e o estrondo da artilharia que agora parecia aproximar-se. Passámos defronte do casebre: à porta, carros de ambulância, e de dentro gritos de feridos: era a primeira vez que se ouviam aqueles sonidos
285 (?) dilacerantes de dor abandonada, e houve no destacamento como uma imprecisão, uma hesitação: era a nossa carne de paisanos, de burgueses, que se recusava àquela evidência tão brusca da morte e da dor!

— Marche, berrou o alferes.

295 Chegámos à estrada: mas não víamos nada; defronte, uma linha pálida de choupos, depois cerros, uma ermida no alto dum monte, e por todo o vale a agreste névoa áspera da chuva incessante. Parámos: à distância negrejava outro destacamento. E ali ficámos, na mesma imobilidade, sob a água, tiritando, numa fadiga mortal. Nem um gole de aguardente. Os pés inchados nas botas encharcadas torturavam-nos! E pensando nos dias da paz, quando era da poltrona do meu escritório que eu via chover — vinha-me uma cólera furiosa contra o estrangeiro, um furor de marchar avante, um desejo brutal de carnagem... E desesperava-me de ficar ali, — criticando, na alucinação do desespero, os generais, o governo, todos os que
300 estavam acima, e que me não mandavam marchar. Aquela indecisão era odiosa. Os fatos colavam-se ao corpo; e sentía-

mos a água a escorrer ao comprido das pernas, as mãos gelavam-se sob o cano da espingarda, na brisa aguda e agreste que
310 soprava encanada do vale. De repente um ruído surdo; era uma bateria de artilharia, galopando, a tomar posição: e como um turbilhão, berrando entre essa névoa de chuva e lama, aos corcovos dos cavalos, aos solavancos das carretas, num estalar furioso de chicotadas, abalando num rumor surdo e mole sobre a terra ensopada... De repente, à nossa direita, rompe uma
315 fuzilaria; agora sentimos silvar as balas: indistintamente abaixamo-nos, naquele recuo covarde de milícia bisonha.

— Firmes, grita o alferes!

Adiante de mim, um soldado abate-se como um fardo,
320 sobre a lama, e fica imóvel, morto: agora vemos nuvenzinhas de fumo pardo a diluir-se (?), que a chuva abala, o vento sacode. O alferes de repente cambaleia, cai sobre o joelho: está ferido no braço mas ergue-se como uma mola, agita a espada; como doido, berra:

325 — Fogo!

Não me recordo bem depois; o tremendo som de artilharia alucinava-me: é como num sonho, num sonambulismo, que faço fogo ao acaso, contra a névoa parda, que tapa tudo diante. De repente, a meu lado, o alferes cai outra vez: espolinha-se,
330 aos gritos, num furor de agonia:

— Acabem-me, rapazes! Acabem-me, rapazes!

Mas era neste momento, que nos sentimos envolvidos, absorvidos por uma massa negra que descia, como uma tromba, na violência dum elemento: partimos, correndo, atirando
335 as armas, no meio duma gritaria ensurdecadora; depois, tenho a vaga lembrança, que aquela enorme mole de gente quebra-se, dispersa-se, aos grupos: somos uns cem, no meio, que corremos, caindo, erguendo-nos, rolando na lama, pisados. Tenho uma vaga consciência que é a derrota, a debandada, o pânico das milícias, e fujo com uma amargura feroz
340 (?), gritando sem saber por que, numa ânsia de achar um canto, uma casa, um buraco; e lembro-me de ver, naquele carreiro diante de mim, um oficial, em cabelo, uma figura esgueldelhada, e firme, berrando com a boca aberta, agitando a espada, querendo decerto deter a debandada: mas a massa de gen-
345

te abate-se sobre ele, arrebatá-o, — e eu sinto vagamente as minhas botas escorregarem sobre o seu corpo inerte e esmagado. Oh maldita guerra! Como entrei em Lisboa, e me achei em casa — realmente não me lembro. Sim, recordo-me de
350 parar no Rossio, e vê-lo cheio duma multidão horrível, que era toda a população dos arredores refugiando-se, na fuga aterrada (?) diante do inimigo; era um caos de carros, de gado, de mobílias, de mulheres gritando, uma massa brutal e apavorada, redemoinhando sobre si mesma, gritando por pão,
355 sob a chuva implacável. Foi em Lisboa que soube aos fragmentos todos os detalhes; as esquadras inimigas no Tejo, a cidade sem **água** porque o conduto do Alviela fora cortado, a insurreição nas ruas, e uma plebe alucinada, passando do abatimento ao furor, ora arrojando-se às igrejas, ora pedindo
360 armas, e ajuntando à confusão da invasão, os horrores da demagogia. Dias amargos. Todos os meus cabelos encaneceram.

E pensar que durante anos nos podíamos ter preparado. E pensar que à maneira da Inglaterra, podíamos ter criado os corpos voluntários, fazendo de cada cidadão um soldado, e
365 preparando assim de antemão um grande exército nacional de defesa, armado, equipado, disciplinado, e tendo recebido no hábito da disciplina, o orgulho da farda...

Mas de que vale agora — pensar no que se poderia ter feito! O nosso grande mal, repito-o, foi o abatimento, a inércia em
370 que tinham caído as almas! Houve ainda algum tempo em que se atribuiu todo o mal aos governos! Acusação grotesca — que ninguém hoje ousaria repetir. Os governos podiam talvez ter criado mais artilharia, ou mais e mais ambulâncias; mas o que eles não podiam ter criado era uma alma enérgica ao país.
375 Tínhamos caído na indiferença, num cepticismo imbecil, num desdém de toda a ideia, numa repugnância de todo o esforço, numa anulação da vontade. Estávamos caquéticos. O governo, a Constituição, a mesma Carta tão escarnecida, deu-nos tudo o que nos devia dar: uma liberdade; era ao abrigo desta
380 liberdade, que o país, a pátria, a massa dos cidadãos tinha o dever de tornar o seu país próspero, vivo, forte, digno da independência... Mas o país não perdera o hábito de viver à porta dos conventos; e desde que não havia conventos o país voltava-

-se para o governo, — esperando do governo tudo o que devia
385 tirar de si mesmo, pedindo ao governo que fizesse tudo o que
lhe competia a ele mesmo fazer! Queria que o governo lhe
arroteasse as suas terras, que o governo criasse as suas indústri-
as, que o governo escrevesse os seus livros, que o governo ali-
mentasse os seus filhos, que o governo erguesse os seus edifí-
390 cios, que o governo lhe desse a ideia do seu Deus. Sempre o
governo! O governo devia ser o agricultor, o industrial, o
comerciante, o filósofo, o sacerdote, o pintor, o arquitecto —
tudo. Quando um país abdica assim nas mãos dum governo
toda a sua iniciativa — cruza os braços, e espera que a civiliza-
395 ção lhe caia feita das secretarias, como a luz lhe vem do sol —
este país está mal; as almas perdem o vigor; os braços o hábito
do trabalho; a consciência perde a regra; o cérebro perde a
acção. E como o governo lá está para fazer tudo — o país estira-
-se ao sol, acomoda-se para dormir bem. Acorda, como nós
400 acordámos, com uma sentinela estrangeira à porta do Arsenal.
Ah, se nós tivéssemos sabido!

Mas sabemos agora! Ah esta cidade parece outra. Já não é
aquela multidão abatida e fúnebre do Rossio, na véspera da ca-
tástrofe: agora vê-se na atitude, no olhar, no rosto, uma decisão;
405 cada olho brilha dum fogo contido mas valente; e os peitos
levantam-se como se agora verdadeiramente contivessem um
coração! Já se não vê por aquela cidade aquela vadiagem torpe;
cada um tem a ocupação dum alto dever: as mulheres parecem
ter sentido a sua responsabilidade e são mães, porque têm o
410 dever de propagar (?) cidadãos... Agora lemos a nossa história:
agora trabalhamos; e as mesmas fachadas das casas já não têm
aquela feição estúpida de faces sem ideias como nessa noite, tam-
bém, quando a luz brilha: agora, por trás de cada vidraça se
sente uma família unida, organizando-se fortemente... Por mim
415 desde (...) levo todos os dias os meus filhos à janela, tomo-os
sobre os joelhos, mostro-lhes a sentinela; mostro-lhes passeando
devagar de guarita a guarita, na sombra que faz o edifício ao
cálido sol de Julho; e embebo-os do horror, do ódio daquele

420 soldado estrangeiro... Conto-lhes então a história da invasão, as
desgraças, os episódios temerosos, os capítulos sanguinolentos
da sinistra história... Depois aponto-lhes o futuro — e faço-lhes
invejar o dia em que aqui na casa que habitam, desta janela
verão sobre a terra de Portugal, passear outra vez uma sentinela
portuguesa. E para isso, mostro-lhes o caminho seguro — o que
425 nós devíamos ter feito: trabalhar, crer e, sendo pequeno pelo
território, ser grande pela actividade, pelo trabalho, pela liberdade,
pela ciência, pela força de alma... E acostumo-os a amar a
sua pátria — em lugar de a desprezarem como faziam outrora,
muitos, como me lembro. Íamos para os cafés, para o Grémio,
430 traçar a perna, e entre duas fumaças, dizer indolentemente:

— Isto é uma choldra! Isto está perdido! Este é um país
ignóbil... Isto está caindo entre as mãos dos outros...

E em lugar de nos esforçarmos por salvar isto — pedíamos
mais cognac, e partíamos para o lupanar. Ah geração covarde,
435 foste bem castigada!

Mas agora esta geração é outra gente: esta não diz que isto
está perdido; cala-se e espera; se não está animada, está concentra-
da... E depois nem tudo são tristezas; também temos as nossas
festas. E tudo nos serve para festa: 1º de Dezembro, outorga da
440 Carta, dia 24 de Julho, qualquer coisa; contanto que celebre uma
data nacional. Não em público, ainda o não podemos fazer: mas
cada um na sua casa, à sua mesa; põem-se nesses dias mais flores
nas taças; decora-se o linho com algumas verduras, põe-se em
evidência a linda velha bandeira, as quinas de que nós nos ríamos,
445 e que agora nos enternecem, — e depois, todos em família, canta-
mos em surdina, para não chamar a atenção dos espias, o velho
hino, o da Carta, qualquer hino... E faz-se uma grande saúde, a
um futuro melhor. E há uma consolação, uma alegria íntima, em
pensar que à mesma hora, por quase todos os prédios da cidade,
450 a geração que se prepara, está celebrando, no interior de uma sala,
dum modo quase religioso, as antigas festas da pátria... E depois,
à noite, em roda do candeeiro, como um curso de história na-
cional, conto aos meus rapazes esta história, dum patriota.

452: Três palavras ilegíveis por cima da expressão «do candeeiro».

Um Dia de Chuva

Era meia noite, e José Ernesto que estranhava os colchões duros de folhelho, ia enfim adormecer, quando uma larga e pesada bâtega se abateu bruscamente sobre Paço-de-Loures. Estremunhado, levantou a cabeça da dura fronha de moinha cheia de rendas, que o incomodava também, e ficou um momento, com os olhos arregalados na escuridão, a escutar o rumor de água despenhada, que alagava os telhados, crepitava em torrente, sobre a folhagem dura do laranjal. Depois pensando na velhice daquele casarão do século 16, desabitado segundo afirmara o Padre Ribeiro, desde 1850, acendeu a vela, espreitou, meio erguido, os tectos negros de carvalho, no receio de algum grosso buraco. Mas os velhos tectos almofadados pareciam sólidos, e José Ernesto terminou por soprar a luz, repuxar o cobertor, que ao deitar, arrojara para os pés, acalorado com a ceia de cabrito, e o vinho das Pedras Negras, e cerrou os olhos no conchego que a chuva fora, agreste e ventosa, tornara mais doce, e onde se fundia o grande cansaço da sua jornada, naquele meado já quente de Abril.

Mas não adormeceu — contrariado com aquela chuva, de Lua Nova, que podia pegar, estragar a sua visita a Paço-de-Loures. E ao mesmo tempo, ante aquele rumor de inverno, surgindo em Abril, pensava no estranho empenho que o levaria a ele, solteiro e sociável, amando as cidades, a comprar uma

25 quinta, tão longe de Lisboa, numa região de serra e névoa. Era
todavia um desejo, bem antigo já do tempo do liceu, quando
vivia com o pai em Lisboa, no quarto andar duma rua baru-
lhenta, tendo por único horizonte um terreno vago, horri-
velmente seco, todo de saibro e cascalho, entalado entre dois
30 prédios, onde não havia outro tom, que não fosse o da cal
suja. De verão, sentia a poeira até no travesseiro e nos len-
çóis — e sonhava com grandes árvores, cheias de sombras e de
pássaros, com águas, muito frias, e muito lustrosas (?) trans-
bordando de tanques de rega. Depois em Coimbra, um D. Pa-
35 trício, seu companheiro de casa, falava perpetuamente no seu
solar de S. Brás, e nas suas grandes avenidas de carvalhos, e na
cascata e nas roseiras, e no mirante sobre o rio, onde se toma-
va o café. E já ele então pensava, no seu quarto, sobre os li-
vros: — «Que diabo, quando for rico, hei-de arranjar o meu
40 S. Brás!» Mais que tudo porém certas impressões de leitura,
sobre a Inglaterra, e a sua luxuosa e hospitaleira vida de cam-
po, tinham desenvolvido nele o apetite duma quinta, e duma
vasta casa, com muitos quartos, uma adega bem fornida (?),
onde ele pudesse receber os amigos alegres de Lisboa, e mesmo
45 senhoras, e presidir, como um castelão, a jantares soberbos de
leitão assado, depois duma caçada nas serras.

Enfim herdara (como era certo) a fortuna do tio Bento
— mas esquecera a quinta e a natureza, e a vida bucólica, na
alegria de realizar outros sonhos, também vivos — a viagem
50 pela Europa, e uma instalação de rapaz, estética, com carva-
lhos lavrados, e cadeiras de couro, colchas da Índia. Depois
empatara dois, três anos, na ociosidade de Lisboa, com um
fáeton, uma cadeira em S. Carlos, uma certa Micaela corista da
Trindade, e uma paixão pela mulher do seu senhorio na **Rua**
55 de S. Bento. Era uma bela rapariga, de raça italiana, loura ou
pintada de louro, que tinha graça, sobretudo nas cartas que lhe
mandava por uma preta, e uma natureza amorosa, de rola em
suave Maio. Aquele grande sentimento, ao fim dum ano,
murchara naturalmente como uma bela flor — e fora então,
60 **que** despertara nele o antigo desejo do campo, da quinta, dos
amigos hospedados, e dos jantares de leitão. Justamente então,
por acaso, lera nas Novidades, numa correspondência de *Cas-*

65 *telo Branco*, a venda de aquela quinta, com o seu nome sonoro de Paço-de-Loures, que ele se recordava de ter lido algures, num romance, ou numa crónica. Na quinta de resto havia uma ruína histórica, — capela ou torre. Pertencia a um fidalgo de província, de que ele nunca ouvira — mas que tinha Dom, e apelidos infindáveis, com Noronha e com Alcoforado. Escreveu a esse Sr. D. Gaspar, — que lhe respondeu, numa carta bem torneada, duma linda letra inglesa, propondo que ele visitasse Paço-de-Loures, onde o Sr. Padre Ribeiro o esperaria, para o hospedar, lhe mostrar a propriedade!... E como nesse momento, Lisboa lhe era penosa, — porque o marido *dela* morava três ou quatro portas adiante da sua casa, e às vezes vinha sem cerimónia almoçar com ele, — José Ernesto partiu para o norte, para já quase decidido a comprar a quinta, àquele fidalgo amável, e culto, que tinha um padre, e uma tão linda cursiva inglesa. E na Estação, lá encontrara o Sr. Padre Ribeiro, procurador do Sr. D. Gaspar, com dois cavalicoques e um [0] para o conduzir ao Paço. Era ao escurecer, — e logo o caminho para a quinta lhe agradou, apesar de difícil, com os seus arvoredos, o rumor de água, um cheiro de prados e de pomares. O casarão, pintado de amarelo, com uma grande varanda, ou pórtico coberto, que o ligava a uma velha ruína, 85 tinha um belo aspecto senhorial; — e a ceia que preparara o caseiro, era deliciosa. Só Padre Ribeiro lhe desagradava com o seu pigarro e seu cachaço nédio, e a desconfiança com que o olhava, por cima de grandes óculos redondos, de aro de tartaruga. Parecia, além disso, tremendamente maçador — e a descrição que ele lhe fizera da propriedade, e dos desmandos que sobre ele [0], e duma questão de águas com um vizinho, e os 90 foros, a Igreja de S. Lucas, e os desgostos do Sr. D. Gaspar, e os consertos feitos na tulha e no espigueiro, tinham quase

73: Passagem confusa que, numa primeira redacção, em parte riscada, dizia «porque a mulher do seu senhorio».

80: Tendo em atenção «Civilização» e *A Cidade e as Serras*, é aceitável conjecturar a palavra «burro».

91: Poderia conjecturar-se «recaíam» .

92: No original: «foros a Igreja».

95 tornado a José Ernesto amargo, o admirável vinho branco do caseiro. E a sua impressão, ainda antes de adormecer, foi a do horror dum domingo de chuva, ali fechado, naquele casarão sem mobília, só, indefeso com Padre Ribeiro.

100 Cedo, de manhã, o caseiro, o excelente Brás, veio bater timidamente à porta do quarto; — anunciando a S. Ex.^a as oito horas, e o movimento de José Ernesto foi logo, escutar para os lados da janela. Chovia!

105 Desesperado José Ernesto saltou do vasto leito de pau preto, desatracou as grossas portadas das janelas — e verificou o desastre. Chovia! Por baixo dos vidros embaciados, verdejava vagamente a copa do laranjal, que parecia muito fresco enterrado num vale; depois eram campos com arvoredos, colinas baixas, uma alvura de casario, tudo esbatido, meio diluído em névoa. E dum céu confuso, todo em flocos moles de nuvens pardas, descia a chuva, lenta, direita, vagarosa, repousada, e como estabelecida, 110 assim para toda a eternidade.

— Que maçada! Que estúpida maçada!

115 E tudo logo em redor, lhe pareceu imensamente triste, dum desconforto agreste, aquela cal branca das paredes, o soalho não remendado, com tábuas mal alinhadas, as três cadeiras de palhinha, hirtas, estreitas, rígidas, que repeliam, e o lavatório em pedra de lousa com a sua baciazinha verde onde mal cabiam as mãos... Não positivamente, não lhe convinha aquele solar de nome sonoro! Mas a sua indignação foi quando o caseiro veio dizer, de fora da porta, que o Sr. Padre Ribeiro 120 ia dizer missa na capela da casa, às 8, e só esperava por S. Ex.^a Valente descaró, o do Sr. Padre Ribeiro! E como sabia ou com que autoridade concluía o Sr. Padre Ribeiro, que ele fosse católico, ou mesmo cristão? Justamente, havia anos que não ouvia missa — desde os primeiros entusiasmos com a mu- 125 lher do senhorio, quando a farejava através de Lisboa, e todos os domingos, à espera dela, sentia grandes baques no coração, debaixo das acácias diante da Igreja de Sta. Isabel... Mas agora aquele horrendo maçador de Padre Ribeiro, entrava assim familiarmente pela sua consciência, e impunha-lhe uma missa. 130 Mas que fazer? Era hóspede — não podia escandalizar a devoção

simples dos caseiros. E acabou de se vestir, furioso, com três repelões à roupa, e longos olhares cheios de amargura, àquela chuva que caía, lenta e serena, como que regalada em cair.

135 Mas quando o caseiro, através de grandes salas, quase nuas, onde o seu passo era sonoro, o conduziu à capela, a uma tribuna, à tribuna senhorial, com a sua grade de carvalho, com duas velhas almofadas de veludo verde, toda a sua irritação se calmou, sentiu mesmo o encanto em presidir assim à devoção dos criados da lavoura, das raparigas do sítio, numa capelinha
140 própria, diante duma Nossa Senhora que era como uma Deusa doméstica, padroeira e amiga da casa.

Mesmo Padre Ribeiro, lhe pareceu menos horrendo, através do doce sussurro dos latins, com a sua velha casula, onde o ouro desbotado se esfiava. Duas ou três das raparigas, que não
145 eram feias, com as suas grandes arrecadas, os lenços vistosos de merino (?), voltaram para a tribuna, ao agachar-se no chão, os olhos curiosos, e negros. A elevação da Hóstia, com o fino e dormiente tanger da campainha, o bater lento nos peitos, foi muito suave. Uma das almofadas, em que ele ajoelhara, tinha
150 umas vagas armas bordadas. E José Ernesto pensou que havia muita beleza, na antiga sede dum solar português. No entanto a chuva descia mais grossa, mais pesada, sobre os telhados da capela —. Depois, ao descer do altar, com o cálice nas mãos, Padre Ribeiro saudou a tribuna, e o hóspede.

155 — No fundo não parece mau homem, pensou José Ernesto.

E foi muito amável, quando ele apareceu, já com a sua enorme casaca, e chapéu, na sala grande, onde se ia servir o almoço, — porque a de comer tinha todas as vidraças partidas, e o soalho precisava conserto. Falaram logo da chuva. Segun-
160 do o caseiro, era possível que estiasse, para o fim da tarde. Padre Ribeiro porém não acreditava. Ali naquela freguesia de Loures, havia umas chuvas, como em nenhuma outra localidade do Reino...

— Lembro-me perfeitamente que em 1876...

165 E foi uma história medonha, que ele desenrolava, com datas, com nomes, pousado e imóvel, à borda duma cadeira, as mãos cabeludas nos joelhos, os imensos óculos cravados no hóspede. José Ernesto terminou por não escutar, murmurando

apenas ao acaso, com um vago sorriso *ah* ou *é boa*. E enquanto o padre Ribeiro desfiava a sua história, foi examinando a sala, atraído por três velhos retratos que pendiam das paredes, dentro de caixilhos a que a humidade e o tempo iam comendo o dourado. Um deles era o retrato dum rapazito magro, de grande nariz, com uma gola de rendas sobre o gibão preto. O outro parecia um magistrado, pela toga de amplas pregas que o cobria e onde destacava, ainda muito vermelha, a Cruz de Cristo. Mas o que mais interessava José Ernesto, era o terceiro: uma bela rapariga, forte, com um sorriso bondoso que lhe punha duas covinhas nas faces e um bonito colo decotado, que o tempo tornara amarelo, mas que devia ter sido duma grande brancura. José Ernesto pensou mesmo, sorrindo, que os poetas do tempo decerto a tinham comparado *ao leite e às rosas*... Na mão de dedinhos aguçados sustentava uma rosa e toda ela dava uma vaga impressão de boa criatura, natural, salutar e pacificadora.

— De sorte que — ia contando o padre Ribeiro com as mãos apoiadas aos joelhos — estávamos aqui sem poder partir, e a chuva sem parar, zás, zás... Lembro-me muito bem de que a Sra. D. Manuela, que Deus haja, tinha nesse dia uma enxaqueca, e até se encostara nesse mesmo canapé em que V. Ex.^a está sentado. E era um domingo... É curioso, era também um domingo. Foi até o reitor de S. Brás que disse a missa. Já lá vai coitado... Pois era rijo. Andava nos seus setenta anos, e vinha da residência aqui, que é bem uma légua, e uma légua larga, a pé. Tinha ele dito a missa, e estava sentado, ali à janela...

Felizmente o caseiro apareceu, atarefado, com a moça que trazia uma grande pratada de ovos fritos — e no puxar da cadeira, atar o guardanapo ao pescoço, limpar bem o copo, e aliviar as vias do pigarro, no considerar prazenteiramente os ovos, Padre Ribeiro deixou escapar os fios já emaranhados da história do Sr. D. Manuel e do Reitor de S. Brás. À mesa, o digno homem era um silencioso. E mesmo, quando José Ernesto lhe perguntou se os retratos eram de família, Padre Ribeiro deu apenas uma outra confirmação curta, rápida, para não espaçar as garfa-

169: A partir de «E enquanto» a até a «até o reitor», inclusive, as pp. 18 e 19, desaparecidas, de acordo com a primeira edição; ortografia modernizada.

205 das. O desembargador com a Cruz de Cristo era o Sr. Jorge Manuel Vilhena, que fora Director das Alfândegas no tempo da Sra. D. Maria II. A senhora era a filha, tia do Sr. D. Gaspar. O menino pertencia a outro ramo — aos Valadares de Guarda.

— Pois era uma bonita mulher, a tia do Sr. D. Gaspar! murmurou José Ernesto, que ficara defronte do retrato, e se
210 continuava a interessar por aquela face desabrochada, com uns [olhos] pequenos e finos, tão doce no seu sorriso.

Depois dos ovos houve um frango guisado — que José Ernesto achou delicioso. E aquela gostosa cozinha de província, que encantaria os amigos de Lisboa, quando ele os hospedasse — mais o impacientava contra a chuva, que lhe não permitia visitar a quinta, ter logo uma ideia das vantagens, dos
215 outros prazeres rurais, que ali esperava. Não seria possível com guarda-chuva, e tamancos, ir ao menos dar uma volta, pelo pomar, até ao jardim? Não senhor! Estava tudo encharcado — nem se podia apreciar a importância dos campos da lavoura, as
220 vistas, até Vila-Fria.

— É uma maçada!

O caseiro encolheu os ombros, foi olhar o céu. Padre Ribeiro atacara de novo o frango em silêncio. E daí a instantes
225 foi outro desastre. Ao tirar a cigarreira, José Ernesto, **não** encontrou nela um único cigarro, dos que fumava, cigarros turcos com tubo de cartão. E quando foi dentro, procurar à mala uma das caixas, de que se fornecera em Lisboa, descobriu, com terror, depois de revolver toda a roupa, que o seu
230 criado em Lisboa se esquecera de as emalar. E ali estava, preso pela chuva dentro dum velho casarão e sem tabaco. Felizmente Padre Ribeiro fumava — um horrendo cigarro «Ferreirinhas» cheio de metano — que José Ernesto aceitou, sucumbido.

Acesos os cigarros, foram percorrer a casa detalhadamente,
235 até as adegas. Mas todo o interesse de José Ernesto, o prazer que se preparara de ir fantasiando a sua instalação, as obras a fazer, certos móveis a colocar foi estragado cruelmente por Padre Ribeiro, que em cada quarto, parava, lho narrava a história; e quem

211: A palavra «olhos» está riscada.

233: No manuscrito : «metano; — que»

240 ali dormia, e quem ali morrera, e os belos trastes que o orna-
vam no tempo do pai do Sr. D. Gaspar. Debalde José Ernesto
queria seguir — ele retinha-o pelo braço, com familiaridade.

— Um momento mais... É necessário que veja... Aqui nesta
alcova, nasceu a Sra. D. Joana, a menina mais nova... Há ao
canto uma porta de comunicação. Lembro-me até perfeitamente
245 que nessa noite...

E a anedota brotava, espaiada e lenta. Numa das salas,
José Ernesto teve de escutar, a propósito dum conciliábulo
político que ali se celebrara em 48, toda a história da Maria
da Fonte. Adiante, em frente a um degrau de pedra que sepa-
250 rava dois quartos, foi a história da queda que ali dera uma
Sra. D. Mafalda, e das aflições dele, Padre Ribeiro, que tivera
de ir pelo médico, às dez da noite...

— E chovia! Ó senhores! Pior que hoje. Imagine V. Ex.^a,
que estávamos muito sossegados a jogar o gamão, o Sr. D. Gas-
255 par e eu...

José Ernesto sorria, com uma resignação amarga. A cada
instante dava um olhar através dos vidros. Chovia sempre, dum
céu sujo, onde parecia não dever mais reaparecer o azul. As
salas, desmobiladas, mais tristes naquela luz cinzenta e húmi-
260 da. E ansiava por um cigarro — mas, no despeito daquela lo-
quacidade, que o enervava, não o queria pedir a Padre Ribeiro.

Assim chegaram à famosa terraça coberta, que era a bele-
za e o luxo da casa, com os seus belos azulejos do século XVIII,
e o seu grande horizonte, abrangendo três léguas de campos, e
265 povoados, até às serras. Mas a chuva, agora mais forte, tudo
esfumava, fundia, no vasto véu de água, e de névoa. Padre
Ribeiro todavia, de braço estendido indicava os lugares, solares
vizinhos, aldeias, as dependências da propriedade. Acolá era o
sobral! Por trás dos sobreiros, além, aquela casa branca, era
270 dos Vilhalvas. Depois, não via S. Ex.^a, o muro? Era o cemité-
rio da Freguesia. Mas José Ernesto já não escutava, sentado
num banco, com os braços cruzados. Perdera todo o interesse
pela casa, campo, que aquela chuva estúpida, a tagarelice de

275 Padre Ribeiro lhe tinham tornado bruscamente intolerável —
e só antevia, se por acaso viesse ali habitar, longos dias de
chuva, e conversas fastidiosas, murmuradas com lentidão. Além
disso, aquele casarão enorme, frio, que de noite devia ter ecos
sinistros, não lhe convinha — e nem quis visitar o lagar, as
280 adegas, pretextando cansaço, uma leve dor de cabeça, que pe-
dia repouso. Abalou para o quarto.

O caseiro justamente estava lá com uma das moças, que
fazia a cama.

— Oh, senhor Brás, a que horas é amanhã o comboio?

285 S. Ex.^a tinha comboio às duas — mas se chovesse, como
hoje, S. Ex.^a não podia pensar em partir, com as duas horas a
cavalo, até a Estação. E de carro não era possível ir? Não, não
havia carro que se metesse àqueles caminhos. O governo há
muito que prometera a estrada para Vila-Fria. Todos os anos,
sobretudo em vésperas de eleição apareciam os das Obras Públi-
290 cas. Depois não voltavam.

— É inacessível, é horrível, pensava José Ernesto. E ago-
ra, só restava pacientar, até que fosse possível a jornada para
a Estação. Se ao menos tivesse um livro, jornais! Terminou
por se estirar na cama — mas o quarto enorme, e sem mó-
295 veis, o grande silêncio, a luz tristonha, aquele cair lento e
contínuo da chuva, davam-lhe uma tristeza, em que era im-
possível a imobilidade. E saltou dos colchões duros, começou
a passear, entre os quatro muros caiados, como uma fera na
sua jaula. Terminou por abrir a janela, para ao menos ter,
300 mais chegada, a companhia da chuva. Daquele lado, a casa
era muito alta, numa muralha toda lisa, a que se colava uma
estreita escadinha de pedra, descendo para um laranjal, muito
enterrado, e que parecia, sob a chuva e a névoa, cheio de
sombra, e de humidade. Sentiu ódio então por aquela velha
305 casa — e teve, sem razão, o terror absurdo de adoecer ali re-
pentinamente.

Para sacudir esta ideia saiu ao salão, mesmo com risco de
encontrar Padre Ribeiro, mas não havia ninguém — e ante ou-

310 tras portas que abriu, noutros quartos que atravessou, era a
mesma solidão. Teve então uma saudade pungente de sua casa
de Lisboa, do barulho das tipóias, dos vizinhos, e das ruas
que o levavam, seguras e secas, ao club, aos amigos, à Aveni-
da. Voltou ao terraço — e ali ficou encostado, à varanda, ven-
do tristemente chover. Mas, como estranhos, a seu pesar, os
315 seus olhos voltavam sempre àquele muro branco, que lhe
mostrara Padre Ribeiro, e que era o cemitério. Como não
avistava, àquela distância, túmulos, nem o campo dos mortos
se diferenciava, naquela névoa que tudo envolvia, dos campos
da lavoura, parecia ao pobre José Ernesto, que o cemitério
320 era imenso, — e que a casa estava de resto toda cercada por
um cemitério, e que era ela mesma um jazigo. E o morto?
Onde estava o morto? Impaciente com esta absurda ideia aban-
donou o terraço, errou pelas salas, reentrou no quarto, reco-
meçou o passeio de fera, — e não tolerando mais a solidão,
325 nem a falta de tabaco, cedeu, vencido, foi procurar Padre
Ribeiro. Podia para lhe evitar a loquacidade, propor uma
partida de bisca, se houvessem cartas.

Um criado que arrumava louça na sala, disse que o Sr.
Padre Ribeiro estava no quarto — e José Ernesto foi bater hu-
330 mildemente à porta do sacerdote.

— O Sr. Padre Ribeiro tem paciência?... Passa-me um
cigarro.

O padre abriu logo, em mangas de camisa, com a pena na
mão. Estava a escrever — mas convidou o hóspede a entrar, e
335 puxou mesmo para a janela uma velha poltrona de couro, abriu
a gaveta da mesa, onde tinha os cigarros.

— Acabe a sua carta, Sr. Padre Ribeiro.

O outro teve um gesto amável. Estava a escrever, por ocio-
sidade. Tinha muito mais gosto em fazer companhia a S. Ex.^a
340 Era uma pena, era uma pena aquela chuva, porque se podia ter
empregado o dia em visitar a quinta. Se ele ao menos tivesse a
planta! Mas não. Estava no Cartório em Vila-Fria.

— Há muito que o Sr. Padre Ribeiro é procurador destes
senhores?

345 — Trinta e três anos. Vi casar o Sr. D. Gaspar, e vi nas-
cer as três meninas. E eu lhe conto como é que conheci o

Sr. D. Gaspar, que é curioso. Tinha eu ido passar o entrudo a Castelo **Branco**.

350 E aí brotou outra história torrencial —. E tão profundo era o tédio e a solidão de José Ernesto, que se interessou logo por aquelas três meninas, esperou com paciência, para as conhecer, que Padre Ribeiro errasse, na sua espalhada narração, pelos tempos em que o Sr. D. Gaspar ainda era solteiro. Por fim como este se alastrava muito sobre as virtudes da
355 Sra. D. Constança, que Deus houvesse, mulher do Sr. D. Gaspar, ele puxou o Padre, para os tempos presentes, desejou saber, se o Sr. D. Gaspar era velho.

— O Sr. D. Gaspar tem, em 18 de Setembro, cinquenta e seis anos. Parece mais por causa da grande barba toda branca.
360 Mas aquilo é de família. Aos quarenta anos começam a embranquecer. A menina mais velha, a Sra. D. Maria Augusta, tem até uma mechazinha branca sobre a testa. E faz vinte e sete anos em Setembro como o pai. E dá-lhe graça, a mecha, dá-lhe muita graça...

365 Então para obter mais detalhes José Ernesto, de repente passou a mão pela face, como no esforço duma recordação, e declarou, que ele na realidade conhecia muito o Sr. D. Gaspar e as meninas. Tinham estado em Lisboa, não é verdade?... Não, nunca tinham ido a Lisboa. Então fora no Porto! Sim, havia
370 dois anos, tinham passado um ou dois meses no Porto.

— Justamente, exclamou José Ernesto. Estou muito bem lembrado. No Palácio de Cristal, todas três, com um velho, de barbas brancas, alto, forte. E as três senhoras, altas também...

375 Padre Ribeiro corrigiu. A mais nova, a Sra. D. Maria Joana era alta. As duas outras porém, antes baixas. Ele tinha as medidas de todas em centímetros. Não se recordava o número exacto — mas a Sra. D. Maria Joana era, o que se costuma chamar, uma senhora alta, uma bela senhora.

— Sim, acudiu José Ernesto. Havia uma mais alta. E tri-
380 gueiras todas... Quero dizer, cabelo escuro!

346: O vocábulo «Branco» foi acrescentado no ms. por mão alheia.

371: No manuscrito: «José Rudolfo».

379: No manuscrito: «José Rudolfo».

O procurador emendou, com enorme gravidade, este erro histórico. Não, não! Então não eram elas. As duas meninas mais velhas com efeito tinham o cabelo escuro, como o pai, em moço. Mas a Sra. D. Maria Joana era loura. Oh muito
385 loura! Exactamente como a Sra. D. Constança. Mesmo mais loura!

— É uma cor notável! Porque, quer V. Ex.^a creia ou não, o cabelo da Sra. D. Maria Joana, ao sol, reluz como ouro! Às vezes no jardim... O cartório tem janela para o jardim. E a
390 minha banca fica justamente ao pé da janela. Pois meu caro senhor, às vezes ela anda no jardim, lá a tratar das suas flores, e passa assim entre duas árvores, toca-lhe uma réstia de sol, e é, ainda que se não deva misturar o sagrado ao profano, eu lembro-me sempre, é uma auréola de santa. Ouro! Ouro puro!

395 E como José Ernesto sorria, na ideia de todo aquele ouro aceso pelo sol, entre as rosas num velho jardim de província — Padre Ribeiro acrescentou, como cedendo a uma verdade forte:

— Justiça seja feita àquela menina, lá pelo que toca a rosto, e feitio, é digna de ser admirada, em toda a parte. Lá nesse
400 ponto, não há senão louvar.

E como havia aqui uma reserva, José Ernesto, já curioso, puxou mais a cadeira para o pé do Padre Ribeiro, murmurou com um sorriso de familiaridade, um brilho nos olhos:

— Vejo então que a Sra. D. Joana, não é a sua predilecta,
405 Sr. Padre Ribeiro.

Padre Ribeiro protestou. Oh ele gostava de todas igualmente! E como não seria se andara com todas ao colo.

— A Sra. D. Joana, é verdade, tem lá as suas ideias... Mas é boa menina. É também muito boa menina.

410 Agora, vivamente interessado, José Ernesto desejava conhecer as «ideias» da Sra. D. Joana. E, pedindo outro cigarro ao Padre Ribeiro — estranhou que ela, e as duas outras, não tivessem casado. Mas o loquaz Padre Ribeiro, teve apenas um *Hê, hê!* discreto e vago. E houve mesmo um silêncio em que
415 Padre Ribeiro, remexendo no tinteiro deitou, por cima dos óculos, um olhar à carta, que interrompera.

— Oh Sr. Padre Ribeiro continue a sua carta! acudiu discretamente José Ernesto. Que horas são? Quatro e meia! Eu

420 vou também um bocado para o terraço, tomar ar. Que dia este, hein? Parece Dezembro, com semelhante negrura.

Com efeito havia já uma tristeza de crepúsculo. E a chuva caía, mais lenta, mais grossa, com um rumor que parecia desolado e invernosos (?) e agreste, naquele declinar da luz. E do terraço, onde ele foi acabar o cigarro de Padre
425 Ribeiro, apenas se via o extenso véu de chuva, que tremia, tudo fundia, numa névoa igual, e fria, até às colinas, de Vila-Fria. Sentado num banco, ele olhava a chuva, escutava a chuva. E já se não sentia tão só, agora, com aquelas figuras que tinham surgido, no meio do seu tédio, e que **vinham**
430 tomando relevo e realidade — o Sr. D. Gaspar com as suas barbas brancas, a Sra. D. Joana com os seus cabelos de ouro. Não conhecia ninguém em Lisboa que tivesse cabelos de ouro. E que ideias dela seriam essas, que tão evidentemente desagradavam a Padre Ribeiro. Toda aquela família, e os
435 seus hábitos, e os seus negócios, o interessavam agora — e pela primeira vez pensou nos motivos que levariam o Sr. D. Gaspar a vender o «Paço». Dívidas decerto, uma administração de fidalgo, desleixada e confusa. E todavia aquele casarão, reparado, com mobílias simples, cretones, podia ser
440 uma doce vivenda. Se ele a comprasse havia de ornar toda aquela varanda do terraço com rosas trepadeiras. Mas a solidão — sobretudo com a chuva!... O campo na verdade só é agradável, com família, e toda a árvore é triste se na sua sombra não brinca uma criança.

445 Um rumor, à porta envidraçada, despertou José Ernesto. Era o caseiro que queria saber a que horas S. Ex.^a queria o jantar.

— Quando o Sr. Padre Ribeiro quiser... Às seis. Eu já tenho apetite.

450 Efeito dos bons ares, considerou o caseiro sorrindo com a mão encostada à ombreira da porta. A grande pena era a chuva, por não poder S. Ex.^a visitar a propriedade, estender um lindo passeio até ao Mieiro, a ver a queda de água. Que a chuvazinha era necessária, com a terrazinha assim tão sedenta.
455 Mas talvez estiasse. E a quinta era digna de se ver.

— O Sr. D. Gaspar nunca cá vem?, perguntou José Ernesto.

O Sr. D. Gaspar, já não vinha ao paço havia quatro anos. A última vez, que por ali aparecera fora de fugida, com a Sra. D. Joana, durante três dias.

460 — As meninas não gostam de cá estar, no Paço.

O caseiro sorriu. A falar a verdade, a casa agora, assim sem trastes, não era muito de convidar. Que a Sra. D. Joana, essa não se importava. Era senhora, sendo necessário, para dormir em cima duma cadeira. Contanto que tivesse, de ma-
465 nhã cedo, água para chafurdar, estava bem. Nessa ocasião em que estivera no Paço, até se lhe tinha subido para o quarto uma dorna. E água fria. Era de arrepiar. Mas aquilo, era senhora muito forte.

— É uma que é loura, não é verdade, perguntou ainda José
470 Ernesto.

— Loura como milho... Ah muito vistosa, muito vistosa... Quando aí estive era pelo S. João, houve uma grande fogueira, veio para aí a raparigada dançar... A Sra. D. Joana vestiu-se de lavradeira. Parecia um sol.

475 — Bonita, hein?

O caseiro imaginava que não podia haver outra mais bonita nem em Lisboa. E alegre! E dada! Que as outras meninas, também eram boas meninas. Mas a Sra. D. Joana era um sol.

— Que idade tem ela?

480 — Isso não sei dizer a V. Ex.^a É novinha, é novinha! Ora agora vantagem muito, com aquele bonito feitio, e assim forte! Como ela fica muito bem, é a cavalo. É grande cavaleira.

José Ernesto olhava vagamente sorrindo. E depois dum silêncio:

485 — Pois isto por aqui há-de ser bonito, quando não chover.

— Muito bonito. Só o terraço aqui é uma alegria, com a vista toda, até Vila-Fria. E mesmo a quinta, lá para baixo, para o rio... Tudo é bonito. Tudo é bonito!

— O pior é ser tão longe da Estação.

490 De Verão era até um lindo passeio. Mas quando vinha a inverneira, era longito, era longito. Enfim a estrada estava traçada — e passava além, ao pé da carvalheira, que S. Ex.^a não podia ver. E quem tivesse influência com o governo, arranjava a estrada.

495 José Ernesto pensou em amigos que tinha em Lisboa, políticos, e influências. E de repente, com outra ideia:

— Quanto tempo se leva daqui a Vilhalva à casa do Sr. D. Gaspar?

500 Para a casa do Sr. D. Gaspar tomava-se o comboio de manhã, e parava-se na Estação de Quintans; daí era meia hora, a cavalo. A casa do Sr. D. Gaspar era mesmo à entrada da Freguesia. Umas quatro horas de caminho.

— E é bonita a casa do Sr. D. Gaspar?

505 Oh essa não lhe faltava nada. Uma casa nobre, com capela, belo jardim, um lago, com cedros em volta...

 Mas vendo que José Ernesto abotoava o jaquetão, — o caseiro receou que S. Ex.^a apanhasse humidade. Era melhor recolher, quanto mais que caminhava para as seis. E ele ia dar uma volta pela cozinha, a ver como as suas raparigas marchavam com o jantarzinho.

510 José Ernesto então voltou ao seu quarto, — onde ia escurecendo, acendeu a vela, e começou a passear, bocejando, numa indecisão, que o tomara de repente sobre a sua volta a Lisboa. Era estúpido, decerto, ficar ali, encerrado naquele casarão, à espera dum bocado de céu limpo e seco, que o deixasse visitar a quinta e os arredores. Mas também partir para Lisboa depois daquela imensa jornada, que assim lhe ficava inútil, sem ter sequer dado uma volta, feito uma ideia da quinta, talvez excelente, e realizando bem o seu sonho de campo? Era absurdo. E ao mesmo tempo, a volta tão rápida a Lisboa já o enfasiava, antevendo a Avenida cheia de pó, o club à noite com os rapazes a bocejar pelas poltronas, e o seu senhorio, risonho, de lunetas azuis, aparecendo logo de manhã para o abraçar e «almoçar sem cerimónia»... E ao mesmo tempo ia sentindo apesar daquela infelicidade da chuva, uma vaga atracção pela aldeia, e o silêncio dos campos, e a cozinha gostosa, e essas festas alegres e simples, com fogueiras, em que fidalgas se vestem de camponesas. Para a sua saúde, mesmo, lhe convinha passar umas semanas, ao verde, como um cavalo cansado. E enfim que diabo, a compra duma propriedade, que lhe custava doze contos, não se podia assim atabalhoar, em horas, sem um exame das terras, uma boa experiência da compatibilidade com o campo, e uma conferência

520
525
530

mesmo com o Sr. D. Gaspar, para ressaltar bem os seus interesses. Na verdade o Sr. D. Gaspar é quem devia ter vindo ao
535 Paço. «V. Ex.^a, dizia o procurador, vê, examina, e depois entende-se por carta com o Sr. D. Gaspar!» Não! Cartas nunca definem bem negócios. É indispensável, quando se trata de doze contos, cavaquear, repisar, combinar... Evidentemente ele devia ver o Sr. D. Gaspar.

540 E foi quando ele ruminava esta nova ideia, que Padre Ribeiro lhe veio bater à porta do quarto, perguntando se S. Ex.^a estava pronta para o jantarzinho.

— Entre, Sr. Padre Ribeiro, pode entrar.

Padre Ribeiro vinha esfregando devagar as mãos — e de-
545 clarou que o tempo tinha arrefecido.

— Ou será, acrescentou rindo, que o estômago está pedindo o calorzinho das sopas.

— Pois a elas, Sr. Padre Ribeiro, a elas!

Mas o procurador espalhava um olhar pelo imenso quarto onde o leito, com a cobertura branca, mais alumiado pela
550 luzinha da vela, parecia perdido, na vastidão do soalho, e do tecto negro. S. Ex.^a não tinha ficado muito bem acomodado, não! Mas, assim de repente, com a casa desmobilada, e longe da cidade...

555 — Estou perfeitamente, acudiu José Ernesto, e com sinceridade. Pelo contrário. Até me soube bem esta largueza... A gente em Lisboa, naqueles cubículos vive sufocada.

Padre Ribeiro sorriu, com amizade:

560 — Pois então é vir para cá, para a província... Olhe, largueza tem. E bons ares. E o que se come é são.

Está claro, não há os regalos da Corte, e os teatros, e essas sociedades que os jornais contam... E como José Ernesto encolhera os ombros rindo, como no desdém e no cansaço desses
565 regalos, Padre Ribeiro deu, com inteira franqueza, a sua opinião sobre as cidades.

— Cidades são pedreiras. Muita pedra, muita parede. E gente de mais, anda-se aos encontrões, tudo é cerimónia, não há a rica liberdade. Eu lembro-me muito bem quando vivia em Lamego... Lamego tem recursos... Pois hoje ninguém me
570 pilhava em Lamego. Olhe sabe o que não cansa? É uma pessoa

abrir pela manhã a sua janela, e respirar o cheiro da verdurinha, e ouvir a passarinhada, e descer, em chinelas para debaixo das sombras, e estar ali, muito quieto, com Deus. Hoje ninguém me pilhava em Lamego.

575 — Também o Sr. Padre Ribeiro agora está afeiçoado ao Sr. D. Gaspar, às meninas...

Mas o caseiro entreabriu a porta, anunciando a sopa. E quando entrou na sala, José Ernesto teve uma sensação de conforto, e de apetite, diante da pequena mesa, nessa noite
580 mais bem alumada, com a toalha muito branca, o prato de azeitonas luzidias, as duas canecas, onde o vinho ainda tinha espuma. A sua cadeira era a de braços. A chuva cantava fora mais pesada. E a sopa rescendia.

E terminou por esfregar também as mãos, exclamando:

585 — Agora, neste momento é que não importa a chuva.

— Até sabe bem ouvi-la cair lá fora.

E o caseiro, com um brilho no olho:

— E a terrazinha vai bebendo que bem o necessitava.

Todos três sorriam, contentes: o jantar estava delicioso,
590 dum sabor cheio de relevo, com o cheiro gostoso dos petiscos do campo: — e José Ernesto, enchendo o copo, pensava como uma face, uns cabelos de mulher, ali, na luz, entre as louças claras, tornariam encantadora aquela sala, com a chuva a cantar no laranjal.

595 — Esta casa deve ser antiga, considerou ele, desafiando agora, com prazer, a loquacidade de Padre Ribeiro.

O procurador acudiu logo, contando que existia no cartório um velho pergaminho, relativo a uma compra de terras para o lado do rio, que tinha a data de 1412.

600 — É bonito, murmurou José Ernesto com respeito. Começo do século xv. Ainda existia o Império Romano do Ocidente.

E isto foi motivo para que Padre Ribeiro desenrolasse a genealogia do Sr. D. Gaspar. Ela era ilustre. Mergulhava as
605 raízes nas invasões godas, lançava ramos por todos os Reinos das Espanhas, havia nela Santos com auréolas. O Sr. D. Gaspar era o décimo-sexto morgado das Quelhas. Um outro D. Gaspar antigo, trazia o estandarte real na batalha das Navas de Tolosa.

610 José Ernesto, que os escutara, muito interessado, terminou por dizer, deitando a cabeça para [0] da cadeira, e passando a mão pelos cabelos:

— É ainda uma boa coisa, um bom sangue.

615 — Pois melhor do que este, meu caro senhor não o há no Reino. E olhe que a raça, apesar de ser velha, ainda é forte. O Sr. D. Gaspar, há dois ou três anos, ainda vergava um cano de espingarda. E nunca vi entrar o médico naquela casa.

José Ernesto exclamou, quase entusiasmado:

620 — Isso é lindo! A saúde é o essencial, numa família, numa raça. Aquelas mulheres em Lisboa, parece que se desfazem, que se andam a dessorar. Se ao menos, aquela fraqueza fosse compensada pelo requinte, o afinamento da natureza. Mas qual! São doentinhas e tolinhas.

625 Estava realmente exaltado; e o Procurador sorria satisfeito, remexendo a salada. Sim, as senhoras de Lisboa eram enfadadinhas... Más comidas, más águas!

630 Mas o caseiro, que entrara com uma garrafa especial de vinho do Abade de Carmelinde, anunciou, que a chuva tinha parado, e havia mesmo um bocado de céu limpo. Então foi uma grande esperança — e o delicioso vinho do abade foi bebido entre planos para a visita à quinta e aos arredores no dia seguinte, logo de manhã cedo. Mas o caseiro e Padre Ribeiro não concordavam — um querendo que se partisse direito ao Mexieiro, e se entrasse pelos carvalhos, de modo que S. Ex.^a fizesse primeiramente uma ideia de toda a freguesia — o outro preferindo que S. Ex.^a primeiro visitasse a quinta, a começar pelo campo do Costa, e depois fossem ao Cerejal, onde tinham os cavalicoques para ir fazer o lindo passeio até S. Brás. Ambos porém asseguravam a S. Ex.^a que havia tempos de visitar tudo — e tomar o trem às seis horas para o Porto.

640 José Ernesto porém, não respondia, torcendo o bigode. Aquela partida para o Porto e daí para Lisboa, que o separava, para uns poucos de meses, do Paço, mesmo quando se decidisse a comprá-lo, pareceu-lhe de repente brusca e desagradável.

645 Era como se de repente o arrancassem de ao pé de *não sei quê* de vago, e de real que o estava interessando, e acordando a curiosidade. Necessitava realmente estudar, conhecer melhor aquela região. Gostaria de se demorar, vaguear uma semana por aqueles arvoredos e vales. Depois dum silêncio, de repente, perguntou se não havia um hotel em Vila-Fria. Padre Ri-
650 beiro e o caseiro sorriram — Em Vila-Fria? Nem um catre para um trabalhador!

Então José Ernesto que findara o café — foi à janela. E com efeito, não havia rumor de chuva benéfica. Os campos repousavam, sob a paz da noite, saciados e mudos.

655 Acabando o cigarro foi sentar-se no canapé de palhinha, — e o serão começou por um longo silêncio, entre ele e o procurador, que ficara na sua cadeira com o cotovelo encostado à mesa, num repouso e sonolência de digestão, que lhe cerrava, irresistivelmente, as pálpebras grossas.

660 — Se houvesse um baralho, disse por fim José Ernesto, podíamos jogar uma bisca.

O procurador abriu os olhos, sorriu, fez *bê bê*, de novo as pálpebras se lhe descaíram, pesadas e dormentes. E José Ernesto terminou por se estirar no canapé — e pensava na
665 sua volta a Lisboa, com tédio. A sua vida em Lisboa, agora que a via, assim de longe, dentre aquele silêncio de aldeia, no seu conjunto ela parecia-lhe intoleravelmente vazia e estéril. Que era ele? Um cavalheiro, com uma boa fortuna em inscrições e prédios. Um dia em cada trimestre recebia a sua renda
670 do Estado e dos inquilinos — e todos os outros trezentos e sessenta e um dias, os passava, gastando essa renda, em comer, passear, actos de instinto, exactamente os do seu cão. Actos de inteligência, duma humanidade superior, eram só algum livro folheado à noite para adormecer, um bocado de
675 *bluff* no club, uma *ou* outra contradança no inverno, e parar no Chiado diante de algum amigo para murmurar «que há de novo?» Não era realmente uma existência humana. E sobretudo, duma tão grande solidão! Amigos, parceiros, as damas que contradançavam, eram na verdade, para ele, como som-
680 bras — aparências — e quando por acaso se constipava, e tinha de ficar em casa, todas as sombras se dissipavam, e para

ele não existia o mundo nem sociabilidade humana. Decerto, podia casar, tinha como todos os homens, de casar. Mas com quem? Ele exigia tanto numa mulher — a beleza!, a alegria!, a saúde!, a bondade!, a cumplicidade! e depois, ainda princípios
685 sólidos, para que o seu lar fosse honrado!, e depois ainda uma raça antiga porque «no fundo é uma boa condição». Onde estava, por acaso, essa maravilha?

Padre Ribeiro, que havia instantes ressonava, teve um ronco tão forte que despertou. E endireitando-se na cadeira, depois de pedir desculpa a S. Ex.^a, o seu primeiro cuidado foi ver se chovia. Não, com efeito, o céu limpava, prometia um dia claro. De modo que o que lhe parecia razoável, visto terem a esperança de madrugar, e de visitar a freguesia, era retirarem
690 aos lençóis. E ele mesmo arranjou a vela de José Ernesto, que acompanhou, ainda estremunhado e bocejando, à porta do quarto.

— O Sr. Padre Ribeiro, lá em Vilhalva, dizia José Ernesto pelo corredor, deita-se cedo; deitam-se todos cedo.

700 Sim com efeito, em Vilhalva aí pelas dez estava tudo recolhido. Só a Sra. D. Joana é que tresnoitava.

— Passa às vezes de uma hora da noite, e ainda está na sala, sozinha, a ler! E a casa toda apagada. E não tem medo! Enfim, cada pessoa tem os seus hábitos, e as suas ideias.

705 Estavam à porta do quarto, ambos com as velas na mão — e então José Ernesto, rindo, e com imensa familiaridade, acusou Padre Ribeiro de pouca predilecção pela Sra. D. Joana.

O procurador arregalou os olhos quase ofendido:

710 — Ora essa! Isso seria ingratidão! Ih, Jesus. Sou tão amigo dela como das outras meninas.

José Ernesto ria, gracejava.

— Isto era brincando Sr. Padre Ribeiro. Mas como tem falado já das ideias da Sra. D. Joana, como se fossem singulares...

715 Padre Ribeiro concordou, que nem sempre apoiava as ideias da Sra. D. Joana.

698: No manuscrito: «Simbres».

700: No manuscrito: «Simbres».

— Olhe, por exemplo, divergimos em política...

— Em política?

720 — Eu lhe digo... A Sra. D. Joana tem ideias muito livres. Chega a ser republicana! Para ela todos são iguais! Não há fidalguia, nem povo. Eu também sou liberal. Mas enfim há hierarquias. E V. Ex.^a por exemplo, não aperta a mão ao seu criado...

— Nem a Sra. D. Joana!

725 — Muito capaz disso, meu caro senhor, muito capaz disso.

— Mas enfim, não casaria com o criado, exclamou José Ernesto, rindo sempre, com o mais vivo interesse naquelas confidências.

730 E o Padre Ribeiro encolheu os ombros. É que não sabia se ela não casaria com o criado.

— Acredite V. Ex.^a que não sei. Muito capaz disso! Quero dizer, não casa porque o criado não chegaria lá às alturas que ela fantasia. Mas se chegasse! Olhe que tem perdido já dois casamentos soberbos. Então o último, com o fidalgo de Avelã, 735 lá nosso vizinho, nem se compreende! Um bonito rapaz, com belas propriedades! Mas então, não o achava esperto. Declarou ao pai, que o rapaz era um sensaborão, e nada! Está claro, o fidalgo de Avelã não é homem de livros. Mas eu não sei por quem ela espera! 740

Tornou a encolher os ombros:

— Enfim tem lá as suas ideias. Mas é uma perfeição de menina, e Deus há-de fazê-la feliz. Não será por falta de eu lho pedir. E aqui ficámos de palestra, com os castiçais na 745 mão. Tenha V. Ex.^a muito boas noites. Às seis cá o mando acordar.

José Ernesto entrou no quarto, foi pôr devagar o castiçal sobre a mesa: e ficou, encostado à beira da cama, perdido em pensamentos vagos, com os olhos na lua. A solidão da sua 750 existência voltava de novo a aparecer-lhe, muito nítida, com uma forma quase material, dum grande descampado, onde era sempre crepúsculo. E ao mesmo tempo sentia um desejo de ficar ali, muito tempo, naquela aldeia, onde todavia a solidão lhe seria mais profunda e real. Quando se deitou, suspirava,

755 sem razão com um vago enternecimento. E antes de adormecer, na escuridão do quarto, via passar, fugir, o brilho duns cabelos de ouro, que corriam num jardim.

Às sete horas, o caseiro bateu à porta do quarto. Ele gritou de dentro, estremunhado:

760 — Então?

— Sabe V. Ex.^a que está chovendo, e a valer.

José Ernesto escutou. A chuva caía despenhada, sobre o Paço. Quando José Ernesto daí a pouco apareceu na sala, Padre Ribeiro que esperava, plantado tristemente à janela, abriu os braços, desolado:

765 — E então que me diz V. Ex.^a a esta infelicidade? Em fins de Abril!

José Ernesto hesitou um instante, com um leve rubor na face; depois, olhando também o céu fusco, as longas cordas de água:

770 — Tenho estado a pensar, Sr. Padre Ribeiro, e eis o que me parece mais razoável. Este tempo não melhora. Eu também não posso voltar para Lisboa sem ter visto a propriedade e tomado uma resolução. Mas como já aqui estou e a jornada a Vilhalva não é grande, acho que o mais razoável é ir durante estes dias de chuva a conversar directamente com o sr. D. Gaspar, porque a gente por cartas nunca se entende; assentamos bem as nossas condições, e depois, em aliviando o tempo, volto por aqui, e visito a propriedade e o sítio com o amigo Brás. Que lhe parece?

780 O Padre Ribeiro esfregava as mãos lentamente:

— Acho muito bem... Acho muito bem! O sr. D. Gaspar há-de estimar muito... Eu não posso oferecer a casa, que não é minha, mas V. Ex.^a, na tia Rita, está perfeitamente. Eu falo com ela... Eu tinha hoje aí o carro para voltar... Acho muito bem.

785 — Podemos partir depois do almoço.

— Como V. Ex.^a quiser. O sr. D. Gaspar há-de ter muito gosto. Estamos lá por volta das quatro horas. Acho muito bem.

José Ernesto voltou logo ao quarto, cantarolando, a arrumar a mala. Depois, foi percorrer com o padre, outra vez, o

763: A partir de «Quando José Ernesto» e até «sala de jantar», inclusive, as pp. 68, 69 e 70, desaparecidas, estão conforme a primeira edição; ortografia modernizada.

790 Paço todo, até à adega. Mas agora já se detinha nas salas, estudando consertos, tabiques que deitaria abaixo — fez mesmo planos de mobílias. Quando viera almoçar, era como se ele fosse já o dono do Paço, e declarou mesmo que faria ali a sala de jantar.

Ao meio dia, a chuva cessou; e imediatamente o Brás
795 propôs uma visita, pelo menos até o rio, pela avenida de carvalhos. Mas José Ernesto recusou — não valia a pena encharcarm-se, até aos joelhos, receber talvez uma impressão desfavorável, quando daí a dois dias, ele viria fazer então a visita completa, e repousada. De resto, o cocheiro instava que marchassem para aproveitar a aberta. José Ernesto, alegre e ligeiro,
800 levou ele mesmo, apesar das exclamações do caseiro, a sua maleta para o carro. Então o Brás pediu que esperassem, para ir buscar umas poucas de rosas, duma bela roseira, ao pé do tanque, que o Sr. Padre Ribeiro levaria às meninas. O ramo
805 foi acomodado dentro dum cesto, e José Ernesto tirou uma pequena rosa, que pôs ao peito.

Depois, ao largar a traquitana, pela grande estrada, que ali subia, toda em encosta, José Ernesto perguntou:

— Como é o nome todo do Sr. D. Gaspar?

810 — Gaspar Maria Alcoforado de Menezes e Teles.

A chuva cessara de todo, e havia um bocado de céu azul.

Quando a carruagem ia entrando em Vila-Fria, ao passar no Cruzeiro, com um bocado de sol, entre nuvens, Padre Ribeiro teve um sobressalto, olhou a portinhola, gritou ao
815 cocheiro para parar.

— São as meninas! É o Sr. D. Gaspar.

E com efeito junto do Cruzeiro ia caminhando um homem de grandes barbas, de chapéu desabado, com uma senhora coberta por uma longa capa ligeira de borracha. Padre Ribeiro
820 saltou da tipóia — e ali mesmo na estrada fez a apresentação do hóspede. E José Ernesto reconheceu a Sra. D. Joana pelos magníficos cabelos louros. Era alta, dum branco saudável e doce, com belos olhos verdes finos e meigos. Padre Ribeiro mostrou logo o cesto de flores. Ela tirou uma que pôs na casa do botão
825 do casaco. José Ernesto ia já conversando com o Sr. D. Gaspar, caminhando a pé para a tia Rita, que era logo adiante do Cru-

zeiro, nas primeiras casas da vila. Depois quando ela se acercou — o velho voltou-se para dar uma ordem ao cocheiro. Joana e José Ernesto ficaram um momento sós na estrada. Tinham
830 ambos ao peito, rosas da mesma roseira.

Seis meses depois casavam — por uma manhã também de grande chuva.

Enghelberto

Enghelberto, Senescal das Ilhas, príncipe da Scânia, e senhor de Elfingor, a quem outros também chamam o Cavaleiro de Estanho, era na loura e corada flor dos seus vinte e três anos, o mais duro pecador da Cristandade. Em toda a Dinamarca se contava que seu avô, o velho Ulfan, para o tornar bravo, e estranho a toda a doçura, lhe dava a chupar no berço corações de ursos ainda sangrentos. Enghelberto tivera por mãe a filha deste chefe temeroso, a duquesa Tifânia, a «Tifânia soberbíssima» ou «Tifânia dos peitos altos» (pois sob esses dois nomes a celebrou em versos latinos Hincmar, deão da Sé de Roskilde) a tão falada Tifânia, que em moça, vestida de couro e com um casco de ferro, comandara uma frota pirata, estrangulara depois o Conde Magnus, seu primeiro marido, e vivera por fim em apregoada e triunfal concubinação com o abade do Mosteiro de Sora e por fim desposara o príncipe da Scânia, um moço néscio e risonho que tinha lindos cabelos cor de ouro. Mas seu pai, nem Tifânia de certo modo o conhecia, porque andando o príncipe da Scânia e a sua hoste a guerrear com Canuto IV contra o Margrave de Wisgrath, ela alternada-

1: Título acrescentado.

3: Poder-se-ia ser tentado a ler «Elsingor», na medida em que «Helsingor» é a forma dinamarquesa de «Elseneur». Mas a grafia, repetida, não deixa qualquer dúvida. Além disso, temos no texto a forma «Elsenor» para designar um outro lugar, que remete inegavelmente para aquele que Shakespeare tornou conhecido.

mente recebia no seu leito, aberto e tumultuoso como uma praça pagã, um Cavaleiro de Aquitânia foragido na Dinamarca, um carniceiro, cujos braços felpudos e sujos de sangue, jogando a barra, na festa de S. André a tinham maravilhado, e o

25 Cardeal de Módena, Legado do Papa... Quando Enghelberto nasceu, todas as tochas e lâmpadas do Castelo de Kolnor (como juraram o vilico e as aias sobre os Santos Evangelhos) se apagaram bruscamente, e as que estavam apagadas, começaram a alumiar, com uma luz muito clara e muito fina. Depois, ao

30 fim de três dias, Tifânia morreu, sem agonia, ditosa e serenamente, soltando um pequenino suspiro de entre os lábios que ficaram a sorrir, num sorriso de virgem que dorme, cansada depois duma festa, e que sonha com as grinaldas, as sedas, os lumes, e a cadência das harpas. Sobre o seu corpo, envolto em

35 brocado branco, coberto de jasmims brancos, três bispos, os de Aarus, de Colmar e de Elsenor, espalharam o incenso, e as águas lustrais, e, em panegíricos facundos, declararam que a muito alta Duquesa, senhora de Elfingor, tão poderosa na terra, seria ainda poderosa no Céu, resplandecendo ao lado do

40 Deus-Padre. O príncipe da Scânia, antes de findar o seu luto, e a sua dor, porque aquele néscio moço amava a sua terrível mulher, morreu também duma pústula maligna. E Enghelberto, órfão, ficou **com** o sombrio avô Ulfan, no Castelo de Kolnor, onde foi crescendo, como um prodígio, em beleza e

45 em maldade. Ainda pequenino, à noite, à lareira, brincando, junto da grande cadeira de carvalho, onde o velho Ulfan se conservava imóvel, na sua grande peliça de rato de Arménia, o filho de Tifânia furtava muito destramente os alfinetes à aia, para espetar os pés nus do frade, que sobre o seu escabelo e na

50 sombra do capuz, lia dormentemente a *História das Cem Batalhas*, ou os *Milagres de Sto. Ansker*. Todas as aias andavam arranhadas, e feridas nas faces, da violência das suas mãos pouco maiores e mais brancas que uma pétala de magnólia. Desde que pôde correr pelo castelo, o seu melhor gosto, o que lhe

55 punha nos olhos admiráveis um brilho mais contente, era

36: Conforme o manuscrito. Seria mais lógico «Calmar» (hoje «Kalmar»).

chamuscar com uma tocha a cabeleira crespa dos pagens, ou de cima duma galeria arrojear, para a claustro, grossos escabelos sobre os serviçais e homens de armas que atravessavam a claustro. Tanto contentamento lhe dera quebrar com uma
60 barra de ferro as pernas duma velha galguinha italiana que outrora o Legado do Papa dera a Tifânia, que desde então constantemente procurava pelos canis ou pelos aidos algum cachorro ou anho sem defesa, que ele pudesse torturar. Um dia, que errava **fora** das muralhas, avistando uma velha, que,
65 vergada sob um feixe de lenha, caminhava lentamente à beira dos fossos, correu de leve sem rumor, e atirou a pobre criatura à água, que felizmente era baixa e pouca, porque findava o estio, e havia paz em Kolnor. Mas quando, ao Domingo, na Igreja, sobre o estrado, quieto ao lado do velho Ulfan,
70 com os seus lindos cabelos de ouro todos em anéis, sobre o gibão de brocado, a gorra pousada no chão, e as mãos postas, ele erguia os olhos docemente, para o coreto onde os noviços cantavam, as mulheres pela nave sorriam de admiração enlevadas como diante dum Anjo; e ainda depois pelas ruas cis-
75 mavam com aqueles olhos dum azul tão luminoso e profundo e translúcido, como elas nunca tinham visto, nem no Mar, nem no Céu.

A sua inteligência era singularmente clara e destra. O velho cónego da Sé de Roskilde, que viera a Kolnor numa torre isolado para lhe ensinar a História Santa, as letras, os números, e as divisões do Mundo e o curso dos astros, em breve, soube menos
80 que Enghelberto, e diante da sua curiosidade pelas coisas do saber, ficava enleado, tartamudeando; até que o discípulo terrível, saltando do escabelo e rindo lhe puxava as barbas, ou lhe mascarrava a face de tinta. Chorando, um dia, o velho clérigo veio rogar a
85 Ulfan, que lhe permitisse recolher a Sora, a rezar na sua cela as suas horas canónicas. E o rude avô, que nunca soubera nem escrever o seu nome, galhofando e de bom grado o consentiu, no receio de que o herdeiro das suas armas e terras viesse a
90 estragar a vida, como um rapado e macilento clérigo, entre per-

79: Conforme o manuscrito ; «que vivia em» seria mais coerente.

gaminhos cobertos de letras. Já ele andava inquieto por o neto se ter tornado mais manso, sem aquela turbulência, aquele desdém da dor, e indiferença pelo sofrimento que eram prenúncios duma alma esforçada e soberana.

95 Enghelberto aprendera a cavalgar todo o ginete, e a atirar à flecha, e a manejar o montante, e a emparar de broquel, sem que através desse contacto com as armas, e no brio de provar destreza e força ele se abandonasse a outras violências, além de
100 vergastar algum cavaliço, ou quebrar os dentes com o guante a algum pagem tardio. E mesmo o velho Ulfan com desgosto o vira por vezes, durante [0], passear no vergel, devagar, parando a escutar o cantar dos repuxos, ou a colher uma rosa silvestre, à maneira duma donzela, e como se na sua alma tivessem resvalado pensamentos de graça e doçura.

105 Para o desviar então da moleza, quis que ele se entregasse à caça, que acorda e aguça o gosto da guerra: — e com esse intento lhe preparou uma matilha de alões e de lebréus da Bretanha, e os melhores açores e falcões que o Margrave de Holtorp pôde obter na Pomerânia e no país Russo. Imediatamente Enghelberto se tornou um caçador violento e insaciável.
110 Logo de madrugada saltava na sela, e de arco ao ombro, a aljava cheia batendo-lhe a coxa, o cutelo passado no cinturão, soltava três toques de buzina, saudando o avô que do alto da torre, embrulhado na sua peliça de rato de Arménia, as barbas
115 a esvoaçar no vento frio, lhe acenava com a mão cabeluda. E colhendo sobre o guante o falcão encarapuçado de couro, transpunha a galope a levadiça, e desaparecia entre o arvoredor, juncado de neve dura, entre o uivar furioso dos alões, e a grita dos monteadores, armados de machados, de redes, de rojões pontiagudos, e de puas de ferro. Só pela noite cerrada, recolhia
120 a Kolnor, todo encarnado do ar agreste e do furor da matança, rouco de gritar aos lebréus, com manchas de sangue por sobre o gibão de couro, cheirando a selva e a fera. Era sobretudo a caça bravia dos javalis e dos ursos, no silêncio das fundas sel-

101: Pode conjecturar-se «durante horas» ou outra possibilidade. José Maria (filho) inventa «durante as tardes macias».

125 vas, que o deleitava; e o abater os animais, mergulhar, e
remergulhar o cutelo nas carnes arquejantes, e receber sobre a
face os esguichos do sangue, rasgar peles, e arrancar entranhas
que atirava aos lebréus, não o calmava; porque ainda à ceia,
130 contando ao avô as proezas, recomeçava os longos brados do
montado, cravava a faca furiosamente na madeira da escura
mesa. Mas depois ao canto da lareira, cansado e adormecido
sobre os coxins de couro, a face entre o ouro dos cabelos ri-
cos, com as longas pálpebras docemente cerradas, o buço
loureando como seda fina sobre os lábios escarlates e cheios
135 de seiva, era tão formoso, e parecia tão doce que o velho ca-
pelão, pousando o seu breviário sobre os joelhos, murmurava
para o velho Ulfan:

— Vede como era há pouco Nemrod, tão cru, e se agora
não o tomaríeis por um arcanjo de grão gentileza, que passava,
140 e pediu agasalho.

Nem o capelão porém, nem o velho Ulfan o admiravam
tanto na sua gentileza como a aia especial que àquela hora
preparava e trazia a Ulfan o vinho quente com especiarias. Era
uma alemã de Holstein, que viera com o irmão, mandado pelo
145 Margrave, para adestrar os falcões, e fazer neles a delicada
operação de lhes coser as pálpebras: e como se mostrara [0]
em fazer licores e doces, ficara no serviço das cozinhas de
Kolnor, que ainda eram rudes, e de artes simples, como no
tempo dos Jarles. Muito tempo, ela mostrara a Enghelberto
150 claramente o seu desejo, nos vivos e lampejados olhares com
que o chamava. O moço porém, que nenhum seio de mulher
ainda roçara, desviava a face, corando ardentemente, e hirto
no seu orgulho. Mas uma tarde no vergel, onde Corlina apa-
nhava ervas aromáticas, caiu sobre ela, bruscamente e brutal-
mente, e conheceu o amor. Mas a trigueira moça foi apenas
155 para ele como um copo, onde se bebe à pressa, e dum sorvo,
e que se repele, saciada a sede. Bem depressa lhe enjouou as

139: Passagem confusa: depois de «tão cru», lê-se «e se agora é como um arcanjo de gran gentileza», tendo sido riscado «o senhor», em favor de «arcanjo». A frase «não o tomaríeis» situa-se a seguir, mas referida ao que precede.

146: É possível, como fez José Maria (filho), conjecturar a palavra «hábil».

160 tranças muito negras e duras, os braços penugentos, a pele amarelada: e mesmo findou por a empurrar, com mão brutal, quando ela, surgindo nalgum sombrio corredor abobadado, lhe puxava a manga, o solicitava, com uma humildade lasciva. Já a esquecera, já ela se esbatera na turba vaga dos servos, quando uma manhã de inverno, de grande neve, atravessando o pátio para o canil, a viu, sob a funda porta da Torre do Tesouro, 165 pendurada do pescoço dum cavaliço, que ria, alvarmente. Imediatamente a mandou agarrar, e ao pobre cavaliço, e levar a uma das negras prisões do castelo, sob os ferros. Depois, à noite, quatro homens desceram ao cárcere, amordaçaram Corlina e o cavaliço, ataram os dois corpos um ao outro, 170 peito contra peito, com fortes cordas; estenderam aquele fardo miserável sobre uma padiola e assim o levaram, à luz duma lanterna, através da neve, para fora das muralhas, até a fundo valado, para onde o atiraram, sobre a neve fofa. Outra neve caiu, e para sempre os cobriu. E nesse momento Enghelberto, 175 diante da chaminé flamejante, passando a mão carinhosa na cabeça dum galgo, exclamou de repente, rindo, para o capelão, que lia velho fólio:

— Reza agora uma das vossas rezas por duas almas muito quentes, que eu mandei arrefecer.

180 Do outro lado, dentre as grossas peliças em que se amorrara, pesado do vinho quente, o velho Ulfan murmurou preguiçosamente:

— Conta a façanha...

185 Enghelberto encolheu os ombros leves. Uma bagatela, senhor, vilões punidos!... E o velho chefe tornou a cerrar as pálpebras pesadas.

Toda a vida de Enghelberto se empregava na caça: mas saciado já de abater ursos e javalis, e lobos, ele completava aquela festa de matança com correrias pelos povoados, e pelos caminhos, espalhando ruínas e dor. Os seus moços de caça formavam, pela multidão, e pelo ruído das armas, uma verdadeira banda 190 de guerra. Com eles, em galopes furiosos, ao estridor das buzinas, passava destruidoramente sobre as searas maduras, atravessava as aldeias atropelando as crianças que brincavam à soleira das portas, ou, no pendor duma colina, caía sobre um rebanho

que debandava em grande grita frechando as reses e o pastor. Depois o sombrio bando, afogueado, ofegante, invadia alguma taverna à beira duma estrada, esvaziava as pipas de cerveja, e espancava o taverneiro, e fazia um grande lume na lareira com os bancos partidos, e as arcas escavacadas a machado.

Uma [0], avistando na orla dum bosque uma récua de machos carregados e três mercadores que descansavam, e comiam na sombra dum carvalho, galopou para eles, ordenou que lhe mostrassem o seu salvo-conduto. E ainda o mais velho, que tinha um longo nariz adunco e uma barbicha aguda de bode, rebuscava no peito por dentro da simarra, com a mão trémula, já Enghelberto gritara ao seu bando que amarrassem os três judeus a três árvores «porque aquelas eram decerto mercadorias roubadas». Debalde os três homens, já amarrados a troncos, com os olhos esbugalhados de terror, juravam ser honrados mercadores de Nuremberg, que iam à feira de Roskilde, com cartas e franquias do bispo de Trèves! Enghelberto e os seus homens desmontados já cortavam as cordas dos fardos, e iam espalhando pelo chão, com olhos chamejantes de cupidez, e de pasmo, toda uma riqueza de estofos purpurados de Veneza, de couros lavrados de Córdoba, tecidos de Gaza bordados a ouro, brocados de Arles, e tapetes dos orientais, armas marchetadas, peliças da Frísia, e pacotes de especiarias, e frascos de essência de rosa, e azeite de Provença, em botijas enraçadas de palha. Então Enghelberto, vendo que os seus homens já disputavam com olhos chamejantes a posse daquelas coisas reluzentes, e para eles estranhas, deu um grande brado, ordenou que aquela rica presa fosse repartida, segundo a Lei da Guerra, a lei venerável de Frotão, o Grande. E, divertido, entusiasmado com a bela aventura quis que se cumprisse todo o velho cerimonial. As buzinas soaram, como num final de batalha. Os fardos, as mercadorias, foram amontoados

201: É possível conjecturar «tarde».

224: Propomos Frotão, e não Trotão (leitura até agora adoptada), porque a palavra começada por minúscula exactamente antes e riscada deixa ler claramente «fro». Além disso, Mallet, na sua *Histoire du Danemark* (Copenhague, Les frères Philibert, 1758), evoca diversos reis chamados «Frothon».

em torno do estandarte de Kolnor, cravado no chão. E o mais
velho dos homens de armas dividiu a presa em três lotes (por-
que o terço pertence ao chefe), e foi depondo em grandes bra-
çadas, veludos, sedas, tapetes, couros lavrados, aos pés de
Enghelberto, que se colocara sobre uma pedra, muito sério,
apoiado ao seu grande arco. Depois, os restantes terços foram
divididos em catorze quinhões repartidos pelos catorze homens,
que o vilico chamava um a um, e que se agachavam, remexiam
com as mãos escuras a doçura dos veludos, soltavam gritos de
gosto se lhes coubesse alguma arma com labores de prata, ou
ficavam rindo alvarmente, diante de algum espelho de prata,
ou de finas rendas que desdobravam. E todos depois iam consi-
derar com espanto o lote de Enghelberto, que supunham de
coisas mais preciosas, por ser do chefe. Mas Enghelberto, para
mostrar o seu desdém da presa, nem descera sobre ela os olhos, —
e repelindo com a sua grossa bota de couro vermelho, tauxiada
de prata, os veludos, os cofres, as essências, as peças de baixela,
que ante ele se amontoavam, acenou com o arco, saltou sobre a
sela. Então o mais moço dos mercadores amarrados à árvore,
vendo consumada e irreparável a rapina de tantos bens, não se
conteve, e estrebuchando nas cordas, com o pescoço esticado,
todas as veias a estalar, e grossas lágrimas nos olhos cor de aze-
viche, gritou furiosamente:

— Ladrões! ladrões! ladrões!

Imediatamente, Enghelberto, erguido sobre os largos es-
tribos, retesou o arco, com a flecha apontada ao peito do
miserável. Mas o vilico acudiu:

— Lume, meu doce senhor, lume, que a flecha é arma
nobre para o judeu maldito...

E assim era pelo velho costume saxónio. Então En-
ghelberto mandou que amontoassem toda a sua parte de pre-
sa, misturada a galhos secos, em torno da árvore onde gemia
o judeu amarrado, e que lhe lançassem o fogo, que é devido
aos carrascos do senhor Jesus Cristo. Em breve as chamas, o
fumo denso envolveram os urros estrebuchados do miserá-
vel. Os outros dois, ao lado, nem gemiam, lívidos de ter-
ror — porque Enghelberto lhes gritara rindo: «Vós outros,
esperai pelos lobos».

E o bando cavalgou, partiu, com grande rumor. Era a estação doce, e triste em que nunca anoitece — e o sol ia alto, no ar fino com o brilho de ouro embaciado. Pelos rudes caminhos, recolhendo a Kolnor, a cavalgada trotava, ruidosa, estranha, e mais cheia de cores, que uma procissão de Natal. Alguns dos homens tinham atirado sobre os ombros as largas peças de seda amarela ou vermelha que recaía, envolvia os cavalos, e pareciam Reis Magos. Sobre pontas de lanças iam arvorados como bandeiras ricos tapetes tecidos em Babilónia ou véus nupciais deixando no ar um sulco branco, grossas mãos cabeludas agitavam ao alto molhos de plumas multicores, e espelhos que faiscavam tocados de sol. E as risadas não cessavam em torno dos que gulosamente, e dum só trago tinham esvaziado algum frasco de azeite de Arles, e vomitavam debruçados no arçã, berrando contra o judeu maldito. E os que tinham espalhado essências de rosa, sobre os pelotes de pele de lontra, iam com um sorriso contínuo, no orgulho do perfume que exalavam. E todos se queixavam, que não se tivesse palpado os judeus, para lhes tomar os bons dobrões de ouro que decerto traziam no debrum das simarras. Na frente, ao lado do estandarte de Kolnor, Enghelberto, tendo dado o casco ao escudeiro, com os cabelos soltos, a linda face alta, sorria, como perdido em pensamentos suaves.

Ao chegar ao morro, onde assentava o castelo de Kolnor foi ele o primeiro que percebeu na torre de menagem, e sobre os caminhos de ronda archeiros, outros homens, que acenavam, como se houvesse grande nova. Atirou o cavalo pelo morro. E logo ao transpor a levadiça soube pelo sobrerrola, que seu avô Ulfan estava morrendo. Depois, subindo a negra escadaria de pedra, o vilico ainda lhe contou que se tinham recebido nessa tarde notícia de se terem revoltado, e tresmalhado a monte todos os servos de Jarna.

Quando Enghelberto, abrindo a grossa porta de castanho chapeado, avistou o avô, estendido no rude leito feito de grossas traves negras, vestido com a cogula de Cister, entre tochas acesas, teve um brado de cólera, contra os dois monges e o notário, que se conservavam imóveis junto à alta fresta do quarto abobadado.

— Como ousásteis? Vilões, vilões!... O meu doce senhor
305 morrendo, sem as suas armas, já amortalhado com a trapagem
de frade, e entre tochas!

O mais velho dos monges balbuciava, curvado sob aquela
grande cólera:

— Senhor, está morto, desde a hora de prima...
310 Enghelberto empolgou as barbas longas do santo homem
que sacudiu furiosamente:

— Mentos! Está vivo! Vivo e forte para te arrancar a lín-
gua, falsário! Onde é que viste tu, em toda a Dinamarca, um
senhor, e o senhor de Elfingor, morrer desarmado?

315 Com os guantes de caça, que arrancara das mãos, apagou
violentamente as altas chamas amarelas das tochas. Depois, ti-
rando de sobre o peito do avô, o crucifixo, atirou-o a um dos
monges, gritou aos escudeiros apavorados, que revestissem o
seu senhor com todas as suas armas, negras, e sem sobreveste,
320 como num dia de batalha.

Enquanto os escudeiros se apressavam empurrou o vilico,
para o fundo da janela, onde o sol ainda batia:

— Que contavas há pouco de servos, e de revolta em
Jarna?

325 O vilico, muito pálido, apenas sabia, por mensageiros che-
gados nessa tarde, que os servos se tinham levantado, matando
o regente, por se terem dado vinte das suas mulheres, e dez
crianças, com cem carneiros, e cinquenta marcos de prata, em
saldo duma dívida ao Mosteiro de Sora. E tinham queimado
330 vivo numa meda de palha, o regente.

Enghelberto sorriu, tocando o buço leve.

— Lá iremos, a Jarna... E depois também ao mosteiro
de Sora, ver os carneiros e a prata, que decerto foram mal
contados.

335 Voltou ao leito, arranjou, sobre o corpo do avô já arma-
do, a espada, de modo que o forte punho pousasse bem sobre

314: No manuscrito aparece «Elfingal», lapso que se repete e que se corrige, sem-
pre que ocorre.

324: No manuscrito : «Elfingal».

332: No manuscrito : «Elfingal».

o coração: e murmurou, como no canto de morte de Lodbrog: — «Era forte e feriu com a espada».

Depois estendeu a mão, num grande gesto de promessa,
340 sobre a face do velho chefe, mais temerosa na sua rigidez:

— Sossegai, meu doce Senhor, que eu serei tal como vós fostes no mundo. Terras que me deixais serão alargadas, e o nome que de vós me vem se acrescentará em terror. Deste negócio agora de Jarna não tendes mágoa, que a vingança cairá
345 onde é devida. Para a grande jornada que ides empreender não vos faltará cavalo, que eu mandarei convosco enterrar o vosso, levando no arção um saco com cem marcos. Adeus! Que a senhora santa Virgem vos leve por sua mão ao Valhalla como deve a um valente Senhor de Elfingor.

350 Lentamente dobrou o joelho, beijou a fria mão, coberta de rude pêlo, que pousava rigidamente sobre a espada. Depois com um gesto seco aos monges silenciosos, e encolhidos, na sombra dos capuzes:

— Agora sim! O Senhor de Elfingor morreu. Trazei a mortalha, e rezai as rezas.
355

Nessa noite o corpo de Ulfan, Cabeça de Ferro, foi aberto, e salgado com sal; e por sobre a armadura, com que de novo o armaram, rebrilhava uma túnica de pano de ouro, orlada de arminhos tingidos de vermelho, e assim o colocaram, depois de bem penteados os longos cabelos, na sua vasta cadeira
360 de carvalho, no topo da sala de armas, com o seu escudo aos pés, e nas mãos um livro de Horas, coberto de pedras faiscantes. Por **um lado** o bailio segurava o pendão de Elfingor, — um sol negro sobre um mar de escarlata. Seis monges rezavam, de joelhos nas lages; a espaços duas tubas de guerra ressoavam, e
365 o Notário de Elfingor, na sua longa garnacha negra, lia, num rolo de pergaminho, numa grande voz, as batalhas que batalhara Ulfan, e os assaltos, e as fortalezas tomadas. Por diante, no entanto, desfilavam os oficiais de Kolnor, os feudatários, os
370 archeiros, os homens de armas, os mestres e todos os servos.

344: No manuscrito : «Elfingal».

363: As palavras entre colchetes estão riscadas no manuscrito.

Cada um dobrava o joelho, ante o Chefe morto, fazia o sinal da Cruz, tocava com os dedos nas lages, como para se cobrir de pó — e ia ainda depois saudar Enghelberto que, no outro topo da vasta sala, se conservava imóvel, com um trémulo e
375 alto molho de plumas brancas no elmo, uma sobreveste de lã branca por cima da armadura, um vasto manto de almáfega branca rojando em pregas no chão, e as duas mãos envoltas num véu branco, e pousadas sobre os copos da alta espada, donde pendia um laço branco.

380 Ao outro dia, o grande corpo de Ulfan, embrulhado numa pele de veado, foi metido num sarcófago feito com as tábuas da galera em que ele comandara uma expedição à Scânia, e forrado de gesso. Aos seus pés foi posta uma vasilha cheia de água benta do Jordão, sobre o seu peito uma relíquia, de
385 S. Ansker, que era o osso dum dedo, e sobre cada uma das faces a metade duma hóstia consagrada. Seis vassalos, de Elfin-gor, conduziram o esquife, coberto com um pano tecido de ouro, a que Enghelberto, caminhando atrás, nas suas grandes roupagens brancas, segurava com as duas mãos as duas pontas
390 franjadas. Por todo o vasto terreiro, brilhavam as filas de tochas, e o rumor, sob o céu cinzento, era grande e lúgubre, com o gemer das tubas, o dobrar dos sinos grossos, e os uivos soltos das carpideiras. Quando o esquife penetrou no vasto sarcófago, de pedra bruta, e rude como uma pia de gado, o alferes da
395 mesnada colocou sobre ele, desembainhada, a espada de batalha de Ulfan. E então o notário, tirando do seio da garnacha um rolo de pergaminho, disse numa lenta e grande voz, a nobreza de Ulfan, os seus feudos, as suas acções, as batalhas que combatera, os castelos que assaltara, todos os seus feitos
400 em cinquenta anos de errante e sangrenta glória. E as carpideiras gritavam, num coro choroso: — «Tanto revolveu a terra que abriu a sua sepultura!». Depois selado o enorme tampo de pedra, com os selos de Elfin-gor, e rezadas grandemente as benções rituais, e queimado o incenso e as resinas aromáticas, cada
405 homem de armas, cada servo das glebas, pôs sobre o sarcófago um ramo verde de pinheiro ou de abeto. À porta do jazigo foi escavada uma grande cova onde se enterraram vivos o cavalo de Ulfan, e o seu lebréu de Islândia. E para que o chefe morto,

antes de subir ao Valhalla, não se sentisse solitário, no seu
410 sepulcro, toda a noite, em redor, besteiros, e soldados, bate-
ram com as lanças sobre os escudos, e sopraram nas buzinas de
caça. E nunca em Dinamarca houvera um tal festim de fune-
rais. Das salas juncadas de erva verde, as mesas transbordavam
para o terreiro, onde besteiros, e colonos, se sentavam em al-
415 mofadas sob velários franjados. Os gamos, os gordos carneiros
assados, eram trazidos sobre padiolas. Sem se cessar se rolavam
pipas, donde as pontas das ascumas faziam esguichar a cerveja
ruiva: e cada caneca era bebida dum trago em honra do chefe
morto. Bardos e menestréis, ferindo as harpas, cantavam as
420 lamentações de Godruna, o Canto de Morte de Lodbrog. Os
homens de armas, excitados pelos cantos heróicos, arrancavam
as lorigas de couro, e combatiam, até que os fios de sangue
corressem sobre os grandes, fortes peitos, nus e brancos, por
entre o rude pêlo ruivo.

425 No ar já triste da tarde, os sinos não cessavam de dobrar,
lentos e lúgubres. Às grades das prisões, sob a torre, apareciam
as faces escaveiradas dos prisioneiros, que o cheiro das comidas
atraía, e que choravam de fome. E os soldados arrebatavam os
arcos e frechavam os miseráveis. E quando desceu a noite, as
430 carpideiras, abandonando sem ruído a capela, seguiram os sol-
dados, para a beira dos fossos, ou para debaixo das árvores do
horto.

Ao outro dia toda a vassalagem se juntou na grande sala
de armas, onde Enghelberto, de pé diante da grande sede se-
435 nhorial de Ulfan, esperava, todo armado, com armas de bata-
lha, tendo ao lado o alferes que sustentava o pendão, e do
outro o Marechal da Hoste, que segurava sobre uma almofada
as chaves dos castelos de Kolnor, de Elfingor, de Jarna, e de
Lunden. Então, pela grande porta, entrou o Senescal, trazendo
440 nas mãos, religiosamente, uma taça, terrível e magnífica, que
era um crânio humano, cravejado de rubis, assente sobre um
pé de ouro, que pertencera outrora a Sivald, Olho-de-Enguia,
rei de Gótia e de Jutlândia. Ajoelhando no grande silêncio,

ofertou a taça a Enghelberto, que muito lentamente a ergueu,
445 nas mãos ambas, e gritou:

— Por meu avô Ulfan! Pela taça de Sivald, que é a taça de
Memória, e perante vós todos que sois testemunhas, juro que
nunca pagarei tributo; com a espada e com a lança ferirei, por
amor dos meus direitos, e ante os meus inimigos tornarei o
450 meu nome terrível, e morrerei direito e armado.

Bebeu lentamente, gravemente. Molhou a ponta dos de-
dos nas gotas que restavam no fundo da taça e traçou sobre a
couraça uma larga cruz. Depois, subindo ao estrado, tomou
assento com força na sede senhorial, batendo, os punhos fe-
455 chados, pesadamente, sobre os dois braços de carvalho lavra-
do, que representavam focinhos de lobos — e o duro fulgor do
olhar que atirou pela vasta sala côncava, fez baixar, de terror,
todas as faces.

Mas já os trombeteiros, correndo aos balcões, atiravam
460 para fora, para o terreiro um som festivo (?) e rouco. Os sinos
repicavam com estridor. O sol negro do pendão, agitado, movia
os seus raios negros, sobre o elmo de Enghelberto: aos seus
pés, jaziam as grossas chaves dos castelos; para a abóbada su-
biam grossos rolos de fumo, dos incensadores que dois capelães
465 acéfalos balançavam, saltando, sobre a ponta das sandálias: e, a
um gesto arrebatado do Marechal da Hoste, todos bradaram,
com as espadas, e lanças, faiscando no ar: — Preto a
Enghelberto, príncipe de Scânia! Preto a Enghelberto, Senhor
de Scânia! Preto a Enghelberto, duque de Jarna. A imensa
470 aclamação rolava, fazia tremer as lanças nas hastarias, e ainda
no terreiro, ressoava mais alta, mais forte, retomada pela
vilanagem, que se apinhava até as barbacãs agitando ramos
verdes. Excitados, e repuxando as cadeias de ferro, os lebréus
e mastins latiam furiosamente.

475 Logo nessa madrugada, fez soar alarme, e com lanças, cem
archeiros, correu sobre Jarna. Os servos revoltados, armados

469: O vocábulo «Scânia» aparece repetido, de resto com grafias diferentes e pou-
co nítidas em ambos os casos. Trata-se de um descuido manifesto, mas não se pode
afirmar que seja necessário substituí-lo por «Elfingor» — texto de José Maria (filho) e de
Beatriz Berrini —, em vez de «Kolnor», por exemplo.

de chuços, de foices, apenas cobertos de peles de carneiro rotas, erravam, num bando já desordenado e incerto, pelas matas que limitavam a terra senhorial: e numa tarde, tinham descido
480 à beira duma lagoa, que altas dunas dominavam. Aí os colheu Enghelberto, cerrando sobre eles, com os seus pesados homens, vestidos de ferro, e os mastins ferozes, como numa alegre caçada. As armaduras, os penachos, os pendões, o estridor das buzinas, deslumbraram, aterraram aquela horda miserável, armada de chuços: e em breve, junto à lagoa cinzenta e triste,
485 sob o céu baixo e triste, não houve mais que um montão de cadáveres a que os cães lambiam o sangue, e uma fila de cativos amarrados com grossas cordas, que os homens de armas iam empurrando, a picadas de lança para as muralhas de Jarna.
490 Enghelberto resplandecia com o gosto e a glória da sangrenta façanha: e ainda por vezes durante a marcha, pelo vale sombrio, estacava o corcel, despedia uma frecha sobre o bando de cativos, rindo do grito agoniado que se erguia, dos dorsos que se encolhiam a tremer. Dois dos miseráveis, feridos, sem poder
495 andar, foram amarrados pelos punhos ao arção de dois cavaleiros, e arrastados. Depois, transpostas as primeiras muralhas, do imenso castelo de Jarna, logo no terreiro, sem descavalgar, e sem atender ao vilico que o saudava, lhe oferecia as chaves da torre, intimou os servos cativos, a que lhe apontassem o
500 chefe, que os incitara, os levara para o monte, sob pena de serem todos esquartejados. Um homem de grandes membros, mais louro que o milho, e de ar simples e doce, logo se adiantou, bateu no peito. Enghelberto, rindo, ordenou que o coroassem como chefe e rei de rebeldes, com um aro de ferro em
505 brasa, e depois o esfolassem. E, com um grande gesto, de desdém, consentiu que aos outros cativos, apenas se decepasse uma orelha e o nariz. Depois, saltando, bateu com o guante de ferro na face do vilico, que esperava, lívido e trémulo, e gritou:
— Vilão falso! Que assim deixou tresmalhar as reses de
510 teu amo... Limpa a face, besta feia! E de beber, de beber de pressa, da boa cerveja ruiva, que a poeira foi grande.

481: No manuscrito: «e cerrando». A coerência da construção requer a supressão do «e».

Cedo ao outro dia, Enghelberto saiu do castelo numa mula branca, sem cota, ou elmo, apenas com uma lança de monte, e, seguido de três escudeiros, e de três mastins, percorreu todas as suas terras, a três léguas em torno de Jarna. Adiante marchava
515 um verdugo, um machado na mão, um grande saco de couro ao tiracolo. E ao passarem pelos homens que trabalhavam nos campos, por diante dos casebres dos colonos, ou por meio dos povoados o verdugo parava, tirava do saco pedaços de carne
520 morta, que arremessava para as portas, e à face dos homens ajoelhados, gritando:

— Aviso! Aviso! Orelhas e narizes dos servos de Jarna!

Desde esse feito Enghelberto habitou o castelo de Jarna, que pela vastidão, a espessura das torres, as rochas sobre que se erguia, e a sombria riqueza das velhas salas, melhor condizia
525 com o seu orgulho, o seu gosto do luxo, e o risco das bravas empresas: — e o grande nome do Duque de Jarna, começou a ressoar temerosamente por sobre a Dinamarca, que pela fraqueza do Rei Elrico, o Cordeiro, e pela feroz turbulência dos
530 condes e senhores, e pela imensa relaxação da Igreja, onde os Bispos viviam de mortandade e roubo, se tornara como uma terra bravia, sem Lei humana, sem Lei divina, e tão talada, tão esfaimada, tão revolta, que era nela melhor ser lobo que ser homem.

Como é grande em ramagens um abeto entre tojos rasteiros (?), assim entre os maus barões era grande em maldade o
535 duque de Jarna. E a todos, mesmo ao Rei, e ao Bispo-Conde de Roskilde excedia em poder. Não havia em toda a Jutlândia, castelos mais fortes, em fossos, muralhas, torres, e trens e engenhos de guerra, que o de Jarna, de Kolnor, e de Elfingor.
540 Dentro de cada um deles, na grossa torre da alcáçova, as paredes desapareciam sob os grossos molhos de armas, e as arcas estalavam com o peso do dinheiro em ouro e da prata. E atraí-

533: No manuscrito: «tão revolta, tão que»; o último «tão» deve ser considerado um descuido.

535: No manuscrito: «um grande»; a sequência «um abeto» requer a supressão do primeiro «um».

545 dos pela sua fama sonora, pelos largos soldos que dava, pela
esperança das ricas tomadas, e pela violência das empresas, toda
a sorte de homens bravios, aventureiros, bastardos, pobres,
vassalos rebeldes, freires excomungados, bandidos e foragidos,
550 corriam da Escandinávia, da profunda Alemanha, e até da
Aquitânia e da Ibéria, para se acolher ao seu seguro pendão e
comer da sua farta caldeira. Assim ele se tornou um chefe
irresistível. Ao princípio ele amava a guerra, como amara a
caça pelo prazer do tumulto, do sangue, do perigo; e não era
por cobiça de terra, ou ódios de linhagem que Enghelberto
555 reunia a sua **hoste**, e numa brusca cavalgada assaltava algum
castelo mal defendido, alguma vila mal murada, e matava,
queimava, devastava rapidamente numa pressa furiosa, para
recolher logo a Jarna, e rir da façanha, com os seus rudes
homens, bebendo a cerveja nova. Assim assaltou o castelo do
560 velho Conde Olaus, que mandou atirar à água dos fossos, fe-
chado dentro dum saco de couro. Assim invadiu a pacífica e
pobre vila de Ranford, junto à sua, colhendo todo o povo
numa igreja de madeira, a que fez trancar as portas e lançar
fogo!

565 Mas bem depressa estas violências, outras piores, levanta-
ram contra Enghelberto a cólera dos senhores, e das vilas. Um
dos seus alferes, o mais valoroso, e sagaz em manejar os trens
de guerra, foi surpreendido, num desfiladeiro, com todo um
troço de homens, pelo Senhor de Pintzen, que trazia cinquen-
ta lanças, e ali mesmo chacinado e todos os seus, entre grandes
570 tormentos de ferro e lume. Depois foi o Abade de Sorna (?),
que para vingar Fiord sua velha Feudatária, invadiu o castelo
e as terras de Elfingor, fazendo grandes

569: Passagem confusa; um primeiro «seus», desnecessário, aparece depois de «mesmo».

572: Aqui termina o manuscrito.

Sir Galahad

Um retiro escuro de árvores, no vale de Calendas, altos
crescem os fetos húmidos: um ribeiro cheio e estreito corre
sonoramente, rasga-se, espuma nas lascas agudas de ardósia:
5 raízes nodosas molham na água; no céu pardo, funerário, um
milhafre roda em voos circulares: e no silêncio caem gotas
vagarosas dos ramos encharcados. Sir Galahad na sua armadu-
ra de prata está sentado numa pedra, a lança caída nas ervas; e
o seu cavalo Haltborne pasta, e o seu escudo triangular tem
10 em relevo um lírio de oiro.

Sir Galahad:

Às vezes na noite deserta, por um céu de muita geada,
atravesso uma cidade: é regelada a lucilação das estrelas: os
telhados agudos estão carregados de neve: de neve estão cober-
15 tas as lages: e as ferraduras de Haltborne pousam como sobre
ramos de algodão: e o meu pensamento vai para os jardins de
Camelot, e para o Solar de Artur.

Naquela noite eu passeava à beira de água debaixo dos
salgueiros, pasmado para tantas estrelas que são feitas de oiro
20 puro: e sentindo a trompa de Sir Kay, que era o Senescal, soar
à hora da ceia, entrei na alta sala da Távola Redonda. Ali em
doze janelas os esmaltadores de Caerlon esmaltaram as doze
grandes batalhas de Artur; e na décima terceira que fica ao
Norte aprende-se como Artur recebeu a Santa Espada Excalibur
25 da Fada que habita um lago, junto a um mar de Inverno; e a

décima quarta, que olha o Sul, é branca; ali se esmaltará o fim de Artur — se alguém o souber esmaltar porque a agudeza de espírito, como uma lança muito usada, vai-se embotando entre os homens. À cabeceira da Távola, na cadeira que Merlin trabalhou, estava a Rainha Ginevra, com a sua longa capa verde
30 mar onde corriam os lampejos incertos duma água pérfida — e que era apertada por fechos de pedrarias; e estava só, porque Artur partira à alvorada a limpar a floresta de bandidos que vinham até Chalott roubar o centeio e a cevada. E à Távola
35 estavam Lancelot que o seu culpado amor trazia triste, e Percival que aspirava à paz dum claustro, e Geraint que é príncipe das Ilhas, e o bom Cavaleiro Sir Bors, e Gavain flor de cortesia, e Tristam que as mulheres amam porque é amado de Isolte, e os outros valentes: e havia em todos uma melancolia porque tinham passado os grandes dias das grandes batalhas.
40

Ora por esse tempo corria uma santa exaltação entre os cavaleiros de Artur, porque estando a Corte em Caerlon, um mendigo apareceu, que trazia a Percival uma carta: e era da irmã de Percival, que é monja num mosteiro, junto ao Usk; e
45 dizia a carta: «Meu doce irmão Percival, um santo velho com quem eu falo das coisas do céu tem-me contado duma veneração que há cem invernos existe entre os bons: e é que José de Arymatheia trouxe da terra de Arimat a taça, a Santa Taça, em que o meu Senhor Jesus Cristo bebeu na sua última ceia entre
50 os apóstolos; outros dizem que nela está coalhado o sangue da sua ferida sobre o lado; e José de Arymatheia trouxe-a quando veio para as terras de Glaston Bury, que são amadas do céu porque a coroa de espinhos floresce ali na madrugada de Natal; e quando José de Arymatheia morreu, e os homens foram
55 como feras nas florestas escuras, a taça foi arrebatada para o céu: este é o San Gral, tal é a verdade santa, meu doce irmão Percival. Ora o San Gral erra por estes céus: e avista-o quem tem o coração puro e claro como um ar de geada; e eu jejuei e rezei até que uma noite senti que o meu ser era imaculado

37: O epíteto heróico «flor de cortesia» permite identificar, sem dúvida, o cavaleiro da Távola Redonda Galvão.

60 como o narciso, que me pousava no seio: e estando na minha
cela, senti um fino som de trompas de prata pelas quebradas
deste vale; era noite de lua cheia, mas tão a desoras nenhum
cavaleiro caça; e então houve, em torno do meu rosto como
uma sussurração de asas, e os muros da cela cobriram-se duma
65 claridade cor de rosa; e espalhou-se um perfume inefável, como
de jasmins celestes: e diante de mim, diante de mim, devagar,
devagar, passou, pousado num coxim duma nuvem cor de leite,
o San Gral. Ergui, soluçando, as minhas mãos mortais
— mas apenas toquei as frias grades — e só vi, defronte, os telha-
70 dos cobertos de neve luzirem silenciosamente ao luar: e tudo
era calado. Jejua e reza, meu doce irmão: porque o Santo Vaso
visita quem tem o coração limpo.» — E Percival, e eu e os
outros da Távola Redonda rezámos e jejuámos e havia entre
nós como a esperança duma maravilha.

75 Ora eu tinha comungado essa manhã e andava todo o
tempo enlevado numa alta saudade do céu: e o monge tinha
dito as graças — quando, antes de me sentar à Távola, ao er-
guer estes olhos mortais, vi, oh meu Senhor Jesus Cristo, vi
no alto da abóbada faiscar uma linha luminosa, e logo um
80 ruído como duma peça de brocado que mãos fortes rasgam; e
uma nuvem branca, de forma duma rosa fechada, passou, cer-
cada de longos raios cor de jacinto. E quando nos olhámos,
em todos os rostos havia uma claridade gloriosa. E então
Percival, tremendo, fez um voto; e Lancelot; e o bom cavalei-
85 ro Bors que tem um pelicano no elmo, e Geraint sem temor,
e Gavain flor de cortesia: e foi o voto que cavalgariam um ano
e um dia, até ver o San Gral sem nuvem que o cobrisse; mas
para mim, a nuvem fora transparente, e eu vira cintilar o San-
to Vaso, e fiz um voto de cavalgar os dias e os anos, em pu-
90 reza e trabalhos santos, até nas minhas mãos mortais receber a
Taça Divina. E nessa noite jejuámos e rezámos: e quando Artur
voltou, e soube o Voto, fez-se uma melancolia na sua face —
que é nobre como o sol que se ergue; e disse: — «Ah meus ca-

86: A grafia não é nítida e pode hesitar-se entre Gavain e Giron, também ele caracterizado como cortês, que aparece adiante no texto.

95 valeiros, meus cavaleiros, ides correr atrás duma nuvem! Muitos de vós não voltareis! Oh Senhor Jesus Cristo, santos são os votos que se vos fazem, mas grande tristeza é ver o rei abandonado das melhores lanças — que vão a perseguir uma luz errante, que fuge pelos caminhos!» — E chorou, como nos funerais dum valente. Mas à alvorada, como bom rei e bom amigo, acompanhou-nos até à porta de ferro que fica ao norte, e onde Merlin esculpiu os seus feitos de armas: e desceu as ruas estreitas da rica Camelot, e das galerias, que dorsos de dragão de pedra sustentam, arremessavam-nos rosas, e lilases.

105 E havia em todos os olhos como o obscurecimento dum exílio. A rainha Ginevra, vestida de negro, sobre a sua mula branca, vinha ao pé do triste Lancelot, e torcendo os seus braços dizia: «Oh loucura, oh loucura: e clamava: oh loucura, que os nossos pecados nos (?) mandaram». E as mulheres, do limiar das portas, gritavam: «Bom sucesso, bom sucesso». E lágrimas corriam nas largas [0] grisalhas dos homens. E ao chegar à porta, todos descobertos e imóveis, Artur olhou um momento, a sua mão real fez no ar um aceno triste — e cada um tornou pelo seu caminho. E eu como eu era o último, senti Artur dizer: «Ó meu sir Galahad, tu vais, porque o teu coração é puro, como a tua face é nobre». E lembro-me que Isolte, a doce filha, prendeu, com soluços, as rédeas do bom Haltborne, me estendeu um narciso de Março, e disse: «Guardai por piedade de mim Sir Galahad». — E desde [0], por montes e florestas, sob a neve e sob o vento, no país inimigo, e pelo país do irmão, vou, vou, procurando o San Gral. Às vezes paro: e sinto passar-me com terror, a ideia da vastidão da negra terra; 120 mas uma luz rosada treme diante de mim, e ouço, a Voz que me diz: «Marcha, marcha, Cavaleiro de Deus que o Prémio está perto». E vou.

102: As páginas 1, 2 e 3 do manuscrito, que retomam as páginas 4, 5 e 6 até à linha 11 da p. 6, frente (ver a Introdução) acabam aqui. Começa então a primeira forma (como indica à margem uma mão estranha).

104: Esta frase retoma o texto, linha 12 da p. 6 (frente) do manuscrito.

109: É possível conjecturar: «largas barbas».

115: No manuscrito: «Altabil».

117: Presumivelmente: «E desde então».

125 E vou. A minha espada abre os elmos mais seguros: diante dos meus olhos recuam as feras mais vorazes; e as cidades pecadoras rendem-se à minha voz e eu tenho a força do céu — porque o meu coração é puro.

130 Uma noite Artur com alguns da Távola Redonda, cavalcando pelo ermo de Lionesse, veio a encontrar, numa espessura, ossos que branquejavam, e uma caveira coroada duma coroa, que tinha cinco diamantes sobrenaturais: ali algum antigo rei tinha caído nalguma antiga batalha; mas da memória dos homens passou o nome do rei e do Reino. E Artur, de volta a Camelot, instituiu justas de armas, uma vez cada ano, de que 135 um diamante era o prémio. Em todas me bati por honra da cavalaria: — mas não para fazer cintilar o diamante no colo duma dama; e dava-me consolação ver que Lancelot, flor da cavalaria, ganhava um por um para Ginevra, alma dos seus cuidados... Porque eu nunca senti bater contra o meu peito o 140 peito duma donzela: elas são rainhas de graça e frutos de consolação; e a aplicação dos seus olhos tem a influência do aroma do lilás. Mas mesquinho é o cativo dum amor mortal! — Purificadora é a ambrósia divina: pelo meu senhor Cristo, eu caminho e trabalho. Quando Artur fazia corte em Caerlon, e 145 eram os meses de vinho novo, e os céus estavam quentes, havia em paz debaixo dos álamos, juntos às águas do Usk, pares muito unidos, — as armaduras reluzentes, ao pé de saias de brocado, e suspiros pela espessura; e o galante Sir Valence, ou Sagamore, cavaleiro festivo, disse-me: «Tão frio é esse coração que o vinho novo **não** o aquece» —. O meu sorriso respondia serenamente. E afastava-me olhando as estrelas, pensando no céu: e por isso quando cavalgo, ou nas tempestades de Inverno ou pelos despenhadeiros escuros, tenho a certeza, que ao meu lado, confiado em mim, certo de mim, marcha o meu Anjo da 150 Guarda. E a minha força é invencível — porque o meu corpo é virgem.

Às vezes alta noite, encontro uma floresta: e através da espessura, vejo como o clarão de tocheiras, e sinto o místico rumor de cantares. Caminho — e encontro com as portas aber-

160 tas uma catedral alumiada. E está solitária: os sinos repicam
santamente nas torres; os fumos elevam-se dos incensadores; e
os degraus dos altares estão juncados de narcisos: e, ao fundo,
numa auréola, está imóvel, suspenso, maravilhoso, o San Gral.
Então, batendo no peito, arrasto-me, sobre as lages vazias
165 — mas um som como um suspiro, duma visão que finda, geme
no ar — e encontro-me no (...), num ermo áspero: outra vez é
na praia do mar: oh desolado então é o ermo, estéril me parece
a areia!...

Uma noite caminhando entre altas rochas num atalho estreito,
170 de repente, no meio duma nuvem ensanguentada cintilou
diante de mim o San Gral; toda a noite o segui: e a sua
claridade dava às rochas brancas como a delicada transparência
dum chão cor-de-rosa; e com a luz da manhã a nuvem fez-se
mais diáfana, e duma cor esmorecida; e segui — até que o atalho
175 subiu por uma montanha, onde gemiam tristemente os
ramos dos pinheiros: e no alto, fundada na rocha, erguia-se a
muralha duma cidade nova; e no centro havia uma torre, sobre
a qual, como uma pluma no elmo, se balançava uma árvore.
E ali parou o San Gral; mas o povo, com clamor fechou as
180 portas de ferro: e tão fortes eram os alicerces dos muros sobre
as rochas, tão fortes os homens de (...) e armas — que o Rei,
seguro, veio ver-me, rindo, na sua barba negra; e as crianças
com olhos chamejantes, atiraram-me pedras, e as velhas, pou-
sando as rocas, injuriaram-me numa linguagem bárbara: — To-
185 mei a cidade e destruí a raça; e tendo encontrado no jardim do
rei, seis leões cativos, quebrei-lhes as correntes: e os leões, com
passadas nobres, que esmagam os homens, afastaram-se por seis
caminhos, pensativamente. Mas quando subi a torre, vi o San
Gral, muitas léguas para além, para além de rios, e de vales, e
190 de outras cidades brancas. — E continuei, tristemente: e assim
venci por mim (?), e destruí reinos pagãos.

E um dia, tendo chegado ao topo duma colina vi em baixo
um vale muito verde: um rio límpido, que reluzia na clari-
dade, ia devagar, entre os renques de álamos pálidos; e ao pé
195 havia uma vila muito branca. E dum lado edificavam uma

abadia, e do outro um castelo; e num prado liso, todo esmaltado de margaridas, um cavaleiro, louro, experimentava falcões: e aquela paz foi para a alma como água de rocha, na sede do calor. E desci junto ao rio, todo enlevado nuns pássaros que cantavam nos salgueirais: e estendido na relva, com as suas armas dependuradas dum freixo, e seu cavalo pastando, estava dormindo um cavaleiro; e antes de ver a sua doce face, já pelo cisne branco do escudo, tinha conhecido Percival. O seu rosto estava cavado pelos duros trabalhos; a sua armadura amolgada, de recontros distantes, e entre as mãos finas apertava um rosário: e dormia tão profundamente, como ao fim duma batalha. Ao pé dele a água corria com um murmúrio doce: havia a relva, florinhas delicadas; e um pássaro cantava num ramo de salgueiro. Desejara bem saber (?), que combates combatera, por que terras se perdera: se avistara o Santo Vaso; mas não tem vagares quem vai num recado divino. Assim parti. Somente como a sua cabeça pousava sem consolação, ergui-lha delicadamente, e pus-lhe por baixo uma pedra, que o musgo amaciava: — e como a sua espada estava cheia de terra e o punho desconjuntado, deixei-lhe a minha, que estava limpa, — receando que um ferro mal seguro, o traísse nalgum recontro santo: — e deixei Percival, à beira da água tranquila.

À alvorada encontro lavadeiras, que à beira dos regatos sobre pedras brancas, batem os bragais dos solares; ou às portas dum castelo, escudeiros com as mangas arregaçadas, pulem as armaduras com areia: e ouço que riem e murmuram — «Este é um cavaleiro d’El-Rei, que anda à procura duma luz nova». Ou à beira duma vinha, velhos, que têm no olhar a serenidade, na palavra a experiência, sentados ao sol tépido, no meio de abundância de campos, e da paz do trabalho — dizem-me, quando eu passo trotando no caminho poeirento: «Senhor Cavaleiro, o Vosso Rei o disse; vós ides atrás duma imaginação, que vos leva pelos ermos!» Ou às vezes pelas terras (?)

224: No manuscrito: «no olhar a serenidade na palavra a experiência».

230 frias quando a neve cai, paro à porta duma albergaria: onde as
 janelas flamejam do fogo da lareira; e o jugo das carnes que se
 assam cai nos potes vidrados. À porta damas desmontam e
 pagens desamarram dos dorsos das mulas, as arcas de carvalho,
 onde estão os brocados; e ouço-as, que [0] da porta, todas
 235 rosadas do ar picante: «Bom Sir Galahad, a noite está de geada,
 os caminhos molhados; aqui tereis o vinho novo, os afagos de
 braços brancos; e é doce (...) contar contos de guerra ao pé da
 lareira, quando olhos amorosos o admiram, e a neve cai no
 caminho». Ou é um monge, que pelo atalho, ao escurecer, re-
 240 colhe a seu convento, tocando com uma vergasta o burro, que
 andou esmolando pelo vale, e ouço-o, dizer, na sua barba bran-
 ca: «De velhos livros está cheia a livraria do mosteiro; e em
 nenhum encontrei, em 50 anos, que os estudo, que seja coisa
 certa, esse vaso, que erra pelos ares!» — Ou então é um cava-
 leiro armado que encontrei à entrada duma ponte — e ao dar-
 245 -me passagem, em nome de Deus, sinto, que diz na sua viseira:
 «É piedade ver as melhores lanças de Artur empregadas num
 vão recado, — quando os piratas da Mancha (?) vêm roubar, à
 foz dos rios, os que são do reino» — Mas não paro; e uma lua
 ensanguentada reluz na noite; e a Voz diz-me: «Marcha, mar-
 250 cha, Cavaleiro de Deus, que o Prémio está perto».

Uma noite, cheirava à paz dum mar de Inverno: e sobre
 uma rocha estava um cavaleiro imóvel; mas a clina do cavalo
 agitava-se à aragem marinha; e era lua cheia. A minha armadu-
 ra de prata reluzia: e uma voz mais forte que o quebrar das

229: A frase «pelas terras (?) frias quando a neve cai» está por cima de «à porta duma albergaria».

233: Subentende-se o verbo «dizem».

235: Há uma palavra por cima, talvez «cálido».

236: Três palavras ilegíveis, entre «doce» e «contar».

247: A grafia é pouco legível e substitui a palavra «Norte», riscada. Poderia ser também «Mar», mas seria preciso completar por «do Norte».

248: Na margem este «os», a colocar presumivelmente antes de «que são»; a grafia não parece pertencer a Eça.

251: Palavras pouco legíveis, interpretadas por D. Maria e por Beatriz Berrini: «cheguei à praia» (ed. cit., p. 143 e p. 1869).

255 ondas, disse, lentamente: «Galahad. Galahad!» — E era Lancelot. E quando ele tinha cavalgado ao meu lado, ao comprido do mar de Inverno, eu disse: «Oh meu bom irmão Lancelot, como estás tu parado numa rocha do mar, quando vais neste recado santo». — E Lancelot disse, com uma voz mais gemente, que as gementes ondas: «Oh meu bom irmão Galahad, esse recado santo não é para mim; tu vês essa luz caminhar diante de ti — porque teu coração é puro: mas eu só vejo os seus olhos negros, e os seus seios brancos: ali, era a sua voz, na cólera do ciúme (?), que esbatia no quebrar desse mar irado, emanando destes raios de luz, como se vê a uns braços estendidos (?). Oh Galahad! Galahad! Eu não sou bom para este recado, nem para o Rei, nem para o Céu, nem para o meu senhor Jesus Cristo. Quero estar ali, quedo como uma rocha, ao pé duma rocha queda. Maldito sou eu porque amo a mulher do meu Rei. Adeus, meu irmão Galahad» — E, voltando para o centro das terras, desapareceu num bosque de pinheiros.

E um dia vi estirado num caminho, um vilão mutilado: das suas orelhas cortadas o sangue gotejava; e todos os seus membros estavam quebrados, como os galhos duma árvore que um rochedo derrubou. — E disse-me, gritando lacrimosamente: «Senhor Cavaleiro, do Bom Deus, além daquele castelo vieram, e roubaram os porcos que eu guardava, e, com malhos de malhado, bateram-me sobre a terra dura». E o castelo era ao pé dum lago escuro —. E em redor só havia urzes — e sobre a torre no ar passavam manchas negras que eram revoadas de corvos. E dentro havia como o tumulto áspero duma festa vil —. E ao som da minha trompa — apareceu, sobre a amurada, um cavaleiro monstruoso e hirsuto: os seus cabelos selvagens caíam sobre os ombros esguedelhados; **em** toda a face ferozmente barbada, luziam olhos infernais — e as suas mãos

257: De facto, Galahad é filho de Lancelot. A designação «irmão» remete para o companheirismo da Távola Redonda.

266: Oito palavras pouco legíveis, sobre as quais houve uma intervenção externa que não facilita a leitura. D. Maria leu: «nesses raios de luz eu só via os seus braços estendidos», ed. cit., p. 144.

cabeludas tinham como gestos de fera. Eu disse simplesmente: «Sou Sir Galahad, Cavaleiro de Artur». E ele me deu uma risada tão feroz, que aves de rapina na torre soltaram o voo. E logo como bubas que saem dum peito podre, figuras de rufiões, e
290 formas de mulheres, saíram das portas do solar. Em todos os olhares reluzia o delírio do vinho: e, alguns, ficando (?) interrompidos num repasto (?) traziam na mão pedaços de carne; e as mulheres (?) tinham os seios nus enodoados do pousar dos beijos sujos: e com as tranças soltas, uma lubricidade no olhar,
295 erguiam jarros, ou batiam em tamborins. — E o Cavaleiro então bradou: «És pois um dos que comem em Camelot à tábola redonda, no solar de Artur. Também, pelo inferno (?), tenho a minha tábola redonda. Somente nós jurámos o contrário do que vós jurásteis. Rimos da Consciência, da Virgindade, e do Direi-
300 to. E espoliamos as terras, só acolhemos prostitutas, e os meus cavaleiros fazem o mal por dever. E agora vou buscar a tua vida». — E quando ele apareceu, à maciça arcada baixa (?) — agarrei-o pelos cabelos, como um arbusto pelos galhos, arranquei-o da sela, e arrojéi-o, à beira do lago, onde a água negra
305 fazia um lamaçal profundo. — E um por um estendi os cavaleiros mortos no lajedo de pedra: e o meu pé escorregara em poças de sangue; e como se catam bichos numa alface, tomei (?) as mulheres, que, uivando, se colavam às muralhas, e atirei-as ao profundo lago: e espalhei à saída do castelo as achas acesas do
310 braseiro. Vim purificar as minhas [0] na água duma rocha: e tomando o porqueiro à garupa, levei-o a uma albergaria, onde gente boa lhe cobriu de panos frescos as chagas, e o serviu junto ao lar alegre. Toda a quente noite de verão, o castelo ardeu, corando o ar. — E eu segui, pensando quantas gotas correram
315 na face de Jesus, ao cravar da coroa de espinhos.

E cheguei um dia junto ao mar triste: altas como muralhas (?) eram as (...), triste o grito das gaivotas; e a água era mansa e negra. E havia um barco, saltei dentro: — e sem remo, nem vela, à proa, fui cortando o mar salgado. E então vi dian-

310: É legítimo conjecturar «mãos».

317: Palavra ilegível, onde é possível entender «ondas».

320 te de mim, dois anjos, com túnicas de linho branco, os pés
 nus, os anéis do cabelo como ouro, voarem como duas pom-
 bas paralelas, — e a sua mão luminosa elevava o San Gral,
 vermelho cor de sangue, prodigioso. E a minha alma arremetia
 325 contra o peito como um passarinho (?) contra um muro de
 torre. E eu caí de joelhos no barco — e gemi: se as minhas
 mãos são puras, oh meu senhor Jesus Cristo, deixai-mo levar
 com as minhas mãos mortais. — Mas os Anjos (?) cortaram o
 ar como duas pombas paralelas, e toda a água em redor era
 escura. E assim naveguei, muito tempo — e sentia, ao longe,
 330 bramir o mar como sob rochedos. — E uma noite vi **uma**
 barca: a sua proa tinha a forma dum dragão: e sob as arcadas
 do olhar, duas pedras vermelhas faiscavam como olhos ensan-
 guentados; largos remos moviam-se devagar, em cadência, e
 adiantava-se, solenemente, cheia de guerreiros imóveis, apoia-
 335 dos às armas bárbaras; os anéis loiros do cabelo que saíam
 debaixo dos capacetes curtos, flutuavam sobre os ombros lar-
 gos: e o braço dos escudos eram feras desconhecidas. Estavam
 mudos, e espectrais: e a barca passou ao ruído lento dos remos
 nos toletes; e ao fim de muitos dias, parou junto de mim como
 340 um castelo de neve: e os céus tinham a brancura fria duma
 toalha de altar. Eu nem sentia a fome, nem a sede: e a água era
 mansa e negra. Então (?) diante de mim de repente, dois bra-
 ços saíram do mar, brandindo espadas, cujos punhos refulgiam
 de pedrarias: e as duas lâminas atacaram-se, com golpes sono-
 345 ros, soltando faíscas, que se iam apagar na água; e quando a
 minha barca se acercou, as duas espadas afastaram-se, e ficaram
 hirtas (?) como quando se saúda (?) num torneio. Passei, e atrás,
 o duelo recomeçou, faiscante e sonoro. E sempre diante de
 mim os anjos voavam como pombas paralelas. Enfim, uma
 350 manhã a barca tocou junto a uma planície de neve: e eu pene-

324: A passagem apresenta-se assim : «e o meu alma batia-me dentro do peito»; «batia-me» está riscado, o que deixa supor que a palavra correcta (em vez de «alma») seria «coração» («o meu coração»). Por cima estão duas palavras que podem considerar-se ilegíveis, para as quais sugiro prudentemente «arremetia contra»; nesse caso, «dentro do peito» seria substituído por «contra o peito», ainda que «dentro do» não esteja riscado. A leitura permanece em aberto.

trei pelo (?) deserto branco. E dia, e noite, caminhei: nevava; o chão era indefinidamente liso e branco; branco também era o céu, e o silêncio sobrenatural: e não havia pegada de homem, nem de fera; e silenciosamente, sempre, sempre, nevava: 355 e os meus olhos não se afastavam dos dois anjos, que voavam mudamente, no céu mudo; e às vezes a forma do San Gral desmoronava (?), quase se dissolvia, e (...) uma frialdade geada descia então na minha alma: mas outras vezes, a sua forma adorada tinha a intensidade dum sangue reluzente — e a minha 360 **alma** tinha alegrias claras, que eram como lírios que desabrochavam. E eu não sentia o frio, nem a fome, nem o tempo, nem a sede, nem a atrição (?). E a neve cobria-me, e fazia flores em meus ombros, e em meus joelhos endurecidos. Mas um dia senti, quase subitamente, um estrondo temeroso; como 365 dum mar que se despenha: e o céu estava escuro, e eu não via as túnicas dos anjos — Parei, e o meu coração foi como duma criança, que se perde da casa de seus pais. Mas uma voz disse-me: «Marcha, marcha, cavaleiro de Deus, que o Prémio está perto». E marchei. E ao fim do dia cheguei, à beira de outro 370 mar — e a barca ali estava. E logo os dois anjos branquejaram no ar — e a barca vogou: e ao fim cheguei a uma terra onde cresciam arvoredos, e homens viviam: e reconheci o reino de Artur, e sítios de batalha; e pensei — «100 dias, e cem noites caminhei na fria neve»; e tendo chegado junto a um regato, para beber pela minha mão, erguendo a viseira, vi, que do 375 meu capacete saíam longas barbas brancas.

E um dia cheguei a um mosteiro: e os bons monges agasalharam-me. E uma grande fadiga caiu sobre mim: e deram-me alegres os frutos da terra, e o fogo da lareira: — E pela manhã, 380 limpavam o meu cavalo, que tinha tido boa ração, e que relinchava, sentindo os pastos frescos: e como eu passeava devagar, na cerca, onde havia castanheiros floridos, vim a encontrar pedras de túmulos: e algumas eram antigas, e o ar geado, e os frios, tinham comido os epitáfios; mas noutras mais novas, — e numa 385 laje em redor da qual cresciam goivos, eu li — «Percival, que foi cavaleiro de Artur, e santamente morreu na paz deste mosteiro». E como um santo monge lia, sentado na rama duma árvore, um livro santo — eu disse: «Como é **que** jaz aqui Percival?

Ainda há um ano, era um espelho de cavalaria, e de santas fadi-
 390 gas; eu encontrei-o, adormecido à beira dum regato, e o seu
 cavalo pastava ao pé, e tinha as esporas de ouro». — E o monge
 olhou-me como quem escuta uma língua estrangeira — E disse:
 «Da história deste convento sei — que vinte **anos** viveu aqui
 Percival, e que há vinte os seus restos jazem sob essa campa». —
 395 Um terror arrefeceu o meu espírito. — E toda a recordação de
 Camelot, e dos paços de Artur, e dos torneios das jóias — vie-
 ram à minha alma; — Veio uma saudade do meu bravo irmão
 Percival, quando caminhávamos pela estrada florida de Chalott,
 e os ceifeiros nos saudavam e falávamos de guerras alegres: e um
 400 ciúme me veio do meu bravo irmão Percival, que, agora, com
 um vestido de linho branco, vivia, no céu, vendo a face de Je-
 sus, e a florescência dos lírios eternos. E a minha alma berrou —
 «Quando me libertarás meu senhor, deste corpo de carne, e desta
 armadura de ferro». — E disse então: «Bom monge, e que sabes
 405 de meu rei Artur, e da sua loura rainha Ginevra: e que sabes,
 dos que comem à Távola de Artur» — E disse o monge: —
 «Aqui neste convento, vivo, sentando-me sob estas árvores, re-
 cebendo a delícia da criação, falando das coisas do céu — ou
 quando as tardes são claras, vou ver, nas choupanas, que há
 410 em redor do mosteiro, brincar as crianças, e falar os avós — e
 o mundo é para além, como uma página branca. Mas rumores
 vêm às vezes, como aves emigrando, pousar no mosteiro (?) —
 e diz-se nas cabanas em redor, que Ginevra morreu abadessa,
 no convento de Allenbury, que todos os da távola são mortos,
 415 e que Artur no dia da batalha desapareceu junto **do mar** — e
 há uma tristeza no Reino. Mas se quereis saber, as verdades,
 que vão nesta terra, aqui pára um monge mendicante, cheio de
 anos, e que como Percival, deixou a armadura pelo esca-
 pulário: — e era Sir Belvedere: ele viu cair Artur, nesta batalha

398: No manuscrito: «Chalot». Mas na primeira parte do manuscrito, revista, apa-
 rece «Chalott» (p. 1, vº). Ora, nos *Early Poems* de Tennyson, encontra-se «The Lady of
 Shalott», que conta a aventura da «demoiselle d'Escalot» com Lancelot.

419: Sir Belvedere, Bédoyer em francês, é um dos cavaleiros; às vezes é apresenta-
 do como condestável; mas não assiste, nas versões iniciais, à morte de Artur. Quem a
 acompanha é Giflet, outro cavaleiro. Em contrapartida, na «Morte d'Artur», de Tennyson,
 é Sir Bedivere quem assiste aos últimos momentos de Artur.

420 junto ao mar, e diz coisas estranhas no baixo às lareiras, nos
serões de inverno; e o monge que foi Sir Belvedere, é duma
ordem pobre no vale de Farnesse». — «Orai por mim bom
monge que eu vou daqui a Farnesse» —.

E cabanas pobres ardiam: e viúvas torciam os braços de dor
425 à beira do caminho; e ossos branquejavam entre a escuridão (?);
e não se via alegria de searas polígenas (?), nem a abundância dos
homens livres. — E eu senti bem que a Távola Redonda, já não
guardava o Reino. E cheguei a Farnesse, por uma noite de neve:
E um monge veio abrir a portaria, amparando na sua mão tré-
430 mula uma luz mortíça. E ali contei-lhe o que vira nos ares — e
o que encontrara nas terras — E ele disse: «Ó Sir Santo!» E ele
contou-me como Modred, o covarde, surpreendera Lancelot no
leito de Ginevra, beijando-lhe, tremulante, os lábios. E envergo-
nhados fugiram, Lancelot para o seu castelo de Além-mar, e
435 Ginevra, para a Abadia de Allenbury: e houvera lágrimas em
Camelot. E Artur, traído, foi guerrear Lancelot no seu forte
castelo à beira mar; e ali morreram em crua batalha Guiron,
flor de cortesia, e Gareth, principal filho de Lot, e o Sir
Valence — E enquanto Artur batalhava, Modred reuniu barões
440 desleais, e governou o Reino: e Artur veio atacá-lo nos descam-
pados do Este, e todo o rumor da batalha rolou, junto ao mar
de Inverno; e ali Artur caiu. E Sir Belvedere disse: — «Eu era
forte então, e tomei-o nos meus ombros, e levei-o junto a um
lago, ao pé duma rocha, onde se torcia ao vento uma árvore
445 despida: e era lua cheia. E ferido no peito Artur jazia; mas en-

430: D. Maria Eça de Queirós introduz aqui uma passagem riscada no manuscrito e que é a seguinte: «E exclamou, com um santo terror: Sir Galahad, Sir Galahad — e fazia grande maravilha dos meus cabelos loiros, e da minha face lisa. E eu não [conheci] Belvedere: porque tinha as barbas brancas dum antepassado, e a tremura dum humilde. E agasalhou-me na sua cela, e servindo-me, havia no seu olhar como uma devoção» (ed. cit., p. 152, onde nada indica que a passagem em questão está riscada no manuscrito). Beatriz Berrini retoma também este passo, mas assinala que está riscado no original (ed. cit., p. 1874).

437: Guiron, como Gauvain (ou Gavain, ou Gawain) também merece o epíteto de «flor de cortesia». Um romance tardio intitula-se, de resto, *Guiron le Courtois*. A grafia queirosiana não deixa aqui nenhuma dúvida; além disso, Gauvain morre antes da batalha que provoca a morte de Artur.

438: Lot, rei de Orcânia, tem quatro filhos, entre eles Gauvain et Gareth (ou Gaireth).

tão, uma barca aproximou-se do lago, toda coberta de veludo negro: e à popa iam três Rainhas (?) coroadas. E então Artur disse: ‘Ergue-me, meu bom fiel Belvedere, e aproxima-me da barca’; e as Rainhas tomaram-no nos braços, e uma deitou-lhe a
 450 cabeça no regaço, e as outras ampararam os seus braços descaídos: E Artur disse então, lentamente: ‘— Adeus oh terra!’ — Mas eu gritei: ‘Oh meu Rei, oh meu Rei, e eu? Eu onde irei, último dos Cavaleiros, só, neste vasto Reino? Levai-me convosco, Senhor Rei! Seja qual for a ilha onde abordeis, ou o paraíso onde
 455 reviveréis, — sempre desejareis falar dos grandes dias das grandes batalhas, e dos dias alegres da Távola Redonda? E eu ali estarei para recordar os feitos de armas, e para chorar os heróis mortos! Levai-me Vós, senhor rei? E (...) a vossa face real!? — E se um só dia voltardes a sofrer, eu voltarei para sofrer também. Levai-me
 460 convosco, Senhor Rei Artur’. Mas ele, com uma voz que ganhava uma harmonia estranha, disse devagar: ‘Adeus Terra! Adeus Reino. — Tu meu Belvedere — reza. Estas terras, que eu governei, ficam, ao cuidado de Deus. Nós passamos, outros homens virão — Pois como as folhas dum livro que se voltam, as épocas
 465 sucedem-se, e um interesse novo vem, que faz esquecer os velhos cuidados. Eu vim era no tempo — as criaturas eram como feras, e vim, para as tornar humanas. E se eu não voltar, outro, outros, ou outras ideias virão para tornar os homens anjos. Porque Deus torna cada dia mais visível e acessível o céu. E tu
 470 ora, ora por mim. Eu vou, com isto, que vês, para o Vale de Avalon: Ali não ressoam armaduras, nem há gemidos de enforcados; mas uma serenidade pousa sobre a alma, como pálpebras cansadas sobre os olhos adormecidos. Não sei se nunca mais

446: Grafia pouco clara; ler-se-ia antes «barco», mas na sequência é «barca» que se impõe.

458: Talvez : «protegerei».

466: Poderia completar-se : «era no tempo em que as criaturas».

473: D. Maria Eça de Queirós introduz aqui, na sua edição (p. 155), uma passagem riscada no manuscrito e que é a seguinte : «A vida é um curto espaço de sofrimento; mas não merece a serenidade eterna, quem não venha à terra para ajudá-la a melhorar» (ms., p. 15 rº, D. Maria corrigiu «para ajudar a melhorá-la»). Beatriz Berrini retoma este passo, nos mesmos termos corrigidos (ed. cit., p. 1875). Note-se que a frase seguinte, igualmente riscada, diz: «a vida é um sofrimento — pede a Deus que encurte o teu»; será retomada algumas linhas mais abaixo. Há uma outra recuperação de texto, injustificada na leitura,

475 nos veremos. Como um escudeiro, que despe um momento
 a armadura, e a retoma às ordens de guerra — talvez, em breve,
 à ordem do meu Deus, tenha de revestir a minha forma mor-
 tal — e vir batalhar, em seu nome, outras batalhas. A vida é
 um tempo de serviço e de sofrimento; todo o espírito a deve
 480 atravessar, e trabalhar: só assim se ganha a serenidade eterna;
 a vida é um período de sofrimento: pede a Deus que encurte
 o teu. — Quando, no reino, aqueles que eu servi, falarem de
 mim com saudade — diz-lhes que eu não fiz bastante: e diz o
 mesmo àqueles que me traíram, quando aqueles que me traí-
 ram falarem de mim com injúria. E quando parares em
 485 Camelot pensa em Artur com os seus. Adeus oh Terra adeus
 oh Reino. Outros tempos se aproximam — pede pela oração,
 que eles sejam bons para fracos —’.

E então uma música lenta e triste errou no ar, um choro
 gemente entristeceu todo o céu — e a barca afastou-se devagar,
 490 sem remo. E eu disse: ‘Adeus, meu rei! adeus, meu rei!’ — Subi
 à alta rocha, e ali, de joelhos contra a árvore, via a barca afa-
 star-se, afastar-se, e os panos de veludo, como véus funerários,
 arrastavam na água muda. Mudo, à luz duma [0] eu a distin-
 guia afastar-se — e revolia antigas memórias, e pensava ao vê-
 495 -la partir «quem o sabe quem o saberá; quem do mar (...) veio,
 para o frio mar voltará!» — Até que, na escuridão distinta da
 lua, a barca se dissipou, — e só ficou a lua, e a água. — E eu
 tornei a subir a fria colina: — e, sem voltar a olhar (...) a Camelot,
 recolhi-me a este mosteiro»: — E assim falou Belvedere.

que inclui o passo riscado, designadamente a «serenidade eterna». Como a introdução do passo riscado não se encontra assinalada em nenhuma das edições citadas, é claro que o texto apresentado não corresponde à redacção definitiva adoptada por Eça. Mas vê-se bem que a iniciativa das duas editoras precedentes tem por objectivo colorar de forma ainda mais cristã o passo em causa.

485: No manuscrito: «pensa que Artur com os seus.», o que leva a supor que falta «esteve aí».

499: D. Maria Eça de Queirós modifica esta penúltima frase do seguinte modo: «E eu, calado e triste, sem voltar a Camelot, recolhi-me a este Mosteiro» (ed. cit., p. 156). De facto, D. Maria recupera duas palavras riscadas no manuscrito, «callado e triste». Mas o problema é que o passo riscado completo é o seguinte (as palavras riscadas vão em itálico): «E eu *voltei, callado e triste*, tornei». Ora, na versão definitiva, Belvedere não volta; pelo contrário, o texto diz: «sem voltar». Na sua edição, Beatriz Berrini não reproduz as palavras riscadas.

Notas biobibliográficas

Eça de Queirós (1845-1900)

- 1845 25 de Novembro: nasce na Póvoa de Varzim. 1 de Dezembro: é baptizado em Vila do Conde.
- 1866 Forma-se em Direito e inicia a colaboração na «Gazeta de Portugal» (Lisboa).
- 1867 Director do «Distrito de Évora». Retoma a colaboração na «Gazeta de Portugal».
- 1869 Participa com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na criação de Carlos Fradique Mendes. Viagem ao Egipto e à Palestina.
- 1870 Administrador do concelho de Leiria. Publicação d'*O Mistério da Estrada de Sintra* (em co-autoria com Ramalho Ortigão).
- 1871 Início da publicação d'«As Farpas» (em co-autoria com Ramalho Ortigão). Participação nas Conferências do Casino (Junho), com uma intervenção provavelmente intitulada *A Literatura Nova (o Realismo como Nova Expressão da Arte)*.
- 1872 Cônsul de Portugal nas Antilhas espanholas (Cuba).
- 1874 Publica o conto «Singularidades duma Rapariga Loura». Parte para Newcastle (Dezembro).
- 1875 É publicado *O Crime do Padre Amaro* (1.^a versão) na «Revista Ocidental» (Lisboa), em versões portuguesa e espanhola. Inicia a revisão deste romance.
- 1876 Publica a segunda versão d'*O Crime do Padre Amaro* em livro e prepara *O Primo Basílio*. Possível redacção de «Sir Galahad».

- 1877 Concede e comunica ao editor o projecto das «Cenas da Vida Real», depois designadas «Cenas da Vida Portuguesa» e «Cenas Portuguesas».
- 1878 Publicação d'O *Primo Basílio* (1.^a e 2.^a edição). Muda-se para Bristol.
- 1880 Inicia-se a colaboração na «Gazeta de Notícias» (24 de Julho) do Rio de Janeiro. Publicação da terceira versão d'O *Crime do Padre Amaro* (2.^a edição em livro) e d'O *Mandarim*.
- 1882 Interrompe-se a colaboração na «Gazeta de Notícias» (24 de Outubro).
- 1884 Publicação da 2.^a edição d'O *Mistério da Estrada de Sintra*.
- 1885 Possível redacção de «Um Dia de Chuva» e «A Catástrofe».
- 1886 Casamento com D. Emília de Castro Pamplona.
- 1887 Publicação d'A *Relíquia*.
- 1888 Retoma-se pontualmente a colaboração na «Gazeta de Notícias» (2 de Abril e 15 de Agosto). Publicação d'Os *Maias* (em livro e n'«A Província de São Paulo») e d'A *Correspondência de Fradique Mendes* («Gazeta de Notícias» e «O Repórter»). Muda-se para Paris.
- 1889 Começa a ser publicada a «Revista de Portugal». Publicação, nessa revista, de cartas de Fradique Mendes.
- 1890-91 Publicação (2 volumes) de *Uma Campanha Alegre*, com a sua colaboração d'As *Farpas*.
- 1892 Termina a «Revista de Portugal». Início da última fase da colaboração na «Gazeta de Notícias» (18 de Janeiro); aí publica «Civilização».
- 1895 Possível redacção de «Engelberto».
- 1897 Termina a colaboração na «Gazeta de Notícias» (20 de Setembro). Início (Novembro) da publicação d'A *Ilustre Casa de Ramires* («Revista Moderna»).
- 1899 Fim (Março) da publicação da «Revista Moderna» e interrupção d'A *Ilustre Casa de Ramires*.
- 1900 16 de Agosto: morre em Neuilly. Publicação em livro d' *A Correspondência de Fradique Mendes* e d' *A Ilustre Casa de Ramires*.

- 1901 Publicação d' *A Cidade e as Serras*.
- 1902 Publicação de *Contos* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1903 Publicação de *Prosas Bárbaras* (ed. de Luís de Magalhães, com uma introdução de Jaime Batalha Reis).
- 1905 Publicação de *Cartas de Inglaterra* e de *Ecos de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1907 Publicação de *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1909 Publicação de *Notas Contemporâneas* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1912 Publicação de *Últimas Páginas* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1925 Publicação de *Correspondência, Alves & C.^a, O Conde d'Abranhos. Notas biográficas por Z. Zagalo e A Catástrofe e A Capital* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).
- 1926 Publicação de *O Egipto. Notas de Viagem* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).
- 1929 Publicação de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho), incluindo «Um Dia de Chuva» e «Engelberto».
- 1940 Publicação de *Cartas de Londres* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).
- 1944 Publicação de *Cartas de Lisboa* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).
- 1966 Publicação de *Folhas Soltas* (ed. de D. Maria de Eça de Queirós), incluindo «Sir Galahad».
- 1980 Publicação d' *A Tragédia da Rua das Flores* (edições divergentes).
- 1983 Publicação de *Correspondência* (2 vols., ed. de Guilherme de Castilho).
- 1989 Publicação de inéditos do espólio de Eça de Queirós: *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós* por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro.

- 1992 Publicação d' *A Capital!* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte).
- 1993 Publicação d' *O Mandarin* (ed. crítica por Beatriz Berrini).
- 1994 Publicação de *Alves & C.^a* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte e Irene Fialho).
- 1995 Publicação de *Textos de Imprensa VI* (da *Revista de Portugal*) (ed. crítica por Maria Helena Santana).
- 1999 Publicação d' *A Ilustre Casa de Ramires* (ed. crítica por Elena Losada Soler).
- 2000 Publicação d' *O Crime do Padre Amaro* (2.^a e 3.^a versões; ed. crítica por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha).
- 2002 Publicação de *Textos de Imprensa IV* (da *Gazeta de Notícias*) (ed. crítica por Elza Miné e Neuma Cavalcante).

Marie-Hélène Piwnik é professora catedrática («émérite») da Université de Paris-Sorbonne/Paris IV. Obteve o Doctorat d'État em 1985 na Université de Paris III — Sorbonne Nouvelle, com uma tese sobre as relações eruditas entre Espanha e Portugal no século XVIII, publicada em 1987 com o título *Échanges érudits dans la Péninsule Ibérique au XVIII^e Siècle (1750-1767)*. No domínio dos estudos queirobianos, é autora de cerca de trinta artigos e comunicações, privilegiando a última fase da escrita queirobiana, e também os contos, tendo redigido um prefácio para a respectiva edição na *Obra Completa* coordenada por Beatriz Berrini, para a editora Nova Aguilar (Rio de Janeiro).

Acabou de imprimir-se
em Junho de dois mil e três.

Edição n.º 1008211

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br

